

DIALOGOS

NA FRONTEIRA

ISSN 2448-0347

Revista Multidisciplinar do Campus Binacional Oiapoque
de Ensino, Pesquisa e Extensão – Ano 3 – 2020

DIÁLOGOS NA FRONTEIRA

Revista Multidisciplinar do Campus Binacional Oiapoque de Ensino, Pesquisa e Extensão Ano 3 – 2020

Reitor: Prof. Dr. Júlio César Sá de Oliveira
Vice-Reitora: Prof.^a Dr.^a Simone de Almeida Delphim Leal
Pró-Reitor de Administração: Seloniel Barroso dos Reis
Pró-Reitora de Ensino de Graduação: Elda Gomes Araújo
Pró-Reitor de Planejamento: Erick Frank Nogueira da Paixão
Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: Isan da Costa Oliveira Junior
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Amanda Alves Fecury
Pró-Reitor de Extensão e Ações Comunitárias: João Batista Gomes de Oliveira
Pró-Reitor de Cooperação e Relações Interinstitucionais: José Caldeira Gemaque Neto

Diretor da Editora da Universidade Federal do Amapá
Madson Ralide Fonseca Gomes

Editor-chefe da Editora da Universidade Federal do Amapá
Fernando Castro Amoras

Conselho Editorial: Luiz Gustavo da Silva Costa (Chefe), Eduardo Margarit do Carmo (Chefe Adjunto), Dinaldo Silva Júnior, Daniel Santiago Chaves Ribeiro, Diego Moura de Araújo, Nicolau Eládio Bassalo Crispino, Stéphane Granger.

Direção do Campus Binacional: Francisco Otávio Landim Neto, Roberto Veiga da Silva, Tayane dos Anjos Correa

Colegiado de História do Binacional: Alexandre Souza Amaral, Ana Cristina Rocha Silva, Dinaldo Barbosa da Silva Júnior, Gladson Paulo Milhomens Fonseca, Márcia Gomes Fernandes, Jonathan Vianna da Silva, Luiz Gustavo da Silva Costa, Evelanne Samara Alves da Silva

Todos los derechos reservados por ley y por convenciones internacionales. La producción textual es responsabilidad exclusiva de los autores. No comercial.



UNIFAP
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ



Universidade Federal
de Campina Grande



VNIVERSITAT
DE VALÈNCIA



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Cooperação Técnica: 01/2019 UFPG-UNIFAP (Pr. 23096.009582/19-98)

www2.unifap.br/oiapoque | www2.unifap.br/editora
portal.ufcg.edu.br | ch.ufcg.edu.br

SEÇÃO ARTIGOS COMPLETOS

EXCLUSÃO SOCIAL NA FRONTEIRA FRANCO-BRASILEIRA (2010-2015), por Luiz Gustavo da Silva Costa, Lilciane Ferreira Ribeiro e Terezinha de Jesus Ramalho
p. 8

UNIVERSIDAD PÚBLICA Y GESTIÓN GERENCIAL: IMPLICACIONES AL TRABAJO DE LOS PROFESORES, por Fabrícia Montenegro e Luis Aguillar Hernandez
p. 19

AS MARCAS E GRAFISMOS NA CULTURA INDÍGENA DO POVO KARIPUNA DA ALDEIA MANGA, OIAPOQUE-AP, por Evelanne Samara Alves da Silva, Doriedson dos Santos e Rair dos Santos Martins
p. 27

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM OIAPOQUE: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS OCORRÊNCIAS POLICIAIS (2015 – 2016), por Jéssica Mendes Dias e Márcia Gomes Fernandes
p. 41

ANÁLISIS Y REFLEXIÓN SOBRE LAS POLÍTICAS PÚBLICAS UNIVERSITARIAS-COMO TEMA SUSTANTIVO Y TRANSVERSAL-EN EL MARCO DE UN SEMINARIO DE POSGRADO EN ARGENTINA, por Marisa Zelaya
p. 47

SEÇÃO RESUMOS EXPANDIDOS

INFLUENCIAS EXTERNAS EN LA FORMACIÓN Y EVOLUCIÓN DE LA ETNIA KARIPUNA DEL OIAPOQUE-AP, por Luiz Gustavo da Silva Costa, Juliana Aniká dos Santos e Yuri Aniká dos Santos
p. 53

A PANDEMIA NA FRONTEIRA DO OIAPOQUE: QUANDO O PAPEL DA FRONTEIRA É QUESTIONADO, por Stéphane Granger
p. 57

CLASES ESPEJOS: POSIBILIDADES DE ENSEÑANZA E INTERCAMBIO ACADÉMICO EN TIEMPO DE PANDEMIA POR COVID-19, por Dinaldo Silva Júnior, Neida Albornoz Arias, Faber Alberto Peña e Carolina Ramírez Martínez
p. 63

A EXPERIÊNCIA DE DOCENTES DO MUNICÍPIO DE OIAPOQUE SOBRE O USO DE TIC NAS AULAS DE HISTÓRIA, por Evelanne Samara Alves da Silva e Alexmara da Paixão Miranda
p. 68

ELEMENTOS DA CULTURA MUÇULMANA NA ACADEMIA DE BOXE MESQUITA BROTHERS (JOÃO PESSOA-PB), por Gilda Pereira de Moraes Mariano e Matheus da Cruz e Zica
p. 73

SEÇÃO RESUMOS EXPANDIDOS

O DANO AMBIENTAL FUTURO NA SOCIEDADE DIGITAL DA INFORMAÇÃO, por Diego Moura de Araújo e Gisele Amaral Moura de Araújo
p. 77

CORPOREIDADE E ESPIRITUALIDADE NO EXERCÍCIO DO TAI CHI CHUAN, por Tannia Elisabeth Lucena Trigueiro e Matheus da Cruz e Zica
p. 83

PLAN DE INVESTIGACIÓN: REVOLUCIÓN TECNOLÓGICA DEL SIGLO XXI Y EL APRENDIZAJE SECUNDARIA EN MACAPÁ POR LA MIRADA DEL INTERACIONISMO SIMBÓLICO, por Luiz Gustavo da Silva Costa
p. 88

DINÂMICA SOCIOAMBIENTAL DA ATIVIDADE DE GARIMPO DE OURO NO MUNICÍPIO DE OIAPOQUE-AP, por Carlos Alberto Farias Borges e Eduardo Margarit
p. 94

SEÇÃO DEBATES E DILEMAS

LONGEVIDADE E APROPRIAÇÃO ICONOGRÁFICA: ASPECTOS HISTÓRICOS DA MENTALIDADE E DEMONIZAÇÃO EM TORNO DA ESTÉTICA DE BAPHOMET, por Rafael Trindade Heneine e Matheus da Cruz e Zica
p. 100

APRESENTAÇÃO

O ser humano possui uma intrigante necessidade de produzir conhecimento. Seja em qualquer campo do saber o Humano constrói conhecimento seja para se autoconhecer, conhecer o outro, conhecer fenômenos ou conhecer o próprio ato de produzir conhecimento. Esta fome, insaciável, se apresenta com uma necessidade constante e que se constitui numa força motriz que tira a humanidade da inércia e a impulsiona à resolução de problemas e desafios e para a sua construção, desconstrução, reconstrução. Neste contexto, o saber científico acadêmico ganha um papel de grande relevância, pois docentes pesquisadores a todo momento dedicam-se diuturnamente para planejarem propostas e reflexões de problemas sérios que afligem a humanidade como patologias, intempéries climáticas, problemas socioeconômicos dentre tantos outros que se objetivam aos pesquisadores e que muitas vezes se transformam em razão da vida de muitos destes. Neste sentido, os centros de pesquisa por excelência, as universidades se tornam espaços vitais para as regiões que as sediam. No Amapá, a Universidade Federal do Amapá - UNIFAP se destaca há 3 décadas como ponto de impulsão para o desenvolvimento do pensamento científico e sua extensão à fronteira franco brasileira, o campus Binacional de Oiapoque, que desde 2013 através de seus 8 cursos de graduação vem contribuindo para a população local na busca pela solução de seus problemas através do ensino superior universitário, da pesquisa problematizada a partir da realidade local e da extensão do conhecimento científico partilhado com a comunidade acadêmica e geral. Registre-se ainda o fato de que fazer ciência em uma localidade de difícil acesso e com recursos limitados representa um grande desafio e, dessa forma, a Revista Diálogos na Fronteira, que fora idealizada pelo professor Dr. Dinaldo Silva júnior (a ele um agradecimento imenso e especial por suas contribuições a Universidade Federal do Amapá, em especial ao Campus Binacional) é resultado de todo esforço daqueles que trabalham digna e incansavelmente para a construção de uma sociedade mais justa e com mais oportunidades a todos. Gostaríamos de agradecer à Universidade Federal do Amapá, à Universidade Federal de Campina Grande pela Colaboração Técnica, à Universidade de Valencia (Espanha), aos colegas (professores, técnicos e acadêmicos) do Campus Binacional que não mediram esforços para contribuir para que esta 3ª edição da revista fosse organizada e publicada. Ela é fruto de muito labor e dedicação daqueles que transformam suas vidas numa batalha diária para o bem social e disseminação do conhecimento.

Profº. Luiz Gustavo da Silva Costa - Chefe do Conselho Editorial

SEÇÃO ARTIGOS COMPLETOS

EXCLUSÃO SOCIAL NA FRONTEIRA FRANCO-BRASILEIRA (2010-2015)

Luiz Gustavo da Silva Costa¹
Lilciane Ferreira Ribeiro²
Terezinha de Jesus Ramalho³

Resumo: O presente ensaio visou discutir a questão da exclusão social na fronteira Franco – brasileira tendo como ponto de partida o sonho do enriquecimento fácil. Muitos dos emigrantes brasileiros não alcançam o almejado sucesso e são deportados para o Brasil. Muitos retornam ao município de Oiapoque – AP e compõem um substrato social marginalizado (desempregados, prostitutas, dependentes químicos) o que provoca o aumento de problemas sociais no município. A metodologia empregada consistiu em entrevista e pesquisa bibliográfica realizada no próprio município fronteiriço.

Palavras-chave: Exclusão social, Garimpo, desemprego e deportação.

INTRODUÇÃO

Uma das enfermidades sociais que assola nosso peculiar município de Oiapoque é a exclusão social que é caracterizada pela extrema pobreza, analfabetismo, desemprego, e a densidade demográfica causada pelo fluxo migratório. O agravamento desses problemas tem tomado grandes proporções no mundo capitalista que vivemos, ultrapassando o direito de cidadania garantido pela Constituição Federal.

Nas últimas décadas o país também apresentou um número acrescido de pessoas vivendo em situação de extrema pobreza com um nível salarial muito baixo, ou que não possuem uma organização familiar, muitas dessas por falta de oportunidade no mercado de trabalho migram para os grandes centros urbanos em busca de emprego, formando comunidades periféricas dentro dessas cidades que na maioria das vezes não apresentam um atendimento voltado para o bem-estar social,

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP (*Campus Binacional*).

² Graduada em Licenciatura em História pela UNIFAP (*Campus Binacional*).

³ Graduada em Licenciatura em História pela UNIFAP (*Campus Binacional*).

ficando a margem da sociedade, excluídos dos benefícios básicos, de saúde, educação e moradia.

Podemos ainda afirmar que outra causa para esta exclusão é a globalização que, em busca de políticas econômicas, acabam marginalizando esses indivíduos, como diria Milton Santos *a globalização é perversa*, deixando excluído os indivíduos que por algum motivo são vulneráveis a este desenvolvimento capitalista que visa beneficiar uma minoria, deixando a maior parte desses em situação marginalizada.

A Globalização trouxe consigo transformações no mundo e que mudaram a forma de entendê-lo, exigindo cada vez mais do indivíduo que se ajuste aos novos padrões sociais, independentemente da classe social em que ele está inserido. A grande incentivadora desse novo modo de vida é a mídia, que induz cada vez mais o modo de vida baseado no modelo econômico Capitalista. O indivíduo hoje, não luta apenas pela sobrevivência, mas busca a qualquer preço acompanhar o modelo de vida imposto pelo meio de comunicação em massa, mas nessa busca muitos vão ficando à margem, excluídos desse sistema que tanto exige do homem, por esse motivo esses dois mundos tanto do pobre quanto do rico podem se assemelhar por terem uma lógica de consumo, ideias parecidas, no entanto, nem todos tem a mesma oportunidade.

Mesmo que o poder pertença a uma minoria, o que se tenta passar para a sociedade é o reflexo do modelo de vida desses grupos, e essa ideia é comprada principalmente pela mídia que a qualquer custo busca internalizar na sociedade e reproduzir a imagem de um país igualitário, o interessante é que muitos compram essa imagem mesmo sabendo que a realidade é diferente em muitos aspectos do que a mídia produz. A corrida por se adaptar a esse modelo segue de diferentes formas e a migração é um dos fatores decorrentes dessa busca, o indivíduo procura se incluir nesse novo sistema mesmo sabendo que não é proporcionado para todos. Martins (2015) enfatiza que esse novo sistema não exclui, mais inclui, no entanto essa inclusão leva um período de tempo longo para acontecer, e por esse motivo a exclusão fica evidente na sociedade. Na verdade para ele essa exclusão não existe da maneira como vemos.

A exclusão social é algo típico das sociedades humanas, mas infelizmente temos olhos para observar somente esse problema em outros lugares, enquanto ficamos de

olhos vendados para a nossa própria realidade. Porém no lugar onde vivemos esse problema tem crescido e ficado evidente; nos levando a pesquisar os reais motivos que ocasionam essa exclusão no nosso município. Quando falamos nessa exclusão primeiramente imaginamos a pobreza. Existem no nosso município um índice grande de pessoas vivendo nessa situação. No entanto a busca por se encaixar nesse modelo econômico, no qual Martins fala, passa a durar mais tempo e muitas vezes não se encontra uma maneira de se incluir nele, e essa situação acaba se tornando um modo de vida, essas pessoas ficam sobrando nesse processo.

FRONTEIRA, GARIMPO E FISCALIZAÇÃO

Tratando dessa situação na cidade de Oiapoque, há de se considerar o fato de esta cidade ser área de fronteira com a Guiana Francesa, desse modo ela torna-se alvo de migração, onde os indivíduos imaginam encontrar meios para uma vida melhor. Alguns deles veem além das fronteiras a saída de uma vida de pobreza, buscando nos garimpos ilegais e na migração para a Guiana Francesa uma maneira de sobreviver, ou até mesmo com a ilusão da riqueza. Pois a moeda é forte nesse lugar, também possui um sistema educacional de qualidade e atendimento médico especializado.

Com a intensificação da fiscalização da fronteira, o fluxo de indivíduos com destino aos garimpos ilegais e em busca de trabalho informal nas guianas, tem sido combatido. No ano de 2010, ocorreu no rio Oiapoque, uma operação da Polícia Francesa de Fronteira os conhecidos militares (Gendarme), que confrontou com embarcações de garimpeiros ilegais; muitos indivíduos se ariscam nessa vida clandestina, por apresentar uma demanda de garimpos ilegais muito grande essa região torna-se alvo de um forte fluxo de migrantes que andam em busca desse modo de trabalho, o que é interessante e que esse fluxo acaba proporcionando um mercado ilegal, onde o tráfego de canoas que levam e trazem esses migrantes que se deslocam para essas áreas, também transporta uma grande quantidade de mercadorias e drogas para esses garimpos.

A migração para as áreas de fronteiras acaba acarretando diversas situações, primeiramente o risco de ser preso pela polícia local, ou até mesmo perder a vida na travessia. No entanto essas situações parecem estar sendo ignoradas por essas pessoas, pois o desejo de mudar de situação financeira tem sido maior, fazendo esses

indivíduos arriscarem suas próprias vidas. Apesar de muitos que se aventuram nessa travessia serem influenciados pelas propagandas feitas pelos outros, colocam em questão o desconhecimento da própria realidade vivenciada nesses lugares, onde a ilusão de uma vida de riqueza acaba proporcionando uma vida de escravidão.

A história humana mostra-nos que a escravidão é uma instituição sempre presente e não se restringe àquela que ocorreu no período Moderno na América Colonial, mas desde que o ser humano passou a viver em sociedade e em grupos, a escravidão sempre esteve presente, como no Egito antigo, Grécia e Roma. No entanto as formas de trabalho compulsório que ocorrem em pleno século XXI, estão escamoteadas. Seria uma hipocrisia da nossa parte não reconhecermos a sua existência nesse processo migratório, onde as pessoas permanecem vivendo numa situação de escravidão, principalmente aquelas clandestinas que se deslocam para os garimpos ilegais, sem direitos trabalhistas vivendo uma verdadeira exploração.

MULHERES, GARIMPO E PROSTITUIÇÃO

Contudo, a vida nos garimpos ilegais não se resume apenas em migrantes que trabalham braçalmente para obter riqueza, mas a grande questão em meio a toda essa situação que seria o outro lado da moeda a enfatizar dessa migração ilegal são os fatores decorrentes dela como a prostituição o alcoolismo e as drogas dentro desses garimpos, muitos indivíduos ficam devendo e para pagar suas contas permanecem por vários anos trabalhando para os donos das máquinas nesses garimpos e quando conseguem mudam-se para outro e começam tudo de novo.

No que diz respeito a prostituição é certo que algumas mulheres vão por conta própria para participar desse mercado sexual que é movimentado pelo ouro, mas outras vão iludidas até mesmo enganadas, muitas vão com o objetivo de trabalhar como cozinheira doméstica e acabam sendo vítimas dessa realidade. Martins (2015) nos diz que a prostituição é um mercado que querendo reconhecer ou não é uma forma que essas mulheres encontram para se incluir nesse novo sistema, mas acaba denegrindo sua própria imagem moralmente perante os olhares de grande parte da sociedade.

Esses são os casos mais comuns ocorridos no município, onde mães pela própria necessidade de se adaptar a esse sistema deixam seus filhos com outras

peças para se aventurar nessa prática ilegal, ou até abandonam seus filhos e familiares na procura de melhores condições de trabalho, se conseguem são raros os casos de alguém enriquecer, muitos conseguem voltar mas e aqueles que ficam ou até mesmos morrem por decorrência de doenças e principalmente desentendimentos com os outros, acabam se matando em busca dessa tão sonhada vida de riqueza. Inúmeras famílias ficam por anos aguardando notícias que nunca chegam.

Em entrevista feita com o senhor Francisco, que já trabalhou em alguns dos garimpos ilegais em território francês foi possível analisar através da descrição desses locais a vida de sofrimento que ele já passou, ele falou do controle por parte da polícia francesa mas também ressaltou o controle por parte daqueles que se dizem donos desses locais, uma realidade somente conhecida por quem vive ou já viveu, até a chegada e a saída de trabalhadores é controlada por eles; outro ponto importante dessa entrevista foi quando ele falou como era a vida das mulheres nesses locais, “a vida delas não é fácil, muitas vão para o trabalho de prostituição ganham seu ouro mais tem que dividir com o dono das *currutelas* sem contar que a partir de que são tratadas como tal elas estão sujeitas a ficar com qualquer um são supervisionadas por alguém lá de dentro e são obrigadas a consumir o máximo de bebidas e até drogas com o seu parceiro”. Outro fato importante citado na entrevista, foi sobre algumas mulheres que são enganadas oferecem seu serviço como cozinheiras e chegam nesses locais para serem prostitutas a maioria sofrem para se adaptar a essa nova realidade causada pela busca de melhoria.

Como já foi dito a migração nessa perspectiva pode ser bem vista como um tráfico, pois algumas pessoas divulgam um tipo de trabalho que não existe algo totalmente ilusório, onde as pessoas por extrema necessidade acreditam e tornam-se as próximas vítimas. O senhor Francisco ainda disse que existem alguns grupos que investem em regiões onde existe um alto grau pobreza e marginalidade abordando famílias que vivem em situação de total exclusão, pois fica mais fácil de manipular as jovens oferecendo um bom salário para serviços domésticos em Oiapoque e em Caiena.

OIAPOQUE E A EXCLUSÃO SOCIAL

Quando falamos no município de Oiapoque poderíamos compará-los com qualquer outro município do Estado? Claramente não seria possível pois mesmo sendo uma cidade pequena, simples e desorganizada no que diz respeito aos padrões urbanísticos dos grandes centros, esta tem sua especificidade, primeiramente por fazer fronteira com um território francês e também por ser conhecida como uma cidade onde circula bastante dinheiro tem a presença do tão cobiçado ouro e possui uma moeda forte (euro). No entanto o que não fica evidente e esclarecidos são os fatores decorrentes disso, o que seria o outro lado da moeda, um local com um índice de pobreza elevado a busca constante por oportunidades de empregos na cidade francesa os riscos enfrentados por essas pessoas sem contar com o tráfico de drogas e até mesmos de pessoas.

A vulnerabilidade da floresta, a pobreza da população amazônica e a localização próxima aos principais produtores de coca (*Erytharoxylon coca*) - Bolívia, Colômbia e Peru- colocam a Amazônia na trama das redes internacionais do tráfico de drogas, destacando o papel do Brasil como local de beneficiamento e distribuição de cocaína para a Europa. (NASCIMENTO, 2010. Pp 1.)

Uma cidade que tem um perfil periférico e serve necessariamente apenas como porta para entrada e saída para a Guiana Francesa e garimpos ilegal, por esse motivo muitos indivíduos não se importam com a desorganização desta cidade. Até pouco tempo, o movimento do comércio local, que é praticamente livre de impostos e fiscalização só tende a crescer, conseqüentemente a cidade continua sem estrutura, o que mais interessa aqui é o crescimento do lucro para um determinado grupo a minoria.

Atualmente ainda é vista um grande fluxo de pessoas diariamente transitando na cidade, em busca de oportunidade para atravessar clandestinamente para o lado francês. Muitos ficam nessa espera por algum período, e acabam se fixando em bairros afastados do centro da cidade, vivendo sem a menor condição, passando necessidades até surgir a oportunidade ideal, pois existem pessoas que fazem essa travessia, já conhecem o movimento feito pela polícia francesa e acham uma forma mais discreta

de atravessar. No entanto essas pessoas tentam se encaixar nessa nova realidade e construir sua identidade, pois é certo que as dificuldades são inúmeras para esses migrantes em se adaptar, e por esse motivo MARTINS (2015), fala que a migração compreende três fases.

Quando falamos dessa migração, o objetivo principal dessa busca é a melhoria da condição financeira dessas pessoas. No entanto esses contam também com os benefícios que podem ter na cidade francesa, como educação e principalmente o atendimento médico; pois a saúde no município de Oiapoque não é a melhor e merece destaque nesse contexto, pois aqui ela também é mais uma mercadoria que gera altos lucros. Não é difícil percebermos o quanto a população sofre com a péssima estrutura que se encontram os postos de atendimento desta cidade; quando não falta médicos falta medicamentos, ou até mesmo aparelhos que poderiam salvar vidas.

A saúde hoje é vista mais como uma rede de comércio, onde proporciona para quem investe nessa área altos lucros. A população do Brasil até mesmo em alguns lugares do mundo, o Estado não consegue dar assistência suficiente para todos, fazendo com que a doença dos mais carentes se torne um problema político para a sociedade, mesmo assim, esse problema não deixa de enriquecer quem investe nesse negócio. No entanto a saúde é muito importante pois uma pessoa saudável está apta para oferecer sua mão-de-obra; uma questão parecida foi tratada por Foucault em *Microfísica do Poder*, onde diz que a população com saúde seria rica, porque viveria mais, trabalharia mais e conseqüentemente acumularia mais capital para o aparelho do Estado, alertando para a manutenção e preservação da saúde do indivíduo. E como sabemos, o Brasil recebeu esse tipo de conscientização muito tarde a introdução da medicina só ocorreu com a vinda da família real, com isso ainda hoje o Brasil possui uma enorme carência nessa área, e no município de Oiapoque essa realidade não seria diferente.

Agora imaginemos um local onde a saúde é péssima, mas ainda consegue transportar uma grande quantidade de remédios para os garimpos de forma ilegal, isso é possível porque o que move essa prática é o lucro e esse mercado clandestino de mercadorias, ouro e medicamentos movimenta muito o capital e facilita a lucratividade dos comerciantes locais, ao que pode se perceber essa prática ainda perdurará por muito tempo, pois a falta de fiscalização voltada para esse comércio

mesmo que aos últimos anos tenham se intensificado ainda não é o bastante para coibir esse mercado.

Mas enquanto nenhum acordo procede, os emigrantes brasileiros continuarão passando por esse constrangimento, vistos por eles como criminosos enquanto este tem o livre acesso na cidade brasileira, sem ao menos serem ridicularizados pela fiscalização local, e essa é a maior indignação dos brasileiros, pois são considerados incapazes por muitos franceses de fazer parte da sua sociedade. Enquanto eles usufruem do melhor que podemos oferecer, nós temos que nos contentarmos com as migalhas que restam dessa injustiça. Mesmo que nos últimos anos o Estado amapaense e o francês tendo estabelecido acordos que facilitem a entrada de brasileiros no seu território, ainda há restrições para essa circulação, somente as pessoas que tenham residência fixa e vínculo empregatício conseguem um documento para circular na área comercial francesa, uma forma de movimentar o comércio local, na verdade isso seria uma espécie de maquiagem a situação real pelo qual os brasileiros são obrigados a passar.

O problema tratado por muitos pesquisadores com relação a fronteira franco-brasileira amapaense é voltada para a questão de domínio territorial, sua condição periférica e ao mesmo tempo estratégica, por estar localizada ao lado de um representante da União Europeia, que visam um futuro próspero para a região. No entanto o que tratamos neste trabalho é uma realidade pouco conhecida pelas pessoas que estão fora dela. Tratar somente da importância da realização de acordos entre os dois países não é o único embate ocorrido no território fronteiriço Brasil e França, mais mostrar que a questão vai muito além. O que podemos apontar com relação a tensões territoriais é que uma vez o lado francês sendo considerado um lugar desenvolvido político e economicamente em relação ao território brasileiro esse modo de pensar causa uma série de conflitos e preconceitos que refletem principalmente nos brasileiros.

Quando falamos, na interação entre esses dois lugares, que vizinhos ou não, apresentam realidades totalmente diferentes um do outro. O lado brasileiro com um perfil periférico, simples que ainda tenta acompanhar a modernidade e o avanço tecnológico, o outro já possui uma lógica de mercado fortalecida com uma economia superior a do território brasileiro. A fronteira franco-brasileira passa por um impasse

nas esferas diplomáticas, sem a firmação de novos acordos, essa situação não traz nenhum benefício para os emigrantes e para a população local, que almejam ser aceitos pelos guianenses de forma digna sem serem vistos como criminosos e inferiores, sendo tratado de forma injusta.

O que podemos esclarecer até o momento é que essa situação não irá melhorar somente com os acordos formais, mais que tudo depende do consenso entre as duas nações que querendo ou não prejudicam o bem estar-estar social das pessoas que buscam por melhores oportunidades. Contudo enquanto nada procede os migrantes que vem de estados como o Maranhão e o Pará, arriscam suas vidas fazendo a travessia ilegal para a cidade de Caiena, onde acreditam encontrarem melhor condição de vida, que muitas vezes se deparam com uma realidade totalmente diferente do que se esperava, começam a viver suas vidas clandestinas e as dificuldades em se adaptar a um novo ambiente.

A grande preocupação dessas pessoas ao chegarem à Guiana Francesa é conseguir o tão famoso “papel”, um documento que dá liberdade para esses permanecerem nas cidades francesas, mas a dificuldades são maiores, são poucos os casos bem sucedidos, na maioria das vezes os indivíduos são deportados para outros lugares, o lugar mais comum onde esses são deportados é o município de Oiapoque que não possui uma estrutura para receber esses migrantes e serve como abrigo para essas pessoas que passam a viver à margem, excluídos.

Com a construção da ponte entre Brasil (Amapá), e França (Guiana Francesa), criou-se muitas expectativas por parte das pessoas que esperavam maior facilidade para entrar no território francês, buscava-se principalmente interesses políticos e econômicos por parte das autoridades políticas. No entanto essa expectativa foi por água abaixo, pois a realidade se tornou outra, a negociação não depende das esferas locais e sim acordos entre países, hoje a Ponte Binacional está apenas como uma prótese sem utilidade ligando os dois territórios, o que se esperava era que essa rede fronteiriça se tornasse uma rede de cooperação maior entre os dois países assim como PORTO a definiu.

[...], construção da ponte binacional, iniciada em 2010, ampliando o grau de integração e interação espacial do Amapá

com o norte da América do sul, em especial com o representante da União Europeia. (PORTO, 2010. Pp 151).

Entretanto com essa situação as pessoas continuam a esperar que os países firmem acordos para facilitar a entrada de brasileiros em território francês, mas o que pode se concluir que a construção da ponte binacional somente mostra que houve a ligação dos dois lugares juntando as fronteiras físicas, mais no que diz respeito as fronteiras políticas e econômicas ainda está longe de ser firmado acordos que facilitem a vida desses migrantes entre os dois países, pois suas condições econômicas e políticas são diferentes, um dispõem de todos os aparatos tecnológicos que existem e o outro ainda tenta acompanhar esse processo de globalização.

No que diz respeito a essa busca desenfreada por melhoria de vida, é possível notar que esses migrantes se arriscam na travessia para o território francês iludidos por esse ideário Capitalista, os que conseguem atravessar convivem diariamente com o preconceito, poucos são os que conseguem se legalizar e usufruir dos direitos básicos de cidadania , enquanto a maioria vive sem documento enfrentando cada dia um obstáculo, tendo sua mão-de-obra explorada, pois seus patrões não declaram nenhum vínculo empregatício legal, tornando-os invisíveis perante a sociedade local, conforme afirmou PINTO.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ensaio procuramos descrever a partir de fontes bibliográfica e entrevista que o sonho da aventura em busca do enriquecimento de brasileiros que migram para a Guiana Francesa a partir do município de Oiapoque-AP pode resultar em riscos que ameaçam a perda da vida, humilhação, perseguições e deportação de volta ao Brasil. Muitos, sem condições de arrumar empregos dignos ao retornarem dedicam-se a atividade informais ou marginais como a mendicância, prostituição dentre outros compondo um substrato social excluído. De um modo em geral entendemos que a exclusão social é um fator presente na sociedade brasileira causada por diversos problemas como, pobreza, analfabetismo, fluxo imigratório e desemprego. Na cidade de Oiapoque esse fator não é diferente, por ser uma área de fronteira, ela é procurada por imigrantes, que fazem a travessia de forma ilegal para o lado francês, resultando

na deportação deixando um saldo negativo de excluídos desiludidos com o sonho do enriquecimento fácil.

REFERÊNCIAS

FRIGOTTO, Galdêncio. *Educação e Crise do Capitalismo Real*. São Paulo: Cortez, 1996.

KOWARICK, Lúcio. *Viver em Risco*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

KOWARICK, Lúcio. *Capitalismo e Marginalidade na América Latina*. 2ªed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

MARTINS, José de Souza. *Exclusão Social e a Nova Desigualdade*. 6ª ed. São Paulo: Paulus, 2015.

MARTINS, José de Souza. *A imigração e a Crise do Brasil Agrário*. São Paulo: Pioneira, 1973.

NASCIMENTO, Durbens Martins; COUTO, Aiala C. de Oliveira; FERREIRA, Aurilene do Santos. Estado, Fronteira e Redes na Amazônia: Uma Contribuição ao Debate. In: **Inserções fronteiriças no Platô das Guianas: Novas Territorialidades**. Macapá: Publit, 2010.

PORTO, Jadson Luís. *A Condição Periférica da Amazônia Setentrional: A Inserção do Amapá no Platô das Guianas*. IN: **Inserções Fronteiriças no Platô das Guianas: Novas Construções, Novas Territorialidades**. Macapá: Publit, 2010.

PINTO, Manoel de Jesus de Souza. *O Fetiche do Emprego: Um Estudo Sobre as Relações de Trabalhos de Brasileiros na Guiana Francesa*. Belém, 2008.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

UNIVERSIDAD PÚBLICA Y GESTIÓN GERENCIAL: IMPLICACIONES AL TRABAJO DE LOS PROFESORES

Fabrícia Montenegro¹
Luis Aguillar Hernandez²

1 INTRODUCCIÓN

La Reforma del Estado fomentada en la década de 1990 en Brasil introdujo en la gestión pública una fuerte orientación gerencial con énfasis en la productividad. La diseminación de ese paradigma definió nuevas relaciones en el interior del Estado, entre éste y la sociedad civil y el mercado. La reforma administrativa buscó consolidar un nuevo diseño institucional para la administración de las políticas públicas educativas, incorporando las prácticas de gestión tradicionalmente utilizadas por la iniciativa privada como la alternativa más eficiente a la búsqueda de resultados positivos cuanto a los servicios prestados, a partir de modelos más flexibles de gestión y regulación.

El gerencialismo influenció decisivamente en la gestión de las instituciones universitarias, que sufrieron un intenso proceso de privatización endógena. En su momento, subrayamos, a partir de las contribuciones de Ball (1998) y otros estudiosos, que tales cambios son parte de una política global que, aunque se concrete de diferentes formas en las diversas sociedades, tiene en común, en el ámbito de la educación, la performatividad y el gerencialismo como mecanismos de evaluación, que exige de los profesores un profesionalismo casi inalcanzable, pero que se refleja en su ética de trabajo, en su modo de ser profesor (subjetivamente) y en las relaciones con sus compañeros de profesión.

2 LA LOGICA DEL GERENCIALISMO Y SUS IMPLICACIONES EN LA DINÁMICA DE LAS UNIVERSIDADES Y EN EL TRABAJO DE LOS PROFESORES

¹ Profesora da Universidad Federal de Paraíba/Brasil

² Profesor de la Universidad de Valencia/España

El gerencialismo, surgió en el contexto de la “Nueva Gestión Pública” a mediados de los años 1980 y 1990, en los gobiernos de Margareth Thatcher, en Inglaterra, y de Ronald Reagan, en los EUA. En ambos países, el movimiento gerencialista en el sector público estuvo basado en la cultura emprendedora, reflejo del capitalismo flexible que se consolidó en las últimas décadas. Para Ball (2001), “el espectro y la complejidad de estas reformas son impresionantes. Ellas “tejen” un conjunto de políticas que relacionan el mercado con la gestión, y la performatividad, transformando la naturaleza del propio Estado” (p. 104). La lógica del mercado adoptada ha provocado cambios profundos en relación a la regulación del Estado, o aquello que Ball (2001) llama de (re)regulación del Estado, lo que significa decir que “nuevas formas de vigilancia y autocontrol son instituidas” (BALL, 1998, p. 128).

El Estado continúa teniendo el control sobre la ejecución de los servicios, a través de indicadores cuantitativos de desempeño individual e institucional bajo los principios de eficiencia y productividad. Las consecuencias del gerencialismo como una tecnología normativa provoca, por tanto, cambios sustantivos en las instituciones y principalmente, en sus agentes, ya que remodela las relaciones de poder y afecta cómo y dónde son hechas las opciones de políticas sociales” (CLARKE, COCHRANE, MCLAUGHLIN, 1994, p.4). Hay un cambio de la propia identidad social, ya que las relaciones interpersonales son también transformadas y reconstruidas a partir de nuevos valores, nuevos papeles y nuevas relaciones de poder: “los sujetos representan el recurso central en este sector público transformado en un sector público empresarial” (BALL, 2005, p. 117). El discurso del Nuevo Gerencialismo como tendencia hegemónica viene influenciando concepciones y prácticas organizacionales de los servicios públicos en el ámbito mundial.

En el caso de Brasil el gerencialismo como modelo para la reestructuración del Estado fue implementado en la gestión del presidente Fernando Henrique Cardoso. El discurso político de naturaleza liberal relacionó la crisis del nacional desarrollismo al autoritarismo y a la incapacidad del Estado brasileño, y apuntó como el camino más eficiente y eficaz para el retorno del crecimiento económico, la adopción de las estrategias neoliberales de estabilización económica y cambios administrativos como mecanismo de regulación.

El Sistema de Educación del Brasil ilustra vivamente en el ámbito de las políticas sociales, la nueva dinámica que ha sido implantada en la gestión pública. De acuerdo con Silva y Castro (2014), la Enseñanza Superior, por ejemplo, ha experimentado reformas importantes a partir de la Ley de Directrices y Bases de la Educación (LDB) nº 9394/96, que impactaron muchísimo en su forma de organización, en la diversificación de los cursos, en la gestión de servicios educativos y en la autonomía universitaria, entre otros aspectos las actuales políticas dirigidas a la Enseñanza Superior y, especialmente, a las universidades federales, se orientan a expandir el acceso, bajo la lógica racional de los recursos físicos y humanos existentes.

Para Apple (2013) es cada vez más evidente que la universidad no ha sido capaz de mantenerse al margen “de las lógicas y de los procesos de gestión y racionalización que están cambiando casi todos los segmentos de la sociedad” (APPLE, 2013, p. 345), en tanto se están desarrollando instrumentos que favorecen y amplían los procesos de mercantilización de la producción académica y de la gestión universitaria.

De acuerdo con Ball (2013), la privatización toca en diversos aspectos de la política pública educativa y de la gestión de las instituciones educativas, como las universidades, sometiéndolas a un “nuevo ambiente moral” (Ball, 2001, p. 129), cuyo “aspecto clave” concierne a la relación existente entre la privatización y el desempeño que exige de los individuos y de las instituciones mostrar los resultados educativos y académicos alcanzados como productos cuantificables y como base para comparaciones y atribución de valor.

El campus universitario como institución social puede manifestar y reflejar a estructura y el funcionamiento de la sociedad como un todo. Es común identificar en el interior de la universidad la presencia de acciones, proyectos, actitudes e intereses conflictivos que son similares a las contradicciones de la propia sociedad. Bourdieu (2008) afirma que el campo universitario y las posiciones ocupadas por sus agentes “jamás se libran completamente de las necesidades externas de la reproducción social (BOURDIEU, 2008, p. 76).

Esto no significa que hay una reproducción mecánica de la lógica neoliberal en las universidades públicas, aunque no haya dudas en relación a la influencia estructurante de ésta en el interior de las instituciones. La universidad como un campo

posee autonomía y dinámicas propias “no reductibles a procesos sociales más generales” (MARTIN CRIADO, 2010, p. 167). Hay una autonomía relativa en su funcionamiento, un sistema de relaciones en el interior del campo, por eso, la universidad, necesita ser analizada en su seno, en su dinámica, en sus luchas.

Hay internamente una distribución diferenciada de poder y posibilidades desiguales de inserción e intervención en su dinámica. Aquellas que asumen una posición dominante en el campo, ciertamente, poseen un acumulo de capital específico (en el caso del campus universitario, podemos indicar como ejemplos, el número significativo de citas en periódicos, publicaciones, participación en editoriales de revistas, número de orientaciones en postgrado), resultado del prestigio otorgado por los agentes del propio campo.

Según Bourdieu (2008), el comportamiento y las estrategias desarrolladas por los profesores (agentes) en el campo universitario están relacionados a sus posiciones institucionales, es decir, ‘(...) a su dependencia o su independencia con respecto a los poderes temporales y también a diferencias en las disposiciones de los agentes, más o menos inclinados o condenados a la conformidad o a la ruptura” (BOURDIEU, 2008 p. 88). Bajo ese punto de vista, es preciso analizar los cambios que se están produciendo en las universidades, tanto en relación a las cuestiones estructurales de ese campo social y su gestión, como también en relación a sus interrelaciones, los efectos políticos y subjetivos que han surgido y que “promueven nuevos valores, nuevas relaciones y nuevas subjetividades en las arenas de la práctica” (BALL, 2001, p.103).

Es decir, es preciso tener atención al que Bourdieu (2008) indicó sobre cómo los profesores universitarios de diferentes categorías han vivenciado los cambios, cómo se comportan, qué influencias reciben, cómo participan de las disputas por el poder, qué posiciones ocupan en el juego, cómo los profesores universitarios de diferentes categorías han vivenciado los cambios, cómo se comportan, qué influencias reciben, cómo participan de las disputas por el poder, qué posiciones ocupan en el juego, etc.

La universidad pública ha sido cada vez más presionada a introducir en su funcionamiento cotidiano la cultura externa de los sistemas empresariales competitivos, lo que genera nuevas relaciones de poder. Los cambios ocurren muchas veces de forma silenciosa y continua, involucrando los agentes en ese proceso para

que estos sientan la necesidad de acompañar los cambios y se responsabilicen de ellos en nombre de la prosperidad, satisfacción y bienestar personal, pero también de la institución. Hay una construcción, en proceso, que forma un nuevo ambiente moral de este campo, que introduce la cultura de autointerés, es decir, los “procedimientos de motivación incluidos en este nuevo paradigma de gestión pública, licitan y generan los impulsos, relaciones y valores que fundamentan el comportamiento competitivo y la lucha por la ventaja” (BALL, 2001, p. 106).

Según Bourdieu (2008) hay en ese proceso una ruptura decisiva con los principios fundamentales de la autonomía académica y con los valores y desinterés de gratuidad y de la indiferencia a las sanciones y exigencias de la práctica académica. La nueva lógica de gestión y de performatividad provocan alteraciones importantes en la forma de enseñar y en la subjetividad de los profesores, ya que pasaron a ser juzgados de diversas formas, a través de instrumentos diversos, por agentes y agencias diferentes en momento de revisión, evaluación e inspección. Ello genera sensaciones de inseguridad, incertidumbre, inestabilidad en los profesionales. Además, sentimientos individuales como “orgullo, culpa, vergüenza e envidia (...), que generan una esquizofrenia institucional” (BALL, 2002, p.11).

Para Sennett (2006), el desempeño, la búsqueda por el resultado a corto plazo, la automoción, generan un individuo idealizado y aislado que necesita adquirir nuevas habilidades continuamente. Estos cambios han traído impactos emocionales y sentimientos negativos a los trabajadores, caso ellos no consigan alcanzar la medida de la evaluación y eficiencia establecida por la institución en un corto espacio de tiempo, o no tenga la capacidad potencial que se espera de ello para desarrollar su trabajo, y así contribuir con el éxito de la organización.

En el caso brasileño, llama la atención también la cuestión de la intensificación y precariedad del trabajo docente universitario en función de la productividad. Esas experiencias de intensificación del trabajo y de las exigencias en relación al aumento de la productividad ha sido cada vez más evidenciada, principalmente en las experiencias de los profesores que actúan en postgrado del país. Para Bianchetti y Machado (2009, p. 50), expresiones del tipo: productividad, competición, bajas laborales, asedio moral, estrés, presión, publicación, reducción de tiempo, tiempo medio de titulación, son palabras o expresiones frecuentes cada vez

más en el vocabulario de profesores, orientadores y coordinadores de programas de postgrado. Hacia Ball (2001) hay, en ese contexto, una adaptación de los docentes a los incentivos del mercado y del sistema. Es decir, el profesional acaba sometándose a los criterios como una estrategia de “auto-interés, manifestado en términos de supervivencia, rumbo al bienestar interno de la institución y de sus miembros” (BALL, 2001, p. 106).

De acuerdo con Montes e Farias (2013), hay, de un lado una aceptación deliberada de los profesores en relación a la lógica productivista y al mismo tiempo una relación dialéctica que transita entre el placer y el sufrimiento, pero que no es capaz de romper con esa lógica. Los sentimientos de placer y de deber cumplido, muchas veces mostrado por los profesores al alcanzar las metas exigidas por los mecanismos de regulación, muestran la internalización de estos agentes, de la idea de que el aumento de la productividad es una necesidad inaplazable. Funciona como una “especie de sedante, una droga, como algo que nos domina, que ilusamente nos hace sentir más potentes, o algo que nos aprisiona en la medida que nos genera sensación de que sin este algo, no podemos sobrevivir” (MMONTES E FARIAS, 2013, p. 39).

No se puede perder de vista que, a pesar de la influencia de las reformas y de los principios de la performatividad en la universidad pública y en el postgrado en particular, sus efectos en el interior de la institución van a depender y variar de acuerdo con los escenarios y los agentes que, en el contexto de la performatividad, pueden adherirse a sus imperativos y cumplimiento de sus metas, o negarse a ese proceso de competición, cultura del desempeño, del mérito y de la excelencia académica.

Para Bourdieu (2008), este comportamiento de los agentes/profesores puede ser explicado a partir de la noción de habitus, que indica las disposiciones socialmente constituidas e incorporadas por los agentes, que atribuyen significado a sus prácticas. Hay en ese contexto, una sintonía entre el comportamiento de los agentes y los condicionantes sociales, que interfieren en su modo de pensar, actuar, percibir y juzgar las situaciones en que están insertos. El habitus es resultado de la experiencia individual, de condiciones objetivas e históricas de los agentes, pero también y al mismo tiempo, resulta de interacciones sociales y relaciones de poder. El habitus, por

tanto, no es resultado de una aptitud natural del agente, sino una construcción social, dinámica, que cambia de acuerdo con el tiempo y con el lugar.

Así, es posible identificar aquello que Ball (2005) denomina de profesional auténtico, o sea, aquel agente que a pesar de estar inmerso en los cambios en el ámbito de su trabajo, no permite ser transformado por ellas. Él permanece en conflicto y cuestiona la valoración de la excelencia cuantitativa de la reforma. Para este profesional auténtico, valores como la conciencia política, la moral, la reflexión y el diálogo son más importantes y dan sentido a su trabajo. Ellos “luchan para saber cómo actuar moralmente en un contexto educativo incierto y continuamente en cambio” (BALL, 2005, p. 559).

Así, es preciso comprender la naturaleza del trabajo docente “producido por medio de la tensión entre las determinaciones estructurales de la realidad social y sus propias determinaciones específicas, que produce la alienación y, al mismo tiempo, engendra espacios de autonomía relativa (KUENZER Y CALDAS, 2009, p. 21).

3 CONCLUSIÓN

Consideramos fundamental que, a través de una construcción colectiva, la universidad consiga fortalecer su autonomía, teniendo como referencia sus valores institucionales, su cultura y principios. Es preciso preservar el sentido histórico y la función social del trabajo académico, para que él no sea corrompido por las exigencias del gerencialismo y de la performatividad. Los docentes de la educación superior son desafiados a mantener la reflexión y la vigilancia en el proceso de su trabajo, para que los cambios en la gestión, influenciada por la dinámica del mercado no sean capaces de minimizar los preceptos éticos que deben fundamentar su práctica académica.

BIBLIOGRAFIA

APPLE, Michel W; BALL, Stephen J.; GANDIN, Luís Armando. **Educação Crítica: uma análise internacional**. Editora Penso, em 2013.

BOURDIEU, Pierre. **Homo Academicus**. Buenos Aires: Século XXI Editores,

2008 traduzido por Ariel Dillon.

BALL, Stephen J. **Cidadania global, consumo e política educacional**. In: SILVA Haron S. (org). A escola cidadã no contexto da globalização. Petrópolis: Vozes, 2001.

BALL, Stephen J.; BAILEY Patrick; MENA Paula; DEL MONTE, Pablo, SANTORI, Diego, TSENG, Chun-ying; YOUNG, Helen; OLMEDO, Antonio. **A constituição da subjetividade docente no Brasil: um contexto global**. The constitution of teacher subjectivity in Brazil: some global context. In: Revista Educação em Questão, Natal, v. 46 n. 32, p. 9-36 maio/ago. 2013.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. LDB**. Recuperado en el 15 de febrero de 2014 de <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm#art92>

CLARKE, J.; COCHRANE, A.; McLAUGHLIN, E. **Managing social policy**. London: Sage, 1994.

CRIADO. Enrique Martin. **La escuela sin funciones. Crítica de la sociología de la educación crítica**. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2010.

KUENZER, Acácia, Z; CALDAS, Andrea. **Trabalho docente: comprometimento e desistência**. IN: FIDALGO, Fernando; FIDALGO, Nara Luciene Rocha. OLIVEIRA, Maria Auxiliadora M. OLIVEIRA; A intensificação do trabalho docente: tecnologias e produtividade. (orgs.) Campinas, SP: Papirus, 2009. – (Série Prática Pedagógica).

MACHADO, Ana Maria Netto; Bianchetti, Lucídio. **Trabalho docente no Stricto Sensu: publicar ou morrer?!** In: FIDALGO, Fernando; FIDALGO, Nara Luciene Rocha. OLIVEIRA, Maria Auxiliadora M. OLIVEIRA; A intensificação do trabalho docente: tecnologias e produtividade.

(orgs.) Campinas, SP: Papirus, 2009. – (Série Prática Pedagógica).

MONTE, Emerson Duarte. FARIAS, Lourimar de Matos. **O trabalho docente na expansão da educação superior brasileira: entre o produtivismo acadêmico, a intensificação e a precarização no Brasil**, 2013. Recuperado en el 16 de noviembre de 2015 <portal.andes.org.br/imprensa/publicações/impo-pub-/716063987.pdf>

SENNETT, Richard. La cultura del nuevo capitalismo. Barcelona: editorial Anagrama, 2006.

SILVA, J.S; CASTRO, A.M.D.A. **Políticas de Expansão para o Ensino Superior o contest do REUNI: implemetação do Programa na UFRN**. IN: Horos, ano 30; Vol. 6, 2014: Recuperado en el 17 de julio de 2015. <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/20537/1/Polit%C3%Adcas%20de%20expans%C3%A3o_2014.pdf>

AS MARCAS E GRAFISMOS NA CULTURA INDÍGENA DO POVO KARIPUNA DA ALDEIA MANGA, OIAPOQUE-AP

Evelanne Samara Alves da Silva ¹

Doriedson dos Santos ²

Rair dos Santos Martins ³

RESUMO

A pesquisa aborda marcas e grafismos indígenas em seu aspecto histórico, social e cultural, privilegiando o povo Karipuna, etnia localizada no município do Oiapoque, extremo Norte do Brasil, situado no Estado do Amapá. O trabalho versa sobre a importância de marcas e grafismos como expressão de uma gama de significados para os povos indígenas. A metodologia é sustentada pelo estudo de bibliografias sobre os povos indígenas de Oiapoque e apresentação e análise de marcas e grafismos produzidos por Edivando dos Santos Iaparrá, artesão, Karipuna, morador da aldeia Manga. O registro de imagens foi fundamental para a pesquisa e demarca uma fonte importante para o campo da História no presente. No artigo se privilegiou a discussão sobre o significado de marcas e grafismo para os povos indígenas e as peculiaridades de uma etnia específica, apresentando valores, crenças, rituais e percepções.

Palavras-chaves: Grafismos. Índios Karipuna. Oiapoque.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa aborda marcas e grafismos indígenas em seu aspecto histórico, social, cultural, privilegiando o povo *Karipuna*⁴, etnia localizada no município do Oiapoque, extremo Norte do Brasil, situado no Estado do Amapá, e busca responder sobre a importância de tais elementos para a compreensão da cultura *Karipuna*.

De acordo com os estudos de Vidal (2009, p. 56), “As marcas formam um conjunto expressivo e específico de motivos decorativos, pintados, gravados, traçados, recortados, em diferentes suportes, objetos da vida cotidiana ou cerimonial”, onde cada traço possui um significado, demonstrando sentimentos e aspectos do modo de ver o mundo de cada etnia.

¹ Professora da Universidade Federal do Amapá

² Discente do curso de História do Campus Oiapoque da Universidade Federal do Amapá

³ Discente do curso de História do Campus Oiapoque da Universidade Federal do Amapá

⁴ O povo *Karipuna* se autodefine sempre no singular.

Para os indígenas *Karipuna* as marcas e grafismos⁵ indicam uma identidade que cada povo carrega consigo, representam forças da natureza, estão relacionados à fauna e flora, têm importância em rituais e festas.

Para a apresentação de especificidades das marcas e grafismos *Karipuna*, serão expostos desenhos produzidos pelo artesão indígena Edivando dos Santos laparrá, artesão, morador da aldeia Manga⁶, com idade de 21 anos, que produziu exemplos de marcas e grafismos em folha de papel A4. No trabalho a presença da própria fotografia é marcante como fonte, por mostrar uma “materialização da experiência vivida” (CARDOSO; MAUAD, 1997, p. 572).

As imagens tornaram-se fontes privilegiadas para o estudo das mentalidades e dos costumes, por isso apresenta-se como parâmetro para o trabalho a história cultural e das mentalidades (VAINFAS, 1997), pois apresentam um interesse em formas de representação da realidade. Compreende-se as marcas e os grafismos como representações do mundo transformadas pelo indígena, que lê o mundo ao seu redor e o transforma em expressões visíveis. O conceito adotado de cultura foi o que considera a expressão do popular e a percepção de mundo de diferentes grupos.

2 MARCAS E GRAFISMOS INDÍGENAS

A arte indígena *Karipuna*, especificamente as marcas e os grafismos, sempre fascinaram os não índios que visitam a comunidade do Manga. Marcas e grafismos, formam parte da cultura desse povo, e seu significado depende da intencionalidade, onde e como são inseridos no contexto social.

A cultura indígena foi por muito tempo alvo de curiosidade. Os artefatos ameríndios foram coletados e transferidos para a Europa desde as primeiras viagens

⁵ A antropóloga Lux Boelitz Vidal (2001) afirma que os grafismos são identificados pelos indígenas como marcas, privilegiamos, no trabalho, os dois nomes escritos sempre juntos, porém, nós *Karipuna* costumamos conceituar que marcas são os traçados que possuem formas mais quadradas e os grafismos formas mais arredondadas.

⁶ A aldeia Manga está às margens do rio Curipi, é a maior aldeia *Karipuna*, com aproximadamente 1.090 pessoas, que compõem 300 famílias. Nossa aldeia foi fundada por Florêncio Primo dos Santos e Davina Monteiro dos Santos e sua família. Vivemos principalmente da caça e da pesca, somos também agricultores e trabalhamos com roças fazendo farinha, *tucupi* e goma de tapioca, e vendemos nossos produtos na cidade de Oiapoque, e em nossa aldeia há alguns funcionários públicos indígenas, na área da Educação e Saúde.

ao Novo Mundo. Apreciados por seu exotismo eram incorporados aos gabinetes de curiosidades ao lado de diversos outros materiais diferentes (VELTHEM, 1994).

Velthem (1994) menciona que as práticas artísticas dos povos indígenas possuem um caráter de integração com os diversos domínios culturais e uma natureza coletiva, múltipla e transformativa. Por isso, cada povo reconhece em suas criações uma forma singular de ver o mundo, a sociedade, os humanos e os seres invisíveis. Nas sociedades ameríndias, a arte não é um simples significante, ela produz comunicação e motiva a união entre a humanidade os seres sobrenaturais, em diversos campos da vida.

Sobre as marcas indígenas apontam Vidal, Levinho e Grupioni (2016, p. 241):

As marcas (*mac*, em *patoá*) formam um conjunto expressivo e específico de motivos decorativos, pintados, gravados, traçados e recortados, em diferentes suportes e objetos da vida cotidiana ou cerimonial. Apesar da grande padronização dos motivos, cada artesão tem seu estilo, sua excelência técnica e artística. Novas marcas podem ser inventadas e algumas meio esquecidas, lembradas. Tradicionalmente, estas marcas são sempre motivos geométricos, abstrato e nomeados. Representam, enquanto ícones, espécimes da flora e da fauna, especialmente a pele, as escamas, cascos e rastros de animais, escamas de peixe, casca de árvores e elementos naturais, como estrelas ou nuvens.

Vidal (2009) apresenta que os homens sonham as marcas e grafismos ensinados pelas entidades, os *karuanãs*, geralmente pela mediação do pajé, que os repassam para os artesãos responsáveis pela manufatura de mastros e bancos cerimoniais. As mulheres dizem seguir a tradição, algo orientado pelo seu próprio espírito, ou então sentem uma motivação imaterial para produzir os desenhos. As mesmas produzem um acervo convencional, mas aberto às variações e novos padrões. Quando as marcas e grafismos são pintados, os artesãos usam cores naturais de origem vegetal ou mineral, especialmente o Urucum⁷, o Jenipapo, *Cumatê*⁸ e o Carvão.

Vidal (2009) apresenta que os desenhos gravados nas cuias estão ligados à mitologia e a natureza, a este mundo e aos outros mundos imateriais. Nos motivos desenhados representam-se escamas, espinhas de peixes, podem lembrar casco de

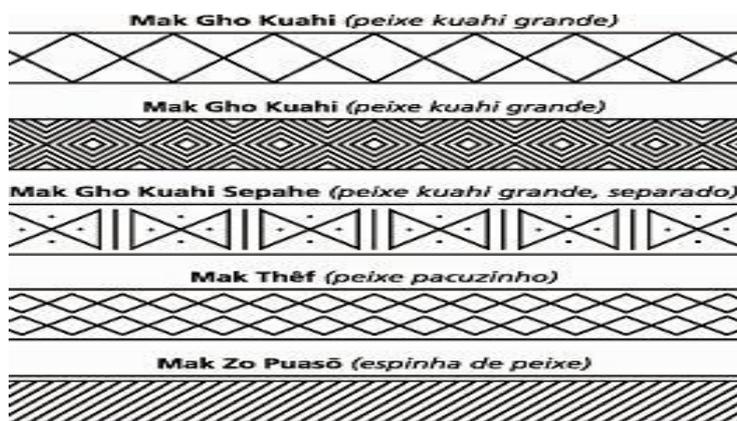
⁷ Urucum é o fruto do Urucuzeiro que dá uma tinta de cor vermelha usada para pintura de marcas e grafismos e também é muito utilizada para dar coloração aos alimentos.

⁸ *Cumatê* é tinta de cor vermelha escura, retirada da árvore de nome *Cumati*, a tinta é utilizada no cotidiano indígena para diversos desenhos em diversos suportes.

tartaruga, teia de aranha, pelos de porco do mato, folhas de palmeiras, estrela d'alva, nuvens, caminhos, e outras figuras que são representadas nos padrões *dãdelo* e *Kuahí*, padrões que mostraremos adiante.

Abaixo, na imagem 1, demonstramos exemplos de marcas indígenas apresentadas por Ferrão (2016) em seus estudos, exemplificando seus significados.

Imagem 1 - Padrões Kuahí, pacuzinho e espinha de peixe



Fonte: Ferrão (2016).

As marcas acima representam os peixes, *kuahi*, Pacuzinho e pôr fim a espinha de peixe. O peixe faz parte da alimentação básica dos povos indígenas do Oiapoque, assim como, a farinha de mandioca e frutas. Os povos indígenas do Oiapoque dominam habilidades de condução de embarcações e pesca, sendo a água um dos temas recorrentes para a explicação da origem do mundo (VIDAL, 2009), e as marcas e grafismos que representam peixes são uma constante no cotidiano indígena de nosso povo.

Na primeira, segunda e terceira linha estão representados três tipos diferentes de marcas do peixe *kuahi*, sobre tal marca a antropóloga Vidal (2001) afirmou que é surpreendente o uso constante da representação gráfica losangos de estrutura fechada entre os povos indígenas *Karipuna*.

Na quarta linha está representando a marca do Pacuzinho, peixe semelhante ao *kuahi*, mas que possui somente uma marca, e na quinta e última linha está representando as espinhas de peixes.

As marcas representam não apenas espécies da flora e fauna, mas também os processos de transformação da natureza, um animal rastejando, ou uma ação

cotidiana, como repartição de um alimento. Assim os movimentos também são valorizados conforme lembra Vidal (2009).

Gallois (2002) apresenta que o povo *Wajãpi*⁹ possui um repertório definido de padrões gráficos que representa, de forma sintética e abstrata, partes do corpo ou da ornamentação de animais e de objetos. Em seu conjunto, esse sistema de representação gráfica é chamado *Kusiwa*. Por possuírem padrões próprios e definidos a arte gráfica *Wajãpi* é registrada e reconhecida como patrimônio imaterial do povo indígena brasileiro. A autora apresenta uma sequência que esclarece a riqueza interna do repertório *Wajãpi* e as especificidades das denominações, como por exemplo: *ARAMARI* - jiboia aramari, *PIRA KÃ GWER* - espinha de peixe, *JAWI* - jabuti, *MEJU* - beiju, *RYKYRY*- lima de ferro.

Dominique Tilkin Gallois (2002, p. 9) destaca:

O campo de aplicação desta arte gráfica, antes reservada ao corpo, tem se ampliado muito nos últimos anos. Os *Wajãpi* desenvolvem hoje o seu estilo decorativo em um conjunto variado de suportes. Fazem desenhos nas peças de cerâmica destinadas à venda, decoram suas cuias com motivos incisos, utilizados também na tecelagem de bolsas e tipoias e no traçado de seus cestos. O uso do papel e de canetas coloridas constitui-se num campo novo e muito apreciado para a expressão artística.

A arte indígena tem incorporado outros elementos não indígenas e tem aparecido cada vez mais no ambiente das cidades, comprovando que há uma interação cultural entre indígenas e não indígenas. É importante então mostrar para o não indígena todo o significado das marcas e grafismos, no sentido de possibilitar uma compreensão da cultura dos povos indígenas.

A arte *Kusiwa* foi registrada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2002, e, junto com o Ofício das Paneleiras de Goiabeiras (ES), foi um dos primeiros bens considerados Patrimônio Cultural do Brasil, como parte do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), criado em 2000. As obras indígenas dos *Wajãpi* também foram tituladas pela UNESCO como Obra-Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade, em 2003, e depois como Patrimônio Cultural

⁹ No Amapá, na região delimitada pelos rios Oiapoque, Araguari e Jari vivem os *Wajãpi*, que também ocupam parte do território da Guiana Francesa em aldeias demarcadas com marco entre as décadas de 1970 e 1990. Sua língua falada é o Tupi-guarani (GALLOIS, 2018).

Imaterial da Humanidade em 2008, segundo o IPHAN. Não menos importante, o grafismo *Karipuna* também apresenta uma riqueza e identidade própria.

Reforça-se que as relações que os grupos étnicos mantêm entre si, contribuem para o sentimento de pertencimento do grupo e do local no qual convivem, tais relações se transformam na expressão de identidade étnica e de territorialidade, que são construídas no coletivo, na forma de organização social de cada grupo étnico.

O grafismo indígena é uma forma de identificação interna dentro da própria comunidade, além de identificação étnica quando comparada às outras etnias indígenas. São características de proporções e formas aparentemente simples, mas que carregam grande importância simbólica, como o sentimento de pertencimento ao grupo e ao lugar onde se vive.

Os padrões usados na pintura do grafismo e marcas indígenas são inspirados na natureza, tais como folhas de árvores, escamas de peixes, movimentos de cobras, cascos de tartarugas, peles de animais, e carregam a própria força dos seres da natureza quando estão inclusos em rituais como o *Turé*.

Na sociedade moderna do mundo globalizado, as marcas e grafismos indígenas estão sendo estampados em roupas, tatuagens, decorações de residências, objetos utilitários, em pinturas de quadros decorativos e outros, por outro lado, o indígena pinta o próprio corpo para demarcar seu lugar no mundo, para demonstrar que entre os próprios indígenas há as particularidades de cada etnia, que a forma de organização social, a divisão do trabalho, as festividades, os rituais e as manifestações culturais de sociabilidade configuram cada comunidade, ou seja, tem a ver com um sistema de cooperação entre seus membros.

2.1 AS PECULIARIDADES DO GRAFISMO DOS POVOS INDÍGENAS KARIPUNA DA ALDEIA MANGA

Para Costa (2016), a cultura dos *Karipuna* é bastante peculiar, pois no cotidiano há uma sucessão de difusão de informações relacionadas ao dia a dia de nosso povo, e que são passadas principalmente pelos indígenas mais velhos. A valorização de um saber baseado na realidade da comunidade é característica do povo e se estende para o ensino formal na escola.

Costa (2016) chama a atenção para o tipo de educação que ocorre fora e dentro da escola *Karipuna*:

Tendo como base este conceito, percebemos que todo conhecimento peculiar que a etnia *Karipuna* construiu historicamente se deu através de processos próprios de aprendizagem. Este processo construído em comunidade e cotidianamente se reflete no ambiente escolar, onde os professores relatam que os indígenas apreendem principalmente com o processo de observação e percebem a escola como uma extensão da família, onde assim como os pais são tidos como exemplos, os professores também seguem esta regra de comportamento dentro da comunidade. (COSTA, 2016, p. 36).

Ocorre valorização das marcas e grafismos nas escolas indígenas através de vários exemplos, inclusive no prédio das escolas, bem como em atividades envolvendo os grafismos, como competição de desenhos entre os alunos na aldeia Manga. Em nossa concepção o mesmo poderia ocorrer em escolas não indígenas da área urbana do município de Oiapoque, no sentido de divulgação do significado das marcas e grafismos.

Na aldeia Manga há um esforço em se ver as marcas e grafismos no contexto escolar, não apenas como um elemento folclórico, como muitas vezes ocorre em ambientes escolares, em um sentido simplificado que apresenta a cultura por um exotismo que não demonstra toda a riqueza e complexidade da cultura indígena.

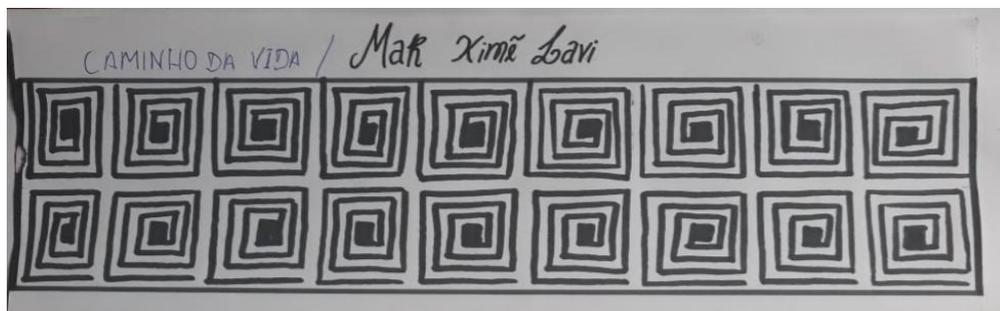
Outro espaço privilegiado que tem a presença de marcas e grafismos é a festa do *Turé*, sua realização é para pedir boas colheitas ou saúde para os enfermos. Para a realização do *Turé* é necessário preparação de elementos como a confecção de roupas masculinas e femininas, da bebida tradicional, de cestarias, dos bancos, de instrumentos musicais, como as flautas, de cuias que são utilizadas para servir a bebida, e do *Lakuh*¹⁰, juntamente com seus mastros e bancos e na pintura dos corpos dos participantes.

As marcas e os grafismos apresentados a seguir foram confeccionados com tinta extraída do carvão e do *cumatê*, por Edivando dos Santos laparrá, a pedido dos pesquisadores. Edivando comercializa os produtos que contém sua arte e confecciona, além dos desenhos, adornos como pulseira, cocar e também realiza pintura corporal.

¹⁰ É o espaço circular no qual a dança do *Turé* é realizada.

Após a apresentação das imagens 3 a 13, será feita exposição do significado de cada uma, de acordo com o entendimento do povo *Karipuna*.

Imagem 3 - Grafismo Caminho da Vida



Fonte: laparrá (2019).

O desenho representa a marca caminho da vida, o pajé fala que as pessoas são livres para traçar seus próprios caminhos durante o ciclo da vida.

Imagem 4- Grafismo caracol de mão



Fonte: laparrá (2019).

O caracol de mão representa uma criança que começa a rastejar sem se preocupar em que direção está indo, ela começa a encontrar os movimentos aos poucos, se deslocando aos poucos pelos espaços.

Imagem 5 - Marca dente da água



Fonte: laparrá (2019).

O grafismo da imagem 5 demonstra a marca dente d'água, isso acontece quando o vento bate na água e a mesma começa a se movimentar, formando ondas pequenas com aspecto de milhares de dentes d'água.

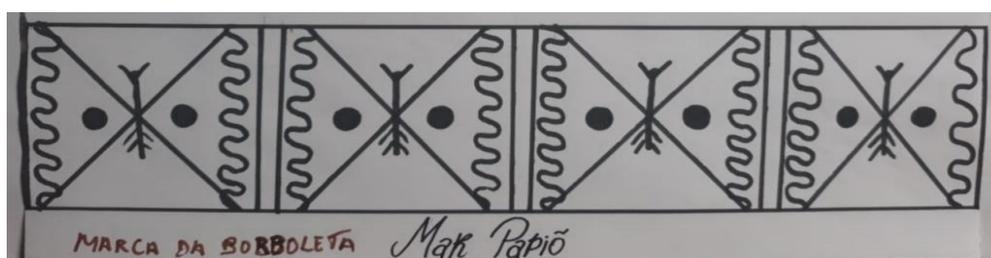
Imagem 6 - Marca folha do Açaí



Fonte: laparrá (2019).

O grafismo demonstra a marca folha da palmeira do açaí que é muito útil em diversas formas para o povo *Karipuna*, na cobertura de casas nas aldeias, na fabricação de *jamaxi*, um tipo de mochila indígena que serve para transporte de mandioca, caça e peixe no nosso cotidiano, e na mata é a única folha que pode aquecer uma pessoa durante a noite.

Imagem 7 - Marca da borboleta



Fonte: laparrá (2019).

O grafismo demonstra a marca da borboleta, muito apreciada pelos indígenas *Karipuna*, devido a várias transformações que ela passa até chegar a uma borboleta adulta e mostrar suas cores, e também pela sua capacidade de se esconder conforme o ambiente.

Imagem 8- Marca escama do Pirarucu

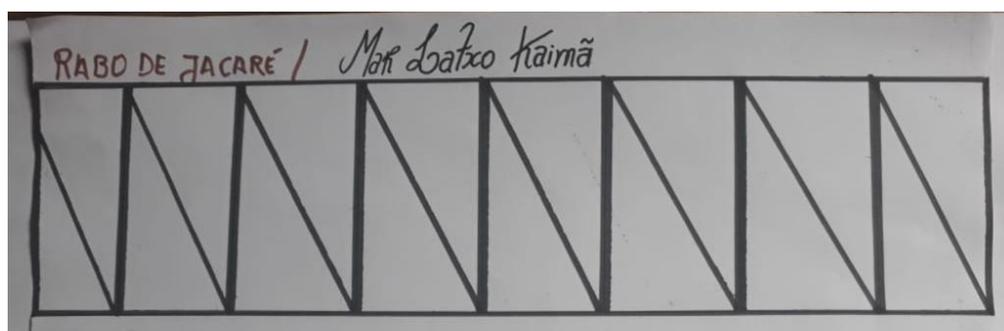


Fonte: laparrá (2019).

A imagem 8 demonstra a marca da escama do Pirarucu, o maior peixe de água doce da Amazônia, sua pesca proporciona um prato muito apreciado nas comunidades indígenas e muito perigoso para pessoas doentes, quando a pessoa está com feridas ou coceiras pelo corpo.

A língua do pirarucu serve para fazer remédios caseiros e também como ralador, utilizado, por exemplo, para ralar gengibre para fazer chá, ou ralar macaxeira para fazer mingau.

Imagem 9 - Marca rabo de jacaré



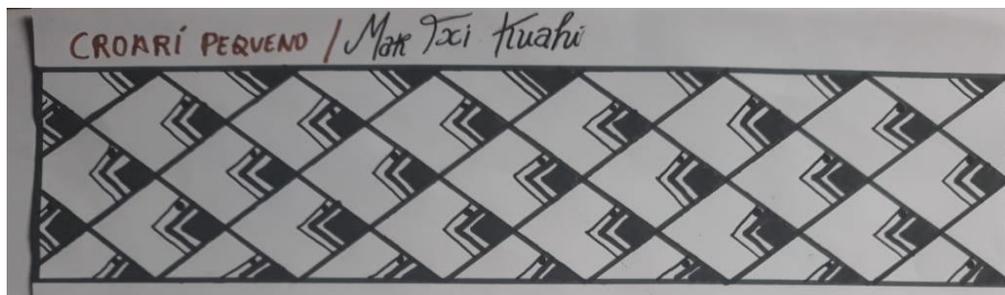
Fonte: laparrá (2019).

O grafismo trazido na imagem 9 demonstra a marca rabo de jacaré, muito utilizado nos grafismos do banco da dança tradicional do *Turé*, principalmente no banco do pajé.

Os bancos possuem um papel importante na festa do *Turé*, podem representar diversos animais dentre os quais, aves, jacarés, cobras, podem ser

coletivos ou individuais (VIDAL, 2009), representam não somente os bichos da natureza, mas seus espíritos.

Imagem 10 - Marca Croari (peixe) pequeno



Fonte: laparrá (2019).

A imagem 10 demonstra a marca Croarí, peixe de pequeno porte, é bastante abundante no rio *Curipí*, vivem em cardumes e sua marca é muito utilizada no grafismo karipuna.

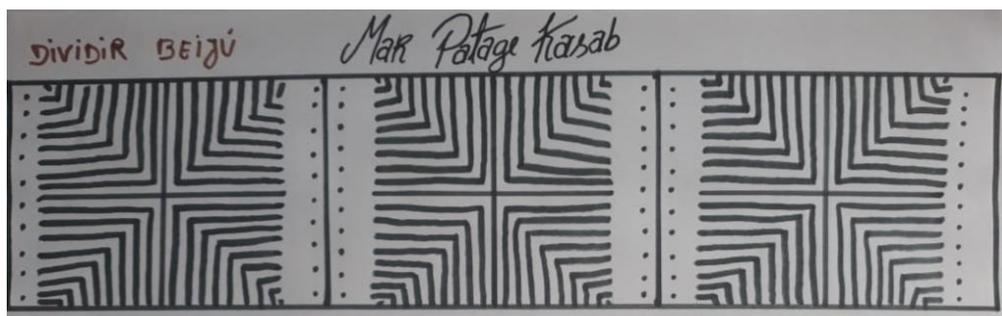
Imagem 11 - Marca escama de Tamatá (peixe)



Fonte: laparrá (2019).

O grafismo da imagem 11 demonstra a marca escama de Tamatá, peixe que possui uma escama mais dura, diferente de outros peixes. O Tamatá é muito resistente, vive tanto na água como também na lama, os pajés *karipuna* falam que no mundo sobrenatural as pessoas podem viver iguais o Tamatá, tanto na água, como na terra.

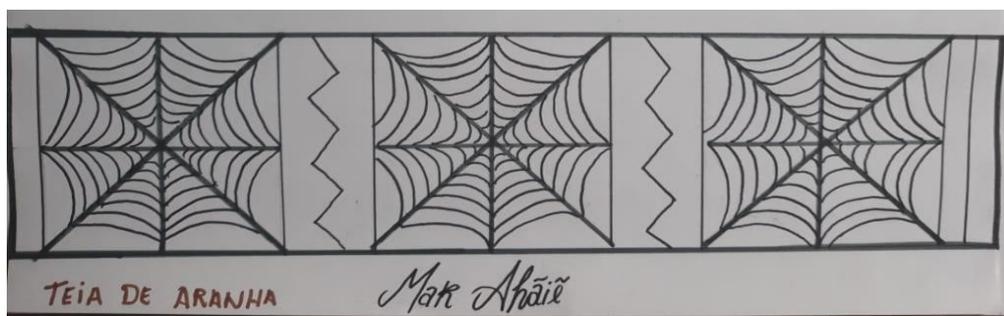
Imagem 12 - Marca dividir beiju



Fonte: laparrá (2019).

O grafismo da imagem 12 demonstra a marca referente a dividir ou separar o *beijú*, alimento indígena feito da mandioca que é muito apreciado pelo povo *Karipuna*.

Imagem 13 - Marca teia de aranha



Fonte: laparrá (2019).

O grafismo da imagem 13 demonstra a marca teia de aranha. Os pajés *karipuna* falam que no passado os indígenas aprenderam a pegar sua alimentação observando as aranhas a colocarem suas armadilhas para prenderem suas presas.

As marcas mais utilizadas pelos *karipuna* são os padrões *Dãdelo* e *Koahi*, conforme também demonstrou Vidal (2001), padrões que significam respectivamente, abertos e fechados, e são muitos utilizados em pinturas corporais de objetos cotidianos, instrumentos musicais e artefatos de forma em geral.

Divulgar parte do significado das marcas e grafismos mencionados contribui para o reconhecimento da complexidade de práticas culturais indígenas. Valorizar o conhecimento tradicional, popular e simbólico para além das aldeias indígenas, reconhecendo a dinâmica social e cultural dos povos indígenas de Oiapoque é uma forma de reconhecimento da ancestralidade, criação e realidade *Karipuna*.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os traçados das marcas e grafismos vão além do valor estético, eles seguem preceitos simbólicos e cosmológicos do *Karipuna* e emanam uma força honrosa e valores culturais indígenas.

Enfatizamos que a cultura de um povo reflete na construção de conhecimentos coletivos, e a socialização de novas experiências que trazem um universo de conhecimento que deve ser compartilhado para que não haja a extinção da cultura de povos originários, já que, as relações interétnicas não destroem a cultura, mas reafirmam a identidade e a tradição dos povos indígenas do Oiapoque, preservam suas vivências cotidianas, objetos da cultura material e cosmológica.

A realidade atual aponta para uma integração cada vez mais intensa entre as várias comunidades do Oiapoque, assim, muitas comunidades indígenas interagem muito fortemente com outras realidades, como é o caso da Aldeia Indígena Manga. Nesse processo se impõe a necessidade de novos conhecimentos capazes de dar conta dos desafios e interações.

Apresentamos as diferentes marcas e grafismos e seus significados, nos bancos, nos cestos, na pintura do corpo, nos mastros das festas, nos desenhos de instrumentos musicais e em desenhos feitos em folha de papel A4, possibilitando a partir da explicação das imagens também aos professores para que aproveitem essas informações na realidade de todas as escolas. Acreditamos que muitos estudos sobre arte podem ser feitos ainda, não apenas sobre o povo *Karipuna*, mas sobre os outros povos indígenas de Oiapoque, sendo um importante campo de pesquisa a ser estudado, pois ajuda os não índios a entenderem sobre tais povos, e a partir desse entendimento respeitarem a cultura indígena.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: Os exemplos da fotografia e do cinema. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. (Org.). p. 568-590. **Domínios da história**: Ensaios de teoria e metodologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

COSTA, Risonete Santiago. **Educação escolar indígena em uma escola do Oiapoque**. 2016. 49 F. 2016. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, Instituto de Agronomia, Rio de Janeiro, 2016.

FERRÃO, Marcos. **Grafismo indígena em rara beleza**. 7 abr. 2016. Disponível em: <https://www.3dmalz.com/grafismo-indigena-em-rara-beleza> Acesso em: Acesso em:10 out. 2019.

GALLOIS, Dominique Tilkin. **Kusiwa**: pintura corporal e arte gráfica wajãpi, Ilustrações: Índios Wajãpi. Rio de Janeiro: Museu do Índio- Funai/ Apina/ NHII- USP, 2002.

GALLOIS, Dominique Tilkin. **Wajãpi**. 13 de julho de 2018. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Wajãpi>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

IAPARRÁ, Edivando dos Santos. **Figuras**. Aldeia Manga. Oiapoque, AP, 2019.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e História cultural. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). p. 536-567. **Domínios da história**: Ensaios de teoria e metodologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VELTHEM, Lucia Hussak Van. Arte Indígena. Referentes Sociais Cosmológicos. *In*: GRUPIONI, Luis Donisete Benzi (Org.). **Índios no Brasil**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1994. p. 83-92.

VIDAL, Lux Boelitz, LEVINHO, José Carlos, GRUPIONI, Luiz Donizete Benzi (Org.). **A presença do invisível**: vida cotidiana e ritual entre os povos indígenas do Oiapoque. Rio de Janeiro: Iepé- Museu do Índio, 2016.

VIDAL, Lux Boelitz. O modelo e a marca, ou o estilo dos “misturados”. Cosmologia, história e estética entre os povos indígenas do Uaçá. *In*: SILVA, Aracy Lopes da. FERREIRA, Mariana Kawall Leal (Org.). **Antropologia, história e educação**: a questão indígena e a escola. 2. ed. São Paulo: Global, 2001.

VIDAL, Lux Boelitz. **Povos Indígenas do Baixo Oiapoque**: O encontro das águas, o encruzo dos saberes e a arte de viver. 3. ed. Rio de Janeiro: Museu do Índio e Iepé, 2009.

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM OIAPOQUE: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS OCORRÊNCIAS POLICIAIS (2015 – 2016)

Jéssica Mendes Dias¹
Márcia Gomes Fernandes²

Resumo: Esse trabalho é resultado de pesquisa para defesa de TCC do Curso de História, Universidade Federal do Amapá – Campus Oiapoque. Nesse artigo faremos uma análise da violência sofrida por mulheres do município de Oiapoque localizado no Estado do Amapá. Por meio de consulta ao CIOSP (Centro Integrado de Operações de Segurança Pública) coletamos dados sobre o perfil das vítimas e de seus agressores, o que possibilitou uma análise do perfil das vítimas e de seus agressores e a organização dos dados coletados através de tabelas.

Palavras-chave: *Mulher. Violência Doméstica. Direitos Humanos.*

Quando se retrata a realidade do estado do Amapá, especificamente Oiapoque, percebemos a ausência de informações sobre a violência sofrida por mulheres e o distanciamento da população referente a este tema, em que os valores padronizados e construídos no decorrer de nossa história, da mulher submissa, norteiam à risca a sociedade e fortemente são concretizados de geração a geração no cotidiano oiapoqueense.

No Brasil vivemos sob a ideologia da mulher submissa vigente através do patriarcado, sequenciada historicamente pelo machismo existente em nosso país, onde ainda impera a desigualdade, sendo que neste contexto a violência se apresenta dentre muitas vezes sutil e disfarçada, por meio de discriminação e preconceito. Esses fatores são incentivadores da violência doméstica, visto que a sociedade observa como algo aceitável e “normal”, principalmente dentro de relacionamentos considerados

¹ Licenciada em História pela Universidade Federal do Amapá. Pós-Graduada em Curso de Especialização em Estudos Culturais e Políticas Públicas pela Universidade Federal do Amapá.

² Professora Adjunta de Teoria de História e História das Américas da Universidade Federal do Amapá.

abusivos que se mascaram através do casamento visto como “sagrado” pelo corpo social.

O presente estudo apresenta uma análise com abordagem quantitativa, definida por *tratar-se neste caso de abordar fontes com algum nível de homogeneidade, que se abram para a possibilidade de quantificar ou de serializar as informações ali perceptíveis no intuito de identificar regularidades.*(BARROS, 2004 :147).

Por meio de requerimento ao Centro Integrado de Operações de Segurança Pública (CIOSP), endereçado ao Delegado responsável pelo CIOSP, acessamos os Boletins de Ocorrência de Violência contra mulher sucedidos nos anos de 2015 a 2016. Foram coletados dados de maio a dezembro de 2015 com 89 casos e fevereiro a dezembro de 2016 com 138 casos. No total, 227 casos de violência contra a mulher no município de Oiapoque, coletados no período de 26 de junho de 2017 a 24 de outubro de 2017. Para mapear as ocorrências utilizamos representações quantitativas em tabelas. Assim, pudemos analisar as características da violência contra a mulher no município do Oiapoque. A seguir apresentamos alguns dos resultados da pesquisa.

Tabela 1– Quantidade de casos de violência contra a mulher, 2015 e 2016

Tipo	Quantidade 2015	Quantidade 2016	Total
Violência doméstica	31	45	76
Agressão	34	62	96
Ameaça	24	31	55
Total	89	138	227

Fonte:CIOSP-Oiapoque, AP

Constatamos um aumento considerável de 2015, com 89 registros, para 2016, com 138 casos, havendo um crescimento de 55%, o que significa que o aumento da violência contra a mulher multiplicou de um ano para outro. Porém, o questionamento que emerge é: quais os possíveis fatores que levaram a esses crescimentos?

Um possível raciocínio seria relacionar o aumento do número de ocorrências com os períodos de festejos como: final de ano, carnaval, aniversário do município, festa junina, entre outros. A quantidade de casos registrados no mês de maio (mês do aniversário de Oiapoque, no qual há vários dias de comemoração e o consumo de

bebida alcoólica cresce absurdamente), pois foram 19 casos no ano de 2015 e 2016, respectivamente. Em maio de 2015 houve cinco casos de violência doméstica, sete de agressão e sete de ameaças, destacando um caso no qual se encontrava três agressores, e que dois dos casos sucederam em uma Escola Estadual; então onze casos aconteceram na residência da vítima, cinco em via pública e um caso em estabelecimento comercial da cidade. Em 2016 ocorreram oito casos de violência doméstica, sete de agressão e quatro de ameaça, sendo que 17 destes casos aconteceram na residência da vítima, um caso em via pública e um na casa da sogra. Identifica-se que independente das festividades, a violência nas residências das vítimas permanece inalterado, o que significa que independente de datas a violência dentro dos domicílios é constante.

No mês de junho (mês de festa junina), foram 12 casos em 2015, dentre os quais seis registros foram caracterizados como violência doméstica, três de agressão e três de ameaça contra mulher, sendo que em sua maioria, nove casos, acontecerem na residência da vítima, dois em via pública e um em um hotel da cidade. Se compararmos com junho de 2016, esse índice de 12 casos sobe para 20 casos, um percentual de 66,6%, em que nove ocorrências foram por violência doméstica, quatro por agressão e sete por ameaça, assim 16 casos aconteceram na residência da vítima e quatro em via pública.

Se tirarmos as mulheres menores de idade e a população indígena, que não tem dados no CIOSP (o que não significa que não ocorra violência referente a eles), são mais ou menos 4.400 mulheres para 227 casos de violência; o percentual é de uma mulher agredida a cada 20, ou aproximadamente 10,1%. O índice é bem alto para uma população de 25 mil habitantes.

Tabela: Cor da vítima 2015-2016

Cor	2015	2016
Parda	45	73
Branca	10	20
Preta	8	5
Amarela	0	0

Fonte: CIOSP - Oiapoque, AP.

O total de casos de vítimas da cor parda foram 118 casos e 13 de cor preta (2015 e 2016). Em Oiapoque essa constatação transparece nos documentos dos arquivos do CIOSP, uma vez que houve um crescimento de 62,2% de casos com mulheres da cor parda e 62,5% da cor preta. Contudo ao analisarmos os dados houve um crescimento de violência contra mulheres brancas em Oiapoque de 100%, uma vez que de 10 casos em 2015 subiram para 20 em 2016.

Tabela 2–Dados de cor do agressor, 2015 e 2016

Cor	2015	2016
Parda	32	63
Branca	7	12
Preta	10	20
Amarela	1	0

Fonte: CIOSP – Oiapoque, AP.

A cor parda teve um aumento de 96,8%, a cor preta teve um relevante aumento de 100%, a branca de 71,4%; a exceção fica por conta de um único caso de agressor da cor amarela no ano de 2015, na qual não há necessidade de porcentagem. Constatamos que o número de agressores, independentemente da cor – com exceção da amarela –, teve um aumento significativo.

Considerações Finais

A Lei Maria da Penha, sancionada em 07 de agosto de 2006, pode ter contribuído para o cerceamento da violência contra a mulher, porém no Oiapoque verificamos a ocorrência de violência contra as mulheres e as poucas denúncias efetuadas são realizadas pelas próprias mulheres. No município do Oiapoque, é comum que agressões contra as mulheres engendrem o debate sobre os motivos que levaram o agressor a cometer a violência. Por exemplo, argumenta-se que o agressor poderia estar alcoolizado, que a mulher poderia estar traindo; se for em via pública e/ou festas, a mulher deveria estar em casa, a mulher não deveria ingerir bebida alcoólica e se “insinuar” para outros homens; observa-se como é a vestimenta da

mulher, se está “apropriado”. Dessa forma, a violência contra a mulher é relativizada e ignorado o fato de que a violência não deve ocorrer, independentemente do motivo.

É preciso refletir sobre a violência contra a mulher no âmbito dos Direitos Humanos. O artigo 6º da Lei Maria da Penha prevê que: *A violência doméstica e familiar contra a mulher constitui uma das formas de violação dos direitos humanos. A inserção desse texto na Lei teve o objetivo de afirmar a necessidade da luta pelo fim da violência contra as mulheres. Conforme assinala Bianchini:*

Foi na Conferência das Nações Unidas sobre Direitos Humanos, ocorrida em Viena, 1993, que pela primeira vez utilizou-se a expressão “os direitos das mulheres são direitos humanos”. Pouco tempo depois, a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher – Convenção Belém do Pará tratou a violência contra a mulher da mesma forma. Dentre os muitos avanços representados pela Lei Maria da Penha, talvez o mais significativo seja o estabelecimento definitivo da discriminação e violência de gênero como forma de insulto aos direitos humanos. (BIANCHINI. 2018:18).

Apreender a discriminação de gênero como desrespeito aos direitos humanos implica a possibilidade de os Estados atuarem no controle desses abusos. Permitindo também que os governos implementem políticas públicas preventivas para extinguir as violações. É preciso ressaltar que as mulheres, em todas as partes do mundo, ainda são vítimas de muita violência baseada no gênero.

Em seu preâmbulo e no seu artigo inicial, a Lei Maria da Penha destaca dois instrumentos internacionais de Direitos Fundamentais que lhe dão embasamento: Convenção sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW) e a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher – Belém do Pará. Esses instrumentos foram idealizados na ONU como decorrência de um sistema para a proteção dos direitos humanos com jurisdição global entre os estados-membros, sendo assim incluem as mulheres brasileiras. Esses documentos internacionais revelam que a violência contra a mulher, seja na esfera pública ou privada, constitui uma grave violação aos direitos humanos e limita total ou parcialmente o exercício dos demais direitos fundamentais. Ressaltam, ainda, que a

violência fundada no gênero reflete relações de poder historicamente desiguais e assimétricas entre os sexos.

Bibliografia

BARROS, José D'Assunção. "As abordagens". In: BARROS, José D'Assunção. *O Campo da História: especialidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004: 147-150.

BRASIL. Lei Maria da Penha (2006). "Lei Maria da Penha: Lei no 11.340, de 7 de agosto de 2006, que dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher". Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.

BIANCHINI, Alice. A violência de gênero constitui uma forma de violação dos direitos humanos. *Revista Jurídica da Universidade do Sul de Santa Catarina*. Santa Catarina, Ano IX, Nº 17, p.17-30, Jul/Dez.2018.

FONSECA, Cláudia. "Ser mulher, mãe e pobre". In: PRIORI, Mary Del (org); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004 (formato *ebook*).

FURET, François. "O quantitativo em História". In: FURET, François. *Oficina da História*. s/d: 59-61.

GOMES, Nadielene Pereira. "Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração". *Acta Paul Enferm*. 2007: 505-507.

SOIHET, Rachel. "Mulheres pobres e violências no Brasil urbano". In: PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. (formato *ebook*).

ANÁLISIS Y REFLEXIÓN SOBRE LAS POLÍTICAS PÚBLICAS UNIVERSITARIAS- COMO TEMA SUSTANTIVO Y TRANSVERSAL-EN EL MARCO DE UN SEMINARIO DE POSGRADO EN ARGENTINA¹

Marisa Zelaya²

REFLEXIÓN SOBRE LA PROPUESTA DE ENSEÑANZA DEL SEMINARIO

En el presente resumen, se hace referencia al Seminario de Sistemas Educativos en América Latina: Procesos Históricos en Perspectivas Comparada (SSEAL) El interés de este trabajo es reflexionar sobre algunos aspectos de la propuesta de enseñanza del *Seminario de Sistemas Educativos en América Latina: Procesos Históricos en Perspectivas Comparada* (en adelante SSEAL), el mismo se constituye en un espacio curricular de cursada intensiva.

Dicho seminario se dicta en el marco de la carrera del Doctorado en Educación (UNR: Res. Nº 083 / 2016) de la Facultad de Humanidades y Artes de la Universidad Nacional de Rosario- Argentina. Esta carrera incluye un conjunto de seminarios que procuran la formación profesional e investigativa, otros que aportan a la formación histórica y al área didáctico- pedagógica, todos ellos contribuyen a la formación de conocimientos y habilidades necesarias para las múltiples funciones y aspectos del docente-investigador en diferentes niveles, espacios y ámbitos educativos.

En cuanto a los estudiantes que asisten la mayoría proviene de Brasil, Ecuador, Uruguay, Colombia y Argentina, asimismo presentan heterogeneidades en relación con la edad, en la procedencia geográfica (diversidad al interior de cada uno de los países) y a las diversas situaciones profesionales y laborales. Estas características se constituyen en componentes significativos, ya que enriquecen la participación y la dinámica del seminario.

¹ Este resumen es una versión reducida de un capítulo de libro ya publicado en Avendaño, F y Otros (2020). UNR

² Profesora, magister y doctora en Ciencias de la Educación. Profesora Adjunta a cargo de la cátedra de Política Educativa del Profesorado en Ciencias Biológicas (FAA) y en la Especialización en Docencia Universitaria (FCH-UNCPBA) Docente en el Doctorado en Educación en la UNR e integrante del Comité Académico de la Maestría en Educación Superior en la UNLM. Es investigadora e integrante del Consejo interno del Núcleos de Estudios Sociales y Educativos (NEES)

A partir de estas consideraciones, se entiende que todo hecho educativo, conlleva una dimensión política. En este sentido, los aspectos relacionados con los objetivos (el ¿para qué? los contenidos de la misma (el ¿qué?) y las estrategias didácticas que se ponen en juego durante el proceso (el ¿cómo?)³.

Las apreciaciones anteriores permiten señalar a la actividad docente como una tarea compleja, que se desarrolla en escenarios singulares atravesados por el contexto en cual se inserta y donde el docente desempeña una multiplicidad de tareas que superan la tarea de enseñar. Por lo que la tarea docente supone una implicación personal y un posicionamiento ético. El docente adopta una postura axiológica, ideológica incidiendo en las formas de vinculación con el conocimiento cuya interiorización se propone y, por lo tanto, también tiene su expresión en la construcción metodológica (Edelstein, 2011).

Reflexionar sobre estos aspectos, ayuda a comprender los sentidos y las contribuciones del Seminario de Sistemas Educativos en América Latina: Procesos Históricos en Perspectivas Comparada. El mismo tiene entre sus propósitos generar un espacio de formación, análisis y de reflexión alrededor de los siguientes ejes problemáticos: -la universidad como objeto de estudio y de intervención de la política educativa; -el campo de las políticas educativas y en particular, las universitarias; - principales categorías y herramientas de análisis de la políticas educativas; -el derecho a la educación; -la tensión entre lo público y lo privado; -principales tendencias de cambio en la educación superior latinoamericana: expansión e inclusión; privatización; profesión académica y profesionalización docente; postgrado; internacionalización e integración regional. De aquí que se recupera una herramienta significativa de la Política Educativa: la investigación comparada, interrogándose acerca de su sentido en el actual contexto de globalización y en el contexto regional.

En el presente, este seminario intenta constituirse en un aporte específico y diferenciado para la formación. Por ende, uno de los objetivos es brindar a los doctorandos herramientas conceptuales-metodológicas-contextuales y de análisis que les permita abordar el estudio, la reflexión, la comparación y la discusión de las

³ Según el autor Indart, M (2017), el para qué, el qué y el cómo, estas dimensiones se relacionan dialécticamente, por lo que es imposible hablar de una sin considerar a las demás. En la praxis educativa se entrecruzan e impactan en las subjetividades tanto de alumnos como docentes.

políticas educativas y universitarias, en base a la *compleja relación estado-sociedad-universidad históricamente situada*. En tanto categoría central de análisis para comprender la configuración de los sistemas educativos en el contexto latinoamericano y a su vez, problematizar una de las tensiones constitutivas - *lo público, lo privado y el rol del estado*- de dichos sistemas y en la universidad.

Se parte de considerar en esta propuesta de enseñanza, el siguiente objetivo:

- Reflexionar acerca de los marcos referenciales, categorías y herramientas para el análisis e interpretación de la política educativa / universitaria, y los principales debates del campo disciplinar.

En función de las problemáticas, ejes y objetivo mencionados se plantea el siguiente recorrido por algunos conceptos referenciales que atraviesan y sustentan la propuesta del Seminario de Sistemas Educativos en América Latina: Procesos Históricos en Perspectivas Comparada. En este marco, las múltiples y complejas realidades sociales, políticas, económicas y culturales nacionales e internacionales están continuamente modificando sustancialmente a los sistemas educativos y a su vez, a las políticas educativas y universitarias.

El recorrido que se realiza por las temáticas, referentes y definiciones conceptuales se constituyen en el marco desde el cual interrogar y comprender *-la universidad como objeto de estudio y de intervención de la política educativa-* así se reconocen y se asumen estas y otras categorías teóricas como nucleares, además estas nociones se entrecruzan posibilitando construir una red conceptual que se intenta sea abarcativa, integrada y consistente para dar cuenta de las diferentes dimensiones implicadas en las diversas temáticas y problemáticas abordadas en este seminario (Zelaya, 2012: 34).

Situados en un escenario internacional, regional y nacional con una complejidad creciente acompañado de una alta sensación de incertidumbre, en esta atmósfera analizar la *relación Estado-sociedad-universidad*, se torna dificultoso y desafiante. En función de lo expuesto, se hace necesario recuperar lo que enunciaba hace más de dos décadas, García Guadilla (2006) acerca de que los diferentes objetos de estudios, categorías, referentes conceptuales, abordados en el campo de las ciencias políticas, el de la educación universitaria, entre otros deberán ser interpelados

desde su debilidad y agotamiento frente a la complejidad de nuevos procesos, de aquí la necesidad de instalar nuevas miradas analíticas que logren superar las “dicotomías rígidas y las diversidades terminológicas” (Martignoni y Zelaya 2016:28).

A partir de estas consideraciones, se toma como cuestión específica de debate a la universidad, cuya singularidad la diferencia del resto de los niveles del sistema educativo, principalmente el papel otorgado al conocimiento como objeto privilegiado de circulación, transmisión y producción en y entre las universidades (Clark, 1990); como así también en la autonomía de sus procesos decisorios, tanto en lo político, como lo organizacional y curricular. Se hará hincapié en el análisis de sus relaciones con el estado y la sociedad, sus principales características, agendas y tendencias de cambio desde una perspectiva sociohistórica. Asimismo, se abordan diversas problemáticas tanto en el campo de la educación superior como en el de conocimiento y en el de las políticas públicas universitarias que sustentan la reconfiguración del sistema de educación superior universitario latinoamericano.

BIBLIOGRAFÍA

- CHIROLEU, A, Suasnabar, C.; ROVELLI, L. *Política universitaria en la Argentina: Revisando viejos legados en busca de nuevos horizontes*. UNGS: Buenos Aires, 2012.
- CLARK, B. *El sistema de Educación Superior*. Universidad Metropolitana: México, 1990.
_____. *Las universidades modernas: espacios de investigación y docencia*. UNAM-Porrúa: México, 1997
- CORRADO, R.; ZELAYA, M “Una aproximación a la diversidad de dimensiones y enfoques sobre la universidad”. Trabajo presentado en el Seminario: Teoría y Análisis del Sistema Universitario. Dictado por Pedro Krotsch en la Maestría en Gestión Universitaria. Universidad Nacional Mar del Plata mimeo, 2006
- ELDESTEIN, G **Formar y formarse en la enseñanza**. IN.: GARABEDIAN, M. “El Estado moderno. Breve recorrido por su desarrollo teórico”. En *Introducción al Conocimiento de la Sociedad y el Estado*. Guía de Estudios. Universidad de Buenos Aires. UBA XXI. Eudeba, 2011.
- GARCÍA GUADILLA, C . **Complejidades de la globalización y la comercialización de la educación superior. Reflexiones para el caso de América Latina**. In: VESSURI Hebe . Universidad e investigación científica, Buenos Aires, CLACSO, 2006.
- GIOVINE, R. *El estudio de las políticas educativas: categorías y herramientas de análisis*. Facultad de Ciencias Humanas, UNCPBA, Tandil. (mimeo), 2019.

GIOVINE, R. *Programa de cátedra de Política Educativa*. Facultad de Ciencias Humanas, UNCPBA, Tandil, 2019.

INDART, M. *Educación, políticas públicas y hegemonías: aportes desde la sociología de la educación*. EdUNLu : Luján, (Aulas Universitarias), 2017.

MARTIGNONI, L.; ZELAYA, M. *Diálogos entre Argentina, Brasil y Uruguay. Sujetos, políticas y organizaciones en educación - 1a ed.* Biblos: Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2016.

ZELAYA, M. *La expansión de universidades privadas: el caso argentino*. Revista *Proposições*, Nº v.23, n.2(68), maio/ago. (pp179-193), 2012.

SEÇÃO RESUMOS EXPANDIDOS

INFLUENCIAS EXTERNAS EN LA FORMACIÓN Y EVOLUCIÓN DE LA ETNIA KARIPUNA DEL OIAPOQUE-AP.

Luiz Gustavo da Silva Costa¹
Juliana Aniká dos Santos²
Yuri Aniká dos Santos³

Palabras-claves: Karipuna; Oiapoque; Formación Étnica, Preservación Cultural.

Los pueblos nativos americanos (indios) habitan la tierra llamada Brasil mucho antes de la llegada de los europeos. En el año 1500, el portugués Pedro Álvares Cabral se llegó con su equipo de marineros y se cruzó con varias etnias indígenas vivían acá por doquier. Cada una con sus propios costumbres y lenguas. Suele, vivían en función de lo que les ofrecía la naturaleza y la tierra. Al largo del período colonial, muchos indígenas empezaron comunicarse en portugués con gran intensidad y despacio, comenzaron a saber cómo funcionan la cultura, la sociedad y la política del nuevo pueblo en formación: El brasileño. Al largo del tiempo, los pueblos indígenas se dieron cuenta que su historia debería tornarse una historia de mucha lucha hacia garantizar sus derechos, y así lo fue con lo pasar do tiempo.

En la ciudad de Oiapoque-AP, ubicada en la frontera del Brasil con la Guiana Francesa, hay un pueblo llamado Karipuna que según esta investigación son descendientes de otros indígenas que se fugaron de la antigua Provincia imperial brasileña del Gran-Pará en el siglo XIX de la violencia de los revoltosos cabaños e se mestizaran al largo del tiempo.

Los indígenas Karipuna que hoy viven en la zona del municipio de Oiapoque – AP bien como en otros puntos de esa frontera, desde los tiempos remotos iniciales de su proceso de formación étnica siempre establecieron contacto con otros pueblos, tanto brasileños “no indígenas”, así como de otras distintas provincias (estados), y personas de otros países. Estas diferentes naciones contribuyeran para formar la actual etnia Karipuna, que se considera una etnia heterogénea, como su propio nombre apunta.

¹ Profesor adjunto de la Universidad Federal del Amapá – UNIFAP.

² Graduada en Licenciatura en Historia por la Universidad Federal del Amapá – UNIFAP.

³ Graduado en Licenciatura en Historia por la Universidad Federal del Amapá – UNIFAP.

De hecho, debido a este intenso contacto, que ha estado ocurriendo durante siglos, la etnia Karipuna adquirió una identidad cultural que en la mirada de los pueblos nativos que habitan la frontera, bien como para ellos mismos les parece singular. Hoy, a despecho de la heterogeneidad, señalan y mantienen vivas sus costumbres originales, así como otros hábitos que fueron adquiridos por contacto, y que fueron incorporados y pasando a formar parte de la cultura Karipuna.

Después de estas charlas, planteamos como el problema de nuestra monografía, una investigación al respecto del proceso de formación la etnia Karipuna en Oiapoque-AP. Además, a lo mismo tiempo, hicimos una búsqueda en otra cuestión mirada sobre la presencia de instituciones gubernamentales de apoyo a los indígenas y qué impactos tuvieron para los Karipunas en los aspectos culturales.

El trabajo presentó tres capítulos en el primer tenemos la “Historia del contacto de los pueblos indígenas en Brasil: desde el período colonial al contexto político actual”, un enfoque histórico de la trayectoria de contacto entre los pueblos indígenas y el grupo de Pedro Alvares Cabral a partir de 1500 con los objetivos de revisar la trayectoria del contacto de los indígenas y “no indígenas”.

El según capítulo abordamos la intervención de “no indígenas” y sus instituciones en las aldeas étnicas Karipuna así como las influencias en la cultura indígena, desde el siglo XX en adelante” donde acá describimos algunas de las instituciones que incidieron en la cultura de este pueblo, en las cuales se debe resaltar primero el desempeño del Servicio de Protección Indígena (SPI) teniendo por la base el desempeño de la educación escolar en los pueblos. Además, la investigación se extendió a la presencia del Consejo Indígena Misionero. (CIMI) y registramos que, solo en el siglo XX, más específicamente en principios de la década de 1970, algunos líderes empezaron a darse cuenta de que las políticas dirigidas a los pueblos indígenas no estaban en consonancia con suyas necesidades.

En este contexto, los mayores líderes de la época se unieron y comenzaron a luchar por sus derechos, y poco a poco lograron acabar con la política de integración (en nuestra visión se presentaba como un obstáculo a los indígenas) durante la promulgación de la Constitución Federal Brasileña de 1988.

Para nosotros, como indígenas Karipunas del Oiapoque, percibimos que las luchas lograran varios derechos ya garantizados en las leyes brasileñas y entonces, se

inició un proceso de cambio en el escenario político brasileño con referencia a los temas indígenas, o mejor dicho, desde entonces, los derechos de los pueblos indígenas han sido menos pisoteados como en tiempos pasados. Varios grupos étnicos hicieron una búsqueda para crear sus propias organizaciones, así como organizaciones no gubernamentales e instituciones de representación indígena. Sin embargo, este contexto nos llevó a pensar a respecto de nuestra condición de indígenas en el Oiapoque bien cómo sobre nuestra origen y evolución cómo etnia y la importancia de la lucha por nuestros derechos.

Hicimos un pequeño retrospectivo histórico sobre las instituciones indígenas y “no indígenas” de diversos lugares, que ingresaron a tierras indígenas y así influyeron en manifestaciones culturales y en el tercer capítulo se organizó el “Origen y Cultura Karipuna a la Mirada de sus Habitantes”. Se organizó en base a la construcción de supuestos teórico-metodológicos de la investigación, conteniendo el tipo de abordaje, ubicación, muestra y análisis de los datos recolectados en la aldea por entrevistas estandarizadas y pre estructuradas.

La investigación buscó reflexionar acerca de las influencias externas que contribuyeron a la formación y evolución de la etnia Karipuna y se concluyó que a partir de las entrevistas los indígenas Karipuna son un grupo heterogéneo, es decir, un pueblo formado a partir de la mezcla con otros pueblos, entre ellos brasileños no indígenas y extranjeros, por lo que se incorporaron otras costumbres externas a los Karipuna y que actualmente forman parte de la manifestación cultural de esta etnia.

Además, percibimos que es visible que este contacto también influyó en que los indígenas migraran para otras ciudades cercanas, principalmente ciudades ubicadas en la Guayana Francesa, ya que las familias que se asentaron en Guyana, cuando regresaron al pueblo, ya traían consigo nuevos costumbres que terminaron siendo adoptadas e incorporadas en manifestaciones culturales. Sin embargo, es importante señalar que la población Karipuna del Río Curipi, aunque de todas estas influencias externas de las instituciones citas, no dejó de practicar sus costumbres y tradiciones obtenidas al largo de su formación, como la danza tradicional del “Turé”, la charla de su lengua típica, “el Kheuol”, la producción de sus artesanías, el disfrute de sus comidas y utilice la medicina tradicional con sus hierbas y plantas medicinales.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO Ana Valéria et al. **Povos Indígenas e a Lei dos “Branços”**: o direito à diferença - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

BANIWA, Gersem dos santos Luciano. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (org.). **As leis e a educação escolar indígena**: Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

_____, Luís Donisete Benzi (org), **índios no Brasil**, Brasília: Ministério da Educação e do Desporto. 2. edição: 1994.

MUNDURUKU, Daniel. **O Caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**. São Paulo: Paulinas, 2012.

OLIVEIRA João Pacheco de e FREIRE Carlos Augusto da Rocha. (org.) **A Presença Indígena na Formação do Brasil** – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

A PANDEMIA NA FRONTEIRA DO OIAPOQUE: QUANDO O PAPEL DA FRONTEIRA É QUESTIONADO¹

Stéphane Granger²

Resumo:

A pandemia de coronavirus que levou ao fechamento da maior parte das fronteiras do mundo houve consequências no modo de viver das regiões transfronteiriças assim separadas. Entre Amapá e Guiana francesa, o rio Oiapoque constitui a espinha dorsal de uma região transfronteiriça informal, que as autoridades francesas tentavam controlar em vão até que a luta contra a pandemia permita um maior controle e reforço da fronteira. Mas isso nem sempre consegue se impor na realidade de uma fronteira mais vivida com espaço de vida, como também não chegou a gerar uma verdadeira cooperação sanitária entre as duas margens.

Palavras-chaves: fronteira, pandemia, cooperação transfronteiriça

A pandemia de covid-19 que está assolando o planeta desde o começo do ano 2020 provocou durante várias semanas o isolamento quase total de muitos Estados, pelo fechamento de fronteiras que estavam até lá se abrindo cada vez mais devido às consequências da Globalização. Assim, os Estados da União Europeia por exemplo, que tinham suprimido as fronteiras físicas entre si pelos acordos de Schengen, voltaram a restabelecê-las para tentar impedir a difusão do vírus, atribuindo um novo papel de barreira sanitária mas atrapalhando a vida cotidiana de milhares de pessoas vivendo por cima dessas fronteiras, como também era o caso na região do Oiapoque.

O objetivo deste artigo é de analisar, a partir de estudos de campo e entrevistas, as consequências da pandemia na fronteira atípica separando o estado do Amapá da coletividade ultramarina francesa de Guiana, materializada pelo rio Oiapoque, verdadeira espinha dorsal de uma região transfronteiriça informal pelos laços antigos e as facilidades de travessia. Destacaremos assim como a pandemia não chegou a gerar

¹ Este texto é o resumo de parte dos estudos do autor em parceria com o Prof. Dr. Gutemberg de Vilhena Silva (UNIFAP) sobre a pandemia de covid-19 na fronteira do Oiapoque, ainda não publicadas.

² Doutor em geografia (universidade de Paris 3), professor no liceu Melkior-Garré de Caiena e na universidade da Guiana francesa, membro da comissão científica do OHM-Oyapock (CNRS, França).

uma cooperação sanitária entre as duas margens que, porém estavam esboçando um processo de aproximação política.

A pandemia de coronavírus que partiu da China no final de 2019 atingiu o Brasil e a Guiana francesa no mês de fevereiro. Os primeiros casos foram provavelmente importados da Europa, continente com o qual esses territórios têm laços fortes e antigos, a Guiana francesa sendo um território politicamente pertencendo à União europeia devido a seu estatuto de coletividade ultramarina da França.

No Amapá o vírus atingiu em primeiro a cidade de Macapá antes de se difundir pouco a pouco no resto do estado. Na Guiana francesa, os cinco primeiros casos se encontraram no Oeste do território, em Saint-Laurent du Maroni, com pessoas voltando de uma reunião evangélica no Leste da França que foi um dos primeiros *clusters* deste país; os fieis difundiram depois a doença em várias regiões da França, inclusive a Guiana francesa.

Rapidamente a cidade do Oiapoque, do lado amapaense da fronteira franco-brasileira, foi atingida pelo vírus. Mas quando a França e o Brasil decidiram unilateralmente, dia 19 de março, fechar sua fronteira, a cidade de Saint-Georges, do lado franco-guianense, ainda não tinha nenhum caso comprovado. Essa separação se materializou pelo fechamento parcial da ponte do rio Oiapoque, só aberta algumas horas e alguns dias por semana para permitir à volta de pessoas residentes na Guiana Francesa que se encontravam no Brasil. A circulação fluvial de pessoas privadas foi totalmente proibida entre as duas margens, os taxis-catraias foram impedidos de efetuar o transporte de passageiros entre Oiapoque e Saint-Georges, e houve operações às vezes conjuntas das polícias e das forças armadas do Brasil e da França (Marinha brasileira e Exército francês) para vigiar a fronteira fluvial. Mas essa cooperação policial e militar, aliás, antiga, pouco se confirmou na área sanitária.

O fechamento da fronteira coincidiu com os *lockdownes* decididos tanto na França como no Amapá. Como parte integrante do território francês, a Guiana francesa, portanto se confinou como o resto da França dia de 16 de março. No sistema francês, se o executivo das regiões e coletividades territoriais (divisões administrativas correspondendo mais ou menos a um estado brasileiro) depende de um poder estadual eleito, a gestão da ordem pública está nas mãos de um *préfet*, alto

funcionário nomeado pelo governo francês, e a gestão sanitária também escapa das competências estaduais, decidida pela diretoria da Agência regional da Saúde (ARS), dependendo diretamente do Ministério da Saúde em Paris. Como território ultramarino, a Guiana francesa podia derrogar a uma decisão nacional ordenada pelo presidente da República, alegando uma situação diferente do território metropolitano situado a 7.000 quilômetros. Mas o *préfet*, em acordo com a ARS, confirmou o confinamento da Guiana francesa apesar do fraquíssimo número de casos neste território, o que pode se justificar pela falta quase total de máscaras e gel hidroalcolico para proteger a população, e as fracas potencialidades no momento do sistema hospitalar. Ao contrário do que ocorreu no Brasil, são altos funcionários públicos que tomaram esta decisão envolvendo a vida cotidiana dos franco-guianenses, e não um poder estadual eleito.

Mas se o *lockdown* pareceu bem aceito pela população franco-guianense, essa rapidamente cedeu ao temor de viver ao lado do Brasil que se tornou o segundo maior país em número de pessoas atingidas pelo coronavírus, e o *Préfet* foi acusado de não tomar essa situação em consideração. No entanto, além do fechamento quase total da ponte, a barragem de *Gendarmerie* (a Polícia militar francesa mas com estatuto equivalente à Polícia federal brasileira) separando a meio caminho o Leste da Guiana do litoral povoado com Caiena e Kourou foi reforçada, sendo impossível passar sem documentos, justificativos e teste negativo.

Saint-Georges assim se encontrava fisicamente isolada do resto da Guiana francesa, enquanto Oiapoque aguentava sua situação geográfica à extremidade do estado do Amapá, separada da capital Macapá por uma estrada de 550 quilômetros, mas com 110 quilômetros não asfaltados. Os moradores de Saint-Georges, acostumados a fazer compras mais baratas na cidade do Oiapoque, tiveram que esperar abastecimentos vindo de Caiena, enquanto os catraieiros do Oiapoque, impedidos, tiveram que solicitar uma ajuda das autoridades políticas para compensar a perda da atividade.

A relativa simbiose que conheciam essas duas cidades fronteiriças, constituindo uma verdadeira região transfronteiriça informal devido ao mutual afastamento dos grandes centros decisoriais e comerciais, pouco gerou solidariedade apesar da

semelhança das situações. Quando apareceram os primeiros casos, a ARS reforçou as capacidades do centro de saúde de Saint-Georges, estatutariamente um anexo do hospital de Caiena. Muita mais atingida do que sua vizinha francesa, Oiapoque através sua prefeita lançou um SOS à França e recebeu material medical, garrafas de oxigênio, luvas e máscaras graças à atuação da ARS e dos bombeiros de Saint-Georges, acostumados a trabalhar com seus parceiros oiapoquenses. Mas essa tímida cooperação medical, bastante antiga mas temporariamente interrompida pelo fechamento da fronteira, não chegou a permitir análises de amostras nem evacuações sanitárias até Caiena para doentes brasileiros, apesar dessa cidade só ser distante de 200 quilómetros da fronteira. Amostras e doentes oiapoquenses continuaram levados quando necessário para os hospitais de Macapá, nas condições mencionadas previamente, enquanto alguns brasileiros tentaram em vão passar a fronteira para um tratamento em Saint-Georges, finalmente e brutalmente atingida pelo vírus no mês de abril, tornando-se em poucos dias o maior *cluster* da Guiana francesa.

A França, Guiana francesa incluída, saiu do *lockdown* dia 11 de maio, menos a cidade de Saint-Georges. Nesse momento, a Guiana francesa contava duas centenas de casos de contaminação, a metade em Saint-Georges, e um único morte, um idoso com várias comorbidades, e tinha sido abastecida em máscaras e gel em proporção satisfatória pela França. Mas essa libertação, prematura para alguns políticos locais devido à proximidade do Brasil, causou uma certa euforia principalmente em bairros periféricos onde muitas pessoas voltaram a se reunirem no final da tarde ou nos fin de semana para beber ou organizar festas e churrascos, frequentemente sem máscaras nem respeito das distâncias sociais. Aliado à volta das ligações aéreas regulares entre a Guiana francesa e a França metropolitana (só mantidas durante o *lockdown* para transporte de médicos e pessoas em situação de emergência), a consequência foi um aumento brutal dos casos de contaminação no começo do mês de junho, que de uma dezena por dia passaram a 200 e até 300 novos casos diários. O *Préfet* tomou então uma decisão de reconfinamento dos bairros mais atingidos, e de toque de recolher no resto do território todas as noites a partir das 17:00 e sábado a tarde e todo o domingo, para evitar contaminações por meio de festas e encontros familiares, culturais ou esportivos. As fronteiras com o Brasil e o Suriname foram totalmente

fechadas, com raríssimas exceções para permitir encontros de policias ou fornecimento de material médico e higiênico o ao hospital do Oiapoque.

O fato desses aumentos ocorrerem principalmente – mas não só – em bairros periféricos de Caiena e Kourou gerou uma certa estigmatização da população de origem brasileira, cuja atitude considerada festiva e pouco disciplinada foi suspeita pela população nativa franco-guianense de ter disseminado o vírus, e novamente o *Préfet* e a ARS foram acusados pela classe política local de não ter levado a sério a presença de uma fronteira com o Brasil, segundo país mais atingido como já dito. De fato inúmeros moradores conservaram laços com sua região de origem, o Amapá principalmente, próximo e bastante fácil de acesso. O fechamento da fronteira não impediu os va-e-vem de brasileiros residentes na Guiana francesa e de garimpeiros, acostumados a contornar clandestinamente essa fronteira, e fica comprovado que os primeiros casos de covid-19 aparecem em Saint-Georges por meio de famílias transnacionais, como indígenas para quem a fronteira não tinha sentido, e que continuavam atravessando o rio fronteiro apesar do *lockdown* e do bloqueio, mostrando a fraca eficiência da fronteira como barreira sanitária apesar da dureza das medidas.

A situação começou a melhorar na Guiana francesa a partir da segunda metade de julho, sem que seja possível atribuir este fato às medidas de toque de recolher, o qual foi amenizado enquanto a situação continuava preocupante no Amapá e particularmente em Oiapoque, apesar de uma pequena redução dos novos casos. Mas para uma população três vezes inferior à do Amapá, a Guiana francesa tem 5 vezes menos casos e 10 vezes menos óbitos, fato que se pode atribuir à juventude e uma maior vacinação da população contra doenças do tipo tuberculose, daí o medo que provoca na população franco-guianense uma reabertura da fronteira com o Brasil, que pelo momento permanece hermética até uma data indeterminada.

Apesar dos acordos de cooperação institucional assinados em 1996 entre o Amapá e a Guiana francesa e confirmados a nível nacional por um acordo bilateral franco-brasileiro, a pandemia de coronavirus não serviu como pretexto ao desenvolvimento de uma verdadeira cooperação sanitária que no entanto se esboçava entre as duas margens do Oiapoque. Os doentes e amostras de Oiapoque não foram

transferidos em Caiena, muito mais acessível do que Macapá e desfrutando da ajuda nacional francesa, a pandemia provocando o fechamento total da fronteira numa região onde, apesar da repressão exercida pelas autoridades francesas contra brasileiros ilegais em território francês, existia uma transfronteiridade informal que o estabelecimento da “carta transfronteiriça” aos moradores das duas cidades fronteiriças em 2015 começava a oficializar. A fronteira do Oiapoque passou de filtro à barreira sanitária, nem sempre eficiente mas mantendo os povos num isolamento talvez falsamente protetor, enquanto a saída da companhia Azul, que ligava Caiena a Belém e Fortaleza, deixando pela primeira vez Guiana francesa e Brasil sem ligações aéreas, separou ainda mais dois vizinhos que o mutual afastamento das capitais estaduais e nacionais devia levar a uma maior solidariedade.

Agradecimentos:

Tenente Carlos Borges (PF Oiapoque), Dr Damien Davy (OHM-Oyapock, Caiena), Frédéric Farine (site *Guyaweb*, Caiena), Dr Gutemberg de Vilhena Silva (UNIFAP, Macapá).

Referências:

ALBERTINI, Jean-Marie; BRISWALTER, Marion. Covid-19 : en Guyane, la France est accusée d’avoir abandonné les Brésiliens. **Médiapart**, Paris, 11 juillet 2020.

<https://www.mediapart.fr/journal/international/110720/covid-19-en-guyane-la-france-est-accusee-d-avoir-abandonne-les-bresiliens> Acesso em 11 de julho de 2020.

FOUCHER, Michel. **Le retour des frontières**. Paris: CNRS Editions, 2016.

MALAFIA, Dorinaldo Barbosa. **Cooperação internacional fronteiriça em saúde: caminhos institucionais e arranjos locais de interação entre o Amapá e a Guiana francesa de 1996 a 2018**. Mestrado em desenvolvimento regional, UNIFAP, Macapá, 2019.

SILVA, Gutemberg de Vilhena; GRANGER, Stéphane; LE TOURNEAU, François-Michel. **Desafios à circulação na fronteira entre Brasil e Guiana francesa (França)**. *Revista Mercator*, Fortaleza, vol. 18, agosto de 2019.

<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/e18018fr> Acesso em 10 de setembro de 2019.

CLASES ESPEJOS¹: POSIBILIDADES DE ENSEÑANZA E INTERCAMBIO ACADÉMICO EN TIEMPO DE PANDEMIA POR COVID-19

Dinaldo Silva Júnior²
Neida Albornoz Arias³
Faber Alberto Peña⁴
Carolina Ramírez Martínez⁵

Introducción

La Organización para el Desarrollo y la Cooperación Económica –OECD-, establece un conjunto de habilidades, aptitudes y competencias para los Ciudadanos del Siglo XXI como uso interactivo de las herramientas digitales para buscar, seleccionar, evaluar y organizar información, capacidad de reestructurar y modelar información para crear nuevo conocimiento e Interacción entre grupos heterogéneos, que se traducen habilidades para la comunicación efectiva y la colaboración virtual.

En concordancia con lo anterior, la estrategia de las Clases Espejo surge, para la Universidad, como una posibilidad para internacionalizar el micro currículo – sobre todo en el periodo de alejamiento social por cuenta del COVID 19 —, fortalecimiento de las competencias digitales y de interculturalidad y el afianzamiento de los lazos de cooperación nacional e internacional con instituciones aliadas, fomentando la interacción académica, científica y cultural entre profesores y estudiantes a través del uso de las Tecnologías de la Información y Comunicación (TIC), en articulación con sus funciones misionales.

¹ Toda la información fue extraída del documento *Guía para hacer Clases Espejo* desarrollado por el Departamento de Pedagogía vinculado a la Vicerrectoría Académica de la Universidad Simón Bolívar – Colombia.

² Profesor de la Universidad Federal de Amapá/UNIFAP. Profesor de la Universidad Federal de Campina Grande/UFCG y del Programa de Posgrado en Historia - PPGH/UFCG. Miembro del Comité Directivo del Pacto Universitario para la Promoción del Respeto a la Diversidad, la Cultura de Paz y los Derechos Humanos de la UNIFAP. Miembro del Grupo de Investigación Human Rights and Constitutional Challenges - DGP/CNPq/UFMA. Miembro del Grupo de Investigación, Enseñanza y Extensión en Derechos Humanos - GRUPEDIH - DGP/CNPq/UFCG.

³ Doctora en Ciencias Sociales y Jurídicas. Profesora e investigadora Líder del grupo de investigación Altos Estudios de Frontera (ALEF) de la Universidad Simón Bolívar de Cúcuta – Colombia.

⁴ Coordinador del Departamento de Internacionalización y Cooperación (DICO) de la Universidad Simón Bolívar de Cúcuta – Colombia.

⁵ Directora de Maestría en Familias de la Universidad Simón Bolívar de Cúcuta – Colombia.

¿Qué es una Clase Espejo?

Es una estrategia de colaboración universitaria y de internacionalización del micro currículo, donde dos o más profesores de ciudades o países diferentes, se organizan para impartir temáticas equivalentes o complementarias, comparten contenidos educativos y definen un trabajo de aprendizaje colaborativo entre grupos mixtos, mediando por las TIC en una o varias sesiones sincrónicas y/o asincrónicas de un curso con el objetivo de enriquecer la experiencia del estudiante en el aula y contribuir al desarrollo de los resultados de aprendizaje del curso y al perfil Global del estudiante y el profesor.

¿Cuáles son los beneficios que obtengo al implementar Clases Espejo?

- Diversificación del uso de estrategias pedagógicas en el proceso de enseñanza-aprendizaje.
- Incremento de las competencias digitales por parte de los participantes.
- Comparación de programas analíticos de curso con los programas de los pares nacionales e internacionales.
- Actualización de temas, contenidos y competencias de cursos acorde a las dinámicas nacionales e internacionales.
- Desarrollo de estudios comparativos.
- Desarrollo del pensamiento global de los estudiantes a través de la conformación de grupos de trabajo mixtos.
- Activación de redes de cooperación académica.
- Fomento de movilidad entrante y saliente para profesores y estudiantes.
- Fortalecimiento de las estrategias didácticas de los profesores en el uso apropiado de las TIC para el desarrollo de las competencias del estudiante.
- Uso interactivo de herramientas digitales para el trabajo colaborativo y la Interacción entre grupos.
- Desarrollo de las siguientes competencias en los estudiantes: Interculturalidad y Manejo de grupos interculturales y a distancia.

Estrategias didácticas y actividades recomendadas para el desarrollo de las Clases Espejo.

Entre las estrategias y actividades que desarrollan los profesores y que hacen parte de la experiencia de aula del estudiante durante una clase espejo se encuentran:

- Clases magistrales compartidas.
- Intercambio de buenas prácticas académicas, científicas y culturales.
- Proyectos de investigación conjunta.
- Proyecto de estudios comparativos.

- Trabajos en grupos mixtos.
- Simulaciones, debates, paneles y foros.
- Análisis e interpretación de informes, casos y temas nacionales e internacionales desde diferentes perspectivas.

¿Cómo aplicar la Clase Espejo en mi curso?: el caso Brasil y Colombia

1. Una vez superadas todas las fases administrativas, hicimos comunicación con un profesor homólogo a nivel nacional o internacional, del cual es fundamental recopilar los siguientes datos: Nombre completo, correo electrónico, perfil académico, plataforma virtual de contacto (Skype, Google meet, Zoom, Whatsapp, web, etc), teléfono, curso que orienta, universidad de origen, y número de estudiantes a participar de la universidad participante.
2. Intercambiar el Programa analítico de curso con los profesores de Universidades participantes, lo cual es un paso fundamental para llevar a cabo la revisión de los contenidos que permitirá constatar similitudes entre ambos cursos;
3. Consolidar los aspectos generales de la Clase Espejo, tales como: Definir el objetivo; Actividades para el desarrollo; Temáticas; Calendarios; Reglas; Retroalimentación conjunta a las actividades; Formas de Trabajo colaborativo y cooperativo;
4. Establecer de manera conjunta entre los profesores participantes cuáles serán las actividades, dinámicas de interacción, los grupos de trabajo y el resultado de aprendizaje para los estudiantes de las universidades participantes. Así como la preparación de los contenidos educativos y las plataformas seleccionadas para la o las sesiones sincrónicas y asincrónicas.
5. En el caso de Brasil y Colombia, lo profesores Dr. Dinaldo Barbosa da Silva Júnior miembro del Grupo de Investigación Human Rights and Constitutional Challenges - DGP/CNPq/UFMA y miembro del Grupo de Investigación, Enseñanza y Extensión en Derechos Humanos - GRUPEDIH - DGP/CNPq/UFMG; y la Profesora Dr^a. Neida Albornoz Arias investigadora del grupo de Altos Estudios de Frontera (ALEF), desarrollaran la Clase Espejo en los días 06-07/11/2020 utilizando la plataforma virtual Google Meet para las actividades sincrónicas en consonancia con la línea de clases magistrales compartidas. Las personas involucradas fueron esencialmente estudiantes e investigadores invitados relacionados a los grupos mencionados.

Roles que desempeña cada uno de los actores

Para realizar de manera exitosa todo este proceso tenga en cuenta que se necesita la intervención de los diferentes actores y el cumplimiento de los roles que estos desempeñan.

Profesores

- Coordinación de las reuniones con los profesores colaboradores de las otras universidades participantes.

- Establecimiento de las actividades académicas, elaboración de recursos educativos y agendas de clases espejo.
- Solicitud de asesoría y acompañamiento en el caso de requerirlo ante el Departamento de Internacionalización y Cooperación (DICO), para la elaboración de los recursos educativos digitales, asignación de espacio virtual u orientación pedagógica dentro de las actividades planificadas durante la clase espejo.
- Diligenciamiento del formato correspondiente a la sistematización de la Clase Espejo.
- Evaluación del proceso formativo que desarrollan los estudiantes de manera conjunta con el profesor par.
- Entrega de la información a los coordinadores de Internacionalización de su facultad para su registro de las evidencias, datos y soportes necesarios en el software de la Dirección de Internacionalización y Cooperación (DICO).
- En caso de ser la primera vez que realiza clases espejo, asistir a las capacitaciones dictadas por la DICO.

Estudiantes e Investigadores invitados

- Ingreso a la(s) sesión(es) sincrónicas y/o asincrónicas programadas.
- Realización de las actividades de colaborativas, cooperativas, de autoevaluación, de coevaluación u otras acordadas en las clases espejo.
- Cumplimiento y participación en las actividades académicas planteadas.
- Uso de la etiquetas y comportamiento ético dentro de cada sesión.

Dirección / Departamento de Internacionalización y Cooperación (DICO)

- Realizar la convocatoria semestral de las clases espejo.
- Enviar la convocatoria de las clases espejo a las IES con las que se tienen convenio y a las diferentes redes donde las Universidades participa.
- Realizar el contacto entre directores y profesores de las instituciones participantes.
- Acompañar la primera reunión entre ambas instituciones.
- Recibir el registro de las evidencias, datos y soportes necesarios en el software.
- Realizar el registro y certificación de la movilidad interna y externa.

Consideraciones Finales

1. En la perspectiva de la Clase Espejo utilizamos la plataforma virtual Google Meet para las actividades síncronas en consonancia con la línea de clases magistrales compartidas.
2. Desarrollamos análisis e interpretación de informes, casos y temas nacionales e internacionales desde diferentes perspectivas.
3. El tema elegido desde diferentes perspectivas fue: *La inmigración venezolana en Brasil y Colombia*

4. Producimos un material en el formato diapositiva para presentación, con destaque a los datos, encuestas y informaciones actualizadas sobre la inmigración venezolana en Brasil y Colombia.
5. Al todo fueron 37 personas involucradas esencialmente estudiantes e investigadores invitados relacionados a los grupos de estudios.
6. Al final los involucrados produjeron un cuadro sinóptico sobre la inmigración venezolana en Brasil y Colombia apuntando las Leyes, Políticas Públicas, Planificación de Fronteras, Recepción, Interiorización y Acciones.
7. Por último, la metodología Clase Espejo ha sido una herramienta importante en el desarrollo de las actividades académicas de movilidad virtual, sobre todo en este período de alejamiento social por cuenta del COVID 19. Así, aproximó por medio virtual los alumnos, profesores e investigadores, y demostró la viabilidad de la metodología en los países fronterizos.

A EXPERIÊNCIA DE DOCENTES DO MUNICÍPIO DE OIAPOQUE SOBRE O USO DE TIC NAS AULAS DE HISTÓRIA

Evelanne Samara Alves da Silva ¹
Alexmara da Paixão Miranda ²

RESUMO

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) podem contribuir para renovações nas aulas de História, colaborando para o interesse, a participação e motivação dos alunos para uma aprendizagem mais significativa e facilitando a problematização dos conteúdos. O estudo tem por objetivo discutir como as TICs estão sendo utilizadas nas aulas de História, através das impressões de seis professores de duas escolas da rede pública do município de Oiapoque – AP. Partiu-se da premissa de que o professor pode utilizar as TICs como auxiliares na sala de aula. Foram consideradas as vozes dos sujeitos para mostrarem entraves e benefícios relacionados ao uso dos recursos tecnológicos nas aulas de História, o que foi feito pela aplicação de questionário para professores participantes. A pesquisa foi pautada em pesquisas bibliográficas referentes à temática da tecnologia, bem como, em pesquisa qualitativa, por meio de questionário semiestruturado. A partir das respostas foi possível perceber entraves atitudinais e estruturais para que as TICs sejam utilizadas no contexto escolar.

Palavras-chave: História. Professores. Tecnologia.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa trata do uso das tecnologias nas aulas de História, para investigar como as ferramentas tecnológicas são utilizadas por professores de História em duas escolas da rede pública do município de Oiapoque-AP, localizado no extremo norte do Estado do Amapá, distante aproximadamente 590 quilômetros da capital Macapá, com população estimada de 27.906 habitantes (IBGE, 2020).

O avanço das TICs permitiu reflexão sobre como novas tecnologias podem ser utilizadas pelos professores em sala de aula, contribuindo para aulas críticas e participativas, mas assim como qualquer ferramenta, devem ser problematizadas e utilizadas conforme planejamento pedagógico e múltiplas adequações.

O Ensino de História deve estar adequado às necessidades do tempo presente e às novas interações e percepções de mundo. Em consonância com o ensino de História, a tecnologia pode ajudar a escutar vozes de sujeitos antes esquecidos em

¹ Professora da Universidade Federal do Amapá

² Discente do curso de História do Campus Oiapoque da Universidade Federal do Amapá

fontes antes não consultadas (FERREIRA, 1999), e contribui para uma dinamicidade excluída de aulas estáticas que caracterizavam o perfil da Disciplina História no período em que focava grandes eventos e o campo político.

É consenso que para o professor uma diversidade de opções metodológicas alinhadas à tecnologia, podem contribuir para o ensino (ALMEIDA, 2000; BITTENCOURT, 2008; CRUZ, 2013), no entanto, é pertinente verificar a adequação dessas inovações às realidades específicas.

2 METODOLOGIA

O estudo foi pautado em pesquisas bibliográficas e em pesquisa qualitativa, por meio de questionário semiestruturado aplicado a seis professores de duas escolas da rede estadual de ensino do município de Oiapoque - AP, no intuito de investigar como as ferramentas tecnológicas são utilizadas no ensino de História, bem como, as dificuldades ou benefícios referentes a essa aplicação. Tendo como principais autores para o percurso metodológico Rodrigues (2013) e Moran (2009), que dialogam sobre o uso das TICs na prática pedagógica.

As escolas *lócus* da pesquisa são referências dentro do município de Oiapoque e atendem os alunos nas modalidades Ensino Fundamental II, Educação de Jovens e Adultos e Ensino Médio.

Para o questionário, foram elaboradas cinco perguntas que tratam de questões subjetivas e objetivas. Segundo Moura e Rocha (2017), os questionários contribuem para uma melhor descrição e compreensão da realidade nas pesquisas em ciências humanas, porque são instrumentos estruturados por questões sistematicamente organizadas, apresentando por fim, o registro de informações escritas dos sujeitos investigados. Os sujeitos pesquisados foram identificados no corpo do trabalho com os denominadores: Professor 1 (P1), professor 2 (P2), professor 3 (P3), professor 4 (P4), professor 5 (P5) e professor 6 (P6), obedecendo ao princípio ético da pesquisa.

As perguntas foram: 1) Na sua concepção o que são as TICs? 2) É feito o uso de recursos tecnológicos diferenciados no ensino da disciplina História? Se sim, quais são estes recursos e como é feito este uso? 3) O uso das tecnologias para o ensino de

História deve ser estimulado? Se sim, por quê? 4) Há dificuldades para o uso da tecnologia em sala de aula? Quais são? 5) A escola já proporcionou ou proporciona algum tipo de formação ou outro espaço para discussão do uso de tecnologia de informação e comunicação como recurso pedagógico?

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebeu-se que quase todos os entrevistados, exceto o P3, que não respondeu ao primeiro questionamento, reconhecem que as TICs contribuem no processo ensino aprendizagem. Os mesmos entendem que tal realidade exige do professor busca por novos conhecimentos sobre o tema. Os professores foram unânimes em afirmar que a tecnologia já faz parte de suas aulas e que apesar dos diversos entraves fazem o que podem para viabilizar tal uso.

As respostas dos professores atestam a falta de recursos didáticos atrelados à tecnologia. É preciso destacar ainda a dificuldade de acesso à Internet na cidade de Oiapoque, e sabe-se nem todos os professores tem disponibilidade de arcar com custo significativo para tal uso, pois o acesso se dá de maneira desigual em um âmbito geral que inclui também os alunos (NETO, 2013).

As escolas pesquisadas dispõem de um único local com o acesso à tecnologia, com toda deficiência de estrutura e poucos equipamentos, tal espaço é o Laboratório de informática educativa (LIED), agregado ao Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo), criado pela Portaria nº 522/MEC, de 9 de abril de 1997 (BRASIL, 1997).

Nas escolas pesquisadas existe a mentalidade de que a tecnologia ainda está restrita ao uso do *data show*, no entanto, é preciso a compreensão de que os recursos tecnológicos, não estão restritos ao uso do computador e projeto de imagem. Os recursos didáticos modernos são formados por componentes eletrônicos e computacionais, ressaltando que a proposta curricular nacional, incentiva o professor a utilizar os recursos didáticos relacionados às novas tecnologias.

Nas respostas observou-se que os professores encontram dificuldades para o uso de ferramenta tecnológica em suas aulas, pois há problemas relacionados à inserção desses recursos dentro da sala de aula, as questões mais frequentes estão

ligadas à falta de estrutura que as escolas apresentam, disponibilidade de equipamentos e dificuldades relativas à instalação destes, problemas que são reconhecidos pela gestão escolar.

O docente, a cada aula, tem que montar e desmontar seus equipamentos, causando até danos materiais não reparados pela escola. Um desafio apontado é o de montar os equipamentos (projektor, caixa de som, microfone e outros) em um curto espaço de tempo, pois, muitas vezes, os horários de aula são reduzidos, por conta de imprevistos na rotina escolar.

Apesar de pontos positivos exemplificados, como uso frequente de simulados *on-line* para os alunos, não foi citado nenhum projeto voltado para o uso de celular, *tablete*, redes sociais e outros recursos que possam usufruir da internet dentro da sala de aula. As duas escolas possuem sala de laboratório de informática educativa, o LIED, único lugar que têm para oportunizar aos seus alunos um acesso mais direto a uma rede de computadores conectados à internet. Esse espaço é insuficiente para atender a demanda de alunos. Tais salas estão sempre ocupadas por diversas turmas e com espaço lotado, sendo que a escola enfrenta problemas quanto ao agendamento das aulas por parte dos professores nos respectivos locais.

4 CONCLUSÕES

Autores referências para o tema pesquisado certificaram de forma positiva que as TICs podem contribuir para o ensino e aprendizagem dos alunos, mas é preciso criar estratégias em que o professor administrará o seu uso. Na pesquisa foi constatado que as escolas não têm estrutura suficiente para a implantação de variados recursos tecnológicos, a ausência de equipamentos, salas apropriadas e carência de segurança nas escolas foram apontados como impeditivos para se introduzir a tecnologia na rotina escolar. É importante destacar que não é apenas responsabilidade dos professores o alinhamento ao uso de novas tecnologias na escola. A adaptação aos recursos tecnológicos em uma escola é responsabilidade de toda comunidade escolar.

Foi percebido na pesquisa que as barreiras, tanto materiais como relacionadas às atitudes dentro da escola, podem dificultar o uso de tecnologias pelos professores nas aulas de História e, se sanadas podem facilitar o uso, contribuindo assim para aulas

mais interessantes e adequadas às indicações dos estudiosos da área da educação para a Disciplina História e para todas as outras disciplinas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. **O computador na escola**: Contextualizando a formação de professores. 2000. 281 F. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

BITTENCOURT, C. **O ensino de história**: Fundamentos e métodos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 522, de 9 de abril de 1997**. Disponível em: http://www.lex.com.br/doc/348748/PORTARIA_N_522_DE_9_DE_ABRIL_DE_1997.aspx Acesso em: 20 nov. 2020.

CRUZ, W. B. Experiência utilizando ferramenta síncrona na Educação. MERCADO, L. P. L. (Org.). **Experiência com tecnologia de informação e comunicação**. Maceió: EDUFAL, 2013, p. 102-139.

FERREIRA, C. A. L. A importância das novas tecnologias no ensino de história. **Universa**, Brasília, n.1, p. 125-137, fev. 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA [IBGE]. **Cidades e estados – Oiapoque**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ap/oiapoque.html> Acesso em: 22 nov. 2020.

MOURA, M. O Ensino de História e as Novas Tecnologias: da reflexão à ação pedagógica. In: ANPUH, XXV Simpósio Nacional de História, Fortaleza, 2009.

MOURA, A. F.; ROCHA, F. L. L. Memória e história: entrevista como procedimento de pesquisa em Comunicação. **Revista Comunicação Midiática**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 161-176, maio/ago. 2017.

MOURA, M. O ensino de história e as novas tecnologias: Da reflexão à ação pedagógica. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH, 25., Fortaleza. 2009. **[Anais...]**. Fortaleza, ANPUH, 2009. 10p.

NETO, J.A. de F. História na sala de aula: Conceitos, práticas e proposta. In: CARNAL, Leandro (Org.) 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

RODRIGUES, V. **A origem da internet**. 2013. Disponível em: <https://www.grupoescolar.com/pesquisa/a-origem-da-internet.html> Acesso em: 19 fev. 2019.

ELEMENTOS DA CULTURA MUÇULMANA NA ACADEMIA DE BOXE MESQUITA BROTHERS (JOÃO PESSOA-PB)

Gilda Pereira de Moraes Mariano¹
Matheus da Cruz e Zica²

Introdução

O presente trabalho tem por finalidade analisar e entender o significado dos elementos e seus ritos dentro da cultura islâmica, na Academia de Boxe Mesquita Brothers, bem como o ritual de comunicação feito entre eles e a sociedade, contribuindo para a construção de um panorama histórico sobre a religião islâmica no Estado da Paraíba, no Brasil e no Mundo³. Para isso aplicamos o método etnográfico, com ênfase na pesquisa descritiva. O objetivo foi o de compreender toda a imagética que envolve um espaço tanto profano quanto sacro, entrelaçados ao mesmo tempo, como se organizam e se comportam entre si e a sociedade. Dentro dessa atmosfera dualista encontramos um Islã moldado a sua nova realidade.

O lócus da pesquisa foi o Centro de Treinamento Mesquita Brothers, situado no bairro do Bessa em João Pessoa, na medida em que esse espaço também abrigou a primeira Mussala⁴ islâmica do estado da Paraíba. Essa história tem total relação com o fundador desse espaço, o carioca Francisco Mesquita Pereira, ex-cristão evangélico e monge budista, e que reverteu-se⁵ ao Islã nos Estados Unidos, onde morou por dois anos. Chegando à Paraíba em meados dos anos oitenta, já consagrado como campeão mundial de Boxe e adepto da fé islâmica.

Para compreender melhor a história islâmica antiga e atual, além de autores seculares, no cotidiano da pesquisa nos foi cedido pelo próprio Professor Mesquita um vasto material impresso, em sua maioria obras produzidas no Brasil por entidades

¹ Bacharela em Ciências das Religiões, UFPB/CE. –João Pessoa/PB, Email: gilda-moraismariano@hotmail.com

² Mestre e Doutor em Educação UFMG – Professor do Curso Ciências das Religiões, UFPB/CE- João Pessoa/PB, Email: matheuscza@gmail.com

³ O presente trabalho é fruto da monografia intitulada *Elementos da cultura muçulmana na academia de boxe Mesquita Brothers*, realizada por Gilda Pereira de Moraes Mariano, sob orientação do Prof. Dr. Matheus da Cruz e Zica no âmbito, defendida no âmbito do Curso de Bacharelado em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba. A banca foi composta pelo orientador e pelas Professoras Doutoras Maria Lúcia Abaurre Gnere e Fernanda Lemos.

⁴ Casa de oração

⁵ Mesquita explica: Trilhar o caminho de volta ao islã, à submissão a Allah (Deus).

islâmicas oficiais e espalhadas em vários estados brasileiros, utilizadas por eles para propagar o Islã, entre essas obras está o Alcorão⁶. O discurso religioso que encontramos não parece evocar uma tradição fundamentalista. Sua preocupação não é impor sua fé, mas vive-la com liberdade, baseada nos cinco pilares que sustentam o Islã: A Shahada, Salata, Zakata, Hamadan e o Hajj - traduzido: Testemunho de fé diária, rezar cinco vezes ao dia para Allah, dar esmolas ao pobre, mês do Jejum e visitar a cidade de Meca uma vez na vida, a cidade onde o profeta Muhammad nasceu. A religião do Islã convoca a todos a uma vida voltada para o asceticismo moderado, a adorar somente um Deus (Allah), desprezar o profano⁷ e viver para o sagrado.

Neste trabalho alicerçado nas Ciências das Religiões, que segundo Miele (2011, p.07) “tem por finalidade compreender o fenômeno religioso em todas as suas dimensões” voltamos o nosso olhar e buscamos compreender mais detalhadamente o Islã na cidade João Pessoa, dentro de uma academia de Boxe, bem como todo o ritual de comunicação que é feito no espaço interno da mesma e de como ela se projeta para o espaço externo. Faz-se Necessário estudar e compartilhar esse novo estilo de vida religiosa no estado da Paraíba, novo não no sentido de tempo, mas da falta de conhecimento dessa tradição por grande parte da sociedade.

Uma das primeiras pesquisas sobre a presença dessa comunidade na Paraíba se deu através de uma aluna da UFPB, hoje mestra em Ciências Sórias: Vanessa Karla Mota Souza Lima. Extensas pesquisas e diversos artigos foram escritos por ela e buscamos nessa fonte enriquecer o nosso trabalho com informações preciosas de um tempo passado que não se pode reviver, mas que pode ser compartilhado, como diz Souza (2012, p.41): “precisamos contextualizar o islã, entender sua construção dentro de uma nova cultura e sua resignificação”. Nessa citação o que se percebe é a necessidade que o Islã à brasileira sente de se reinventar e enfrentar as diferenças culturais e religiosas.

Objetivos

Ao analisarmos rapidamente a História observamos que a civilização árabe e islâmica contribuiu para o mundo civilizado, moderno e contemporâneo,

⁶ Principal Livro sagrado dessa religião, ele contém as revelações de Allah ao profeta Muhammad.

⁷ Bebidas alcoólicas, fornicação, jogos de azar, adoração a outros deuses e etc.

acrescentando vida à Ciência, Artes, e a Literatura. Assim sendo buscamos promover e estimular o conhecimento de uma pequena classe religiosa, ressaltando o respeito e a igualdade entre todos. A pesquisa tem por finalidade realizar uma apresentação do Islã dentro do estado da Paraíba através dos símbolos e de seus participantes, situando-a no foco educativo com o intuito de amenizar o medo e a indiferença apontada para esse grupo, conforme defende Miele (2011, p.24): “se partimos do pressuposto que a ignorância é a mãe da intolerância, a única maneira de forjar a convivência pacífica entre as religiões é através da informação e do conhecimento”. Uma pergunta crucial a esta pesquisa é: Como se dá a divulgação do Islã dentro uma academia de Boxe?

Metodologia

Desde o início do curso de bacharelado em Ciências das Religiões, nos foi proporcionado, pela Dra. Fernanda Lemos⁸ a pesquisa de campo. Optamos pelo método etnográfico. Assim, por meio da investigação participativa e da avaliação do discurso da comunidade islâmica na Paraíba, propomos dar enfoque em nossa pesquisa ao primeiro mulçumano⁹ vindo ao nosso estado, o Muhammad Al Mesquita¹⁰, bem como a conexão que ele empreendeu entre a prática do boxe e a fé islâmica. Foram observados, registrados e analisados fatos e variáveis colhidos na Academia de Box Mesquita Brothers, em visitas diárias, anotações, fotografias e gravações de áudios e imagens (previamente autorizados), bem como a coleta de vários livros e revistas sobre o Islã que foi cedido pelo próprio professor Mesquita para essa pesquisa.

Resultados

O professor Mesquita, ao chegar na Paraíba se casou e formou sua família fundando, conforme já mencionado, no bairro do Bessa o Centro de Treinamento Mesquita Brothers, voltado a diversos esportes além do Boxe. Tornou-se além de professor, um líder religioso para seus alunos, criando diversos projetos sociais apresentando o esporte em suas variadas modalidades para ajudar crianças carentes. Sua academia está adornada com vários símbolos islâmicos, utilizando-os como meio de divulgação do Islã, com uma sala exclusiva para os rituais religiosos.

⁸ Professora Mestra e Dra. Fernanda Lemos, Curso de Ciências das Religiões - UFPB.

⁹ A palavra mulçumano vem do árabe, do verbo "MUSLIM", significa: submeter-se a Allah (Deus).

¹⁰ Nome de batismo no Islã, seu verdadeiro nome é Francisco Mesquita Pereira, nasceu em 1967 RJ.

Mesquita explica que o esporte não é proibido no Islã, e que o boxe ensina o sujeito a ser disciplinado, respeitar a família, o adversário. Relembra com frequência a história de Muhammad Ali¹¹, sua maior fonte de inspiração. Com o passar dos anos, mulçumanos vindos de outros países vieram visitar o professor Mesquita e outros brasileiros foram revertidos ao Islã. Após o pioneirismo de Mesquita, existe hoje um novo grupo em outro bairro de João Pessoa, onde está localizado um centro de oração voltado apenas para o Islã, sem associação a prática de nenhum esporte. Eles seguem discretamente seus ritos, já que parece existir certo receio, por ainda sofrerem na pele o preconceito e a associação com ações terroristas. Mas como bem defende Armstrong (2001, p.224): “Tudo que eles querem é conservar sua religião e suas tradições morais e, ao mesmo tempo, incorporar alguns dos melhores aspectos da civilização ocidental”.

Segundo o discurso do Mesquita, no Islã, o sagrado é revelado em todas as formas de vida do sujeito, até mesmo na convivência com o profano, por isso para eles é impossível desassociar um do outro. Talvez por isso o professor Mesquita tenha se casado com uma mulher de fé católica e que divide com ele o espaço na academia, com os seus símbolos e festas católicos. Buscamos entender com Mircea de Eliade (2008, p.26) como o sagrado e o profano se manifestam em um mesmo espaço e descobrimos que “a oposição entre um e outro se dá entre o real e irreal”. Isso talvez isso explique a reação do Mesquita, ao ser questionado sobre esse assunto ao afirmar que isso seria irrelevante. Percebo que para *homo religiosus*¹² o espaço sagrado é subjetivo, não chega a ser uma ilusão, mas algo que transcende a compreensão do homem.

Referências

ARMSTRONG, Karen. *O Islã*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. Editora Martins Fontes, 2008.

MIELE, Neide. *Curso de Graduação em Ciências das Religiões*. UFPB. 2011.

SOUZA, Vanessa Karla Mota. *Para lá e de volta Allah*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. UFPB, 2012.

¹¹ Conhecido no Islã como o Santo Guerreiro, campeão mundial de Boxe na década de 60.

¹² Aquele que vive ou busca a sacralidade do mundo (ELIADE, 2008, p.27).

O DANO AMBIENTAL FUTURO NA SOCIEDADE DIGITAL DA INFORMAÇÃO

Diego Moura de Araújo¹
Gisele Amaral Moura de Araújo²

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo central caracterizar o dano ambiental futuro e saber como ele se manifesta na sociedade pós-moderna da informação digital. Para isso, será feito um comparativo entre o dano ambiental clássico, fundamentado no risco concreto, dano determinado e ausência de complexidade, e o dano ambiental futuro, decorrente da sociedade de riscos e inserido dentro do meio ambiente digital, com eventos imprevisíveis e consequências difusas. A temática em análise é crucial para se entender os efeitos nocivos das lesões ao meio ambiente e suas consequências às gerações futuras. Por fim, concluir-se-á que o entendimento das consequências deletérias do dano ambiental futuro é a melhor forma de se respeitar a dignidade ecológica e garantir a vedação do retrocesso ambiental às gerações vindouras.

Palavras-chave: dano ambiental futuro; meio ambiente digital; sociedade de informação; dignidade ecológica.

Abstract

The present work has the main objective to characterize future environmental damage and to know how it manifests itself in the postmodern society of digital information. For this, a comparison will be made between the classic environmental damage, based on the concrete risk, determined damage and absence of complexity and the future environmental damage, arising from the society of risks and inserted within the digital environment, with unforeseeable events and diffuse consequences. The subject under analysis is crucial for understanding the harmful effects of environmental damage and its consequences for future generations. Finally, it will be concluded that an understanding of the deleterious consequences of future environmental damage is the best way of respecting ecological dignity and ensuring that environmental retrogression is closed to future generations.

Keywords: Future environmental damage; digital environment; information society; ecological dignity.

Introdução

¹ Doutorando em Ciências Jurídico-Civis pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa - FDUL. Mestre em Direito Ambiental e Políticas Públicas pela Universidade Federal do Amapá - UNIFAP (2013). Especialista em Direito Civil e Processual Civil pela Universidade Católica Dom Bosco-MS (2007). Graduado em Direito pela Universidade Federal do Piauí (2006). Juiz de Direito da 1ª Vara Criminal da Comarca de Macapá - Tribunal de Justiça do Estado do Amapá. Professor da Universidade Federal do Amapá-UNIFAP (campus Marco Zero). Professor da Escola Judicial do Estado do Amapá-EJAP e da Escola de Magistratura do Estado do Amapá - EMAP. Formador de Formadores da Escola Nacional de Formação e Aperfeiçoamento de Magistrados - ENFAM. Autor de livros e artigos jurídicos.

² Mestre em Ciências Jurídico-Civis pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Especialista em Direito Contemporâneo com ênfase em Direito Público pela Universidade Positivo; Especialista em Direito Aplicado pela Escola de Magistratura do Paraná e Especialista em Gestão Pública pela Faculdade OPET. Possui graduação em DIREITO pela Faculdade Dom Bosco (2011). Advogada.

A Sociedade digital de informação é uma realidade presente no mundo pós-moderno em que se vive. No entanto, as transformações tecnológicas ocorridas atualmente acabam por resvalar na natureza. Não há que se falar em ambiente equilibrado, se há poluição ambiental, se a água não é potável, se não existe saneamento básico, ou seja, se não há um mínimo de “dignidade ecológica” preservada e respeitada.

Outra consequência constatada, atualmente, é que os danos ao ambiente não se manifestam apenas no local afetado e em pessoas determinadas. Eles têm caráter difuso e coletivo, porque se espalham rapidamente e não se conhece ao certo quais ecossistemas ou mesmo indivíduos foram afetados.

Metodologia

Neste estudo, utilizar-se-á o método qualitativo de investigação, porque ele é o mais recomendado para as ciências humanas e tem por objetivo uma compreensão mais abrangente dos fenômenos estudados dentro da modernidade líquida. Ademais, serão usados os métodos monográfico e hermenêutico na análise da legislação pertinente ao tema. Através desse último método, o pesquisador pode adentrar a fundo no universo da análise, interpretando as teorias existentes na temática da pesquisa.

Sociedade de Informação

Não existem dúvidas de que a sociedade atual é complexa e completamente diferente de séculos atrás. As inovações científicas, tecnológicas, sociais e culturais dos últimos anos fizeram impulsionar transformações nunca vistas e em pouco tempo. O rádio, meio de comunicação mais moderno no início do século XX ficou superado com o avanço das telecomunicações por satélite que impulsionaram o surgimento da *internet*.

A sociedade de informação pode ser analisada por duas simples vertentes, também denominadas de indicadores de desenvolvimento na concepção de Miranda (2000): a) penetrabilidade, quer dizer, em que grau e/ou quantidade as informações tecnológicas estão presentes nos diversos lares, interferindo no dia-a-dia das pessoas e

b) ubiquidade, isto é, saber onde, quando, em que momento e quais os usuários (pessoas físicas, organizações público ou privadas) usam as tecnologias digitais.

Um exemplo de como esse avanço da conectividade está presente, atualmente, é a denominada *internet* das coisas, utilizadas em tênis, roupas, geladeiras, carros e nos mais variados e impensáveis objetos e as mídias sociais (*facebook*, *instagram* e *twitter*) que permitem uma comunicação global e instantânea como bilhares de pessoas em diversos países do mundo. Como dito acima, a *internet* é o expoente maior da sociedade de informação.

Meio ambiente digital na modernidade líquida

Atualmente, vive-se em um mundo constantemente alterado pelas intensas mudanças trazidas pelas ciências médicas e tecnológicas, pelos meios de comunicação interligados, dentre eles, a *internet*, que tornou o mundo uma verdadeira “aldeia global”, além das alterações causadas por forças naturais, mormente, as climáticas.

Do ponto de vista sociológico, Bauman (2001) cunhou esse momento vivido pela expressão “modernidade líquida”. Segundo essa metáfora, ao contrário de anos anteriores em que as mudanças aconteciam a passos lentos por existir uma solidez maior em relação aos acontecimentos e certezas científicas, hoje, na fase da pós-modernidade e da era digital, o dinamismo e a flexibilidade das coisas, do espaço e do tempo, bem como as incertezas, se tornam tão fluidas e expansivas como líquidos e gases. Nesse tipo de sociedade altamente interconectada, mudam-se comportamentos, formas de se pensar e agir como se alteram as estações do ano.

Com efeito, o ambiente se adapta à sociedade que possui. E nem mesmo foi preciso mudar a legislação ambiental que define o tema. Até se chegar ao ambiente digital, hoje bem caracterizado com o uso da *internet*, passou-se pelo modelo tradicional – meio ambiente social do passado e o modelo do século XIX – meio ambiente do individualismo e do privado (CAMPOS e ALMEIDA, 2012).

Após essas etapas, aparece em concomitância com a sociedade de informação, pós anos 60 do século passado, o meio ambiente digital. Este é juridicamente amparado pela combinação de três conceitos fundamentais: a) o primeiro é o conceito geral de meio ambiente previsto no art. 3º da Lei da Política Nacional do Meio Ambiente; b) o segundo é a definição constitucional encontrada no art. 225, ao

caracterizar o direito de todos ao meio ambiente equilibrado e o dever do Poder Público e da coletividade de defendê-lo e preservá-lo para as gerações futuras; e c) por fim, os bens de natureza material e imaterial do patrimônio cultural brasileiro conjugados com a liberdade de expressão e informação.

Dano ambiental futuro

É dentro dessa visão da sociedade de informação da era digital que deve ser entendido o que seja o dano ambiental futuro. Não se trata de mais uma nomenclatura doutrinária ou mesmo acadêmica. Esses danos e riscos enfrentados são frutos da modernidade líquida em que se vive atualmente que, segundo BECK (2011), são consequências da sociedade calcada no risco e podem ser exemplificados pelo acidente nuclear da usina atômica de Chernobyl, em 1986, quando os avanços tecnológicos e sociais não foram acompanhados dos riscos de infortúnios e tragédias.

Pode-se, destarte, trazer as seguintes características do dano ambiental futuro na sociedade do ambiente digital: a) elevado grau de incerteza científica pela fluidez, diversidade e imprevisibilidade dos danos; b) mudanças climáticas, poluições ambientais e desastres ecológicos em proporções globais atingindo um número indefinido de pessoas e produzindo riscos abstratos; c) o risco passa a ser um elemento essencial, porque não depende mais da concretização do dano para ser avaliado em sua gravidade e irreversibilidade; d) a imprescritibilidade do dano ambiental difuso; e) a possibilidade de indefinição do nexo causal; e f) os elementos da ilicitude civil passam a ser o risco intolerável, a análise probabilística e a probabilidade ou magnitude do dano causado (CARVALHO, 2013).

Desta forma, aquela visão clássica dos danos ao meio ambiente como sendo algo de pequena monta, que atinge uma esfera específica de indivíduos, fundamentando-se em um dano concreto e determinado, hodiernamente, encontra-se facilmente superada. Um exemplo que bem elucidativa dessa situação foram os desastres ambientais nas cidades de Mariana (2015) e Brumadinho (2019) que trouxeram como consequência centenas de mortes e lesões ambientais ainda hoje não definidas e que certamente atingirão as gerações futuras.

Em relação a essas ofensas ambientais, não se pode ter certeza da intensidade dos danos provocados à natureza, sendo imensurável, por conseguinte, a real extensão do impacto ambiental. Não se tem conhecimento, a curto prazo, se a natureza poderá se recompor e quais as consequências futuras para as próximas gerações, filhos e filhas dos pescadores, dos trabalhadores das regiões afetadas e até de indivíduos indeterminados, porque o dano se caracterizou ao mesmo tempo como individual, coletivo e difuso. Em síntese, a complexidade dos casos tratados é um retrato visível das incertezas provenientes da sociedade pós-industrial da informação do ambiente digital.

Por outro lado, para a melhor caracterização do dano ambiental e suas consequências, deve-se pressupor ainda o entendimento de um bem jurídico que merece a devida proteção – a dignidade ecológica. Com é cediço, a qualidade ambiental é tutelada em vários artigos da Constituição Federal, tais como o art. 225, ao retratar o meio ambiente equilibrado bem como o art. 231, ao se referir aos recursos ambientais e culturais necessários ao bem estar dos povos indígenas. E isso é consequência de um preceito óbvio: sem um ambiente saudável não se pode viver dignamente. O ser humano precisa de um meio livre de poluição em todas as suas formas (solo, água, ar, sonora, visual, dentre outras) para gozar de saúde e assim viver dignamente. Pode-se falar em dignidade ecológica a constituída pela fusão entre a dignidade humana e a dimensão ecológica.

Resultados e discussões

Através dos métodos de pesquisa trabalhados, amparados na legislação correlata e na análise bibliográfica e jurisprudencial, a presente pesquisa conclui que o dano ambiental futuro manifesta-se claramente na sociedade de informação, mais especificamente da era digital. Vislumbra-se que os princípios da equidade intergeracional, da precaução e da prevenção são a ele correlatos e essenciais para melhor entendimento do tema.

Conclusão

Nesse contexto de complexidades ambientais, incertezas científicas e danos difusos, apreende-se que uma nova visão de meio ambiente deve ser observada,

principalmente aquela em que se busca preservar a dignidade ecológica e o respeito da vida humana como bens da vida a serem almejados em primeiro lugar. Só assim, poder-se-á evitar as consequências deletérias de um futuro repleto de dúvidas e que não represente um retrocesso ambiental às gerações que hão de vir.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2010.

CAMPOS, Diogo Leite de e ALMEIDA, Daniela Freire e. O direito ao bom nome e à reputação e a “internet”. **Galileu – Revista de Economia e Direito**. Lisboa: EDIUAL, v. XVII, n.1, 2012, pp.81-145.

CARVALHO, Délton Winter. **Dano Ambiental Futuro: a responsabilização civil pelo risco ambiental**. 2.ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2013.

MIRANDA, Antonio. Sociedade de Informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. **Ci.Inf.**, Brasília, v.29, n.2, maio-ago.2000, pp.78-88.

CORPOREIDADE E ESPIRITUALIDADE NO EXERCÍCIO DO TAI CHI CHUAN

Tannia Elisabeth Lucena Trigueiro¹;
Matheus da Cruz e Zica²

Palavras-chave: Tai Chi Chuan; espiritualidade; corporeidade; sabedoria chinesa.

Neste resumo expandido pretendemos explorar um material de pesquisa interpretativo acumulado ao longo de pesquisa realizada no âmbito dos quatro semestres de Estágio Supervisionado do Curso de Bacharelado em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, a ser apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso da aluna Tannia Elisabeth Lucena Trigueiro, sob orientação do Prof. Dr. Matheus da Cruz e Zica. O foco do trabalho é a análise da história da sabedoria chinesa por meio de levantamento de bibliografias pertinentes ao tema da prática do Tai Chi Chuan disponíveis em língua portuguesa. Trata-se de um trabalho que exige muita cautela na sua elaboração já que toca questões muito complexas e difíceis, por se tratar de uma prática antiga, de uma história milenar que pretende ser conceitualizada no Ocidente, com uma perspectiva de mundo completamente diversa. É difícil esmiuçar essa complexa arte que envolve o movimento corporal, a sua reciprocidade com a respiração, a concentração profunda nos movimentos em execução, a atenção plena no que está acontecendo ao corpo, no entanto numa atitude introspectiva/meditativa se torna um exercício de superação.

Nosso objetivo será entender a significância dos movimentos do Tai Chi Chuan na corporeidade do indivíduo que executa, suas transformações na perspectiva de ser e de estar no mundo. Reconhecendo o corpo como espaço sagrado e integrado com o todo. Relacionar e fazer uma análise crítica do contexto em que o indivíduo, no processo de integração com o todo, estando inserido num mundo dualista, ocidental, contemporâneo, fragmentado, de negação ao corpo e da integralidade do ser.

A intenção em abordar o Tai Chi Chuan pela vertente da espiritualidade ocorreu por percebermos, em uma breve pesquisa em bases de dados eletrônicas que grande

¹Aluna do Curso de Bacharelado em Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba.

² Licenciado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, Pós-doutor pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra – Portugal. Professor do Departamento de Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba.

parte das referências acadêmicas mencionam o Tai Chi Chuan como prática esportiva destinada a um mero bem-estar físico e uma boa qualidade de vida. “As práticas de *tàijíquán* se encaixam bem com um interesse crescente na área da saúde e bem-estar no Brasil” (Murray & Miller, 2015, p.323) e é o que podemos constatar nos inúmeros trabalhos acadêmicos sobre a prática do Tai Chi Chuan. Com o crescimento de técnicas terapêuticas orientais, o Tai Chi Chuan vem também se fortalecendo. “Não se nega a penetração do cotidiano brasileiro por símbolos e técnicas culturais oriunda do Oriente” (Usarski, 2010, p.256).

Ao nosso ver, se faz necessário ampliarmos o campo de análise acadêmico que abarque o caráter espiritualista, introspectivo\meditativo que o Tai Chi Chuan comporta. Essa lacuna se torna preocupante no sentido de que, com o tempo, os elementos tradicionais do Tai Chi Chuan, se percam, sucumbindo a uma interpretação mecanicista. A população ocidental que pratica Tai Chi Chuan, na sua maioria pratica como um exercício sem nenhuma vinculação com a espiritualidade. Considerando a mentalidade esportiva ocidental, separando corpo e espírito, o corpo incentivado para o exercício até a exaustão, em busca de uma constituição perfeita, “capital muscular” (Bizerril, 2011, p.84) como único objetivo, alienado do restante da completude do ser. Essa fragmentação limita a potencialidade humana de aprimoramento de sua possibilidade de estar no mundo , “o cartesianismo e seus descendentes tendem a priorizar um dos polos desta dualidade constitutiva de sua cosmologia, em detrimento do outro, produzindo modelos altamente idealista ou materialista” (Bizerril, 2007, p.16).

O Brasil se enquadra numa perspectiva complexa na receptividade dessa prática mais espiritualizada. Mesmo pela dificuldade de ordem de compreensão como um indivíduo ocidental de pensamento dicotômico. O caráter histórico escravagista, o tradicional preceito cristão, as práticas modernas de culto ao corpo. Tudo isso fortalece simbolicamente essa dicotomia entre corpo\mente, corpo\espírito e “contrapõe de uma forma particular a cabeça ao corpo, a atividade intelectual ao trabalho manual, bem como pela recusa ao corpo no contexto das tendências ascéticas embutidas na cultura cristã” (Bizerril, 2007, p.16).

Consideramos ser preciso resgatar a história do Tai Chi Chuan e seu vínculo com a espiritualidade taoísta. Tentar contribuir um pouco com os pesquisadores que

trazem essa referência espiritualizada do Tai Chi Chuan, e “vencer o verniz do exotismo” (Zica, 2012, p.174). Segundo os pesquisadores Daniel M. Murray e James Miller, com base em entrevistas realizadas em 2009 com os participantes da congregação Taoísta do Rio de Janeiro e São Paulo, eles relatam que “na transmissão do Daoísmo para o Brasil tem sido a tradução do Yījīng e do Dào déjīng em português, bem como a disseminação da prática *tàijíquán* sob a influência da imigração chinesa para o Brasil” (Murray & Miller, 2015, p.321). Seus entrevistados deram como principal razão pelo contato com o taoísmo, a prática do *tàijíquán* (Tai Chi Chuan). Segundo os pesquisadores, o que foi encontrado na pesquisa sobre a prática taoísta no Brasil, não difere do que acontece com os norte-americanos ou europeus que entram em contato com o taoísmo.

É um fator de grande importância perceber quão significativo é promover uma abordagem com viés espiritual destacando a presença da herança ancestral chinesa nessa prática. Sem, no entanto, deixar de louvar os trabalhos de pesquisa no campo da saúde e bem-estar dos indivíduos, que por si só já trazem um grande avanço à pesquisa do Tai Chi Chuan para a sociedade no Brasil.

Pude constatar em uma pesquisa rápida, que há muitos trabalhos com abordagem no foco do Tai Chi Chuan como exercício para a saúde física, principalmente em idosos. Destacamos aqui algumas dissertações de mestrado: de Miguel Antônio Rahal, “Comparação do equilíbrio entre idosos saudáveis praticantes e não praticantes de Tai Chi Chuan” (2009); de André Igor Fonteles, “Desempenho Aeróbico e controle Autonômico Cardíaco em Idosas Praticantes de Tai Chi Chuan e sedentárias”(2013); e a de Joab Jefferson da Silva Xavier, “ Equilíbrio em Idoso e a Prática de Tai Chi Chuan”(2008).

As dissertações, tratam de pesquisas de grande importância para a sociedade brasileira no âmbito da prevenção e recuperação de doente, idosos e da promoção da qualidade de vida da população em geral. “Esta técnica corporal pode ser considerada como um verdadeiro programa de treinamento em um só exercício” (Bizerril, 2011, p.88). Muito louvável os pesquisadores acadêmicos terem interesse em estudar os benefícios do Tai Chi Chuan e promover futuras ações, com essa prática para a saúde e bem-estar dos brasileiros. São pesquisas que caminham na contra-mão da cultura farmacológica. As práticas terapêuticas chinesas seriam um “contra discurso” (Bizerril,

2011, p.83), em uma civilização globalizada, “situadas no horizonte da produção biotecnológica dos corpos nas sociedades de consumo” (Bizerril, 2011, p.90).

Nessa civilização em que, o sujeito está o tempo todo preocupado com o exterior, com exagerada cultura do corpo como produto para a venda. O grande avanço será conseguir tornar presente, cada vez mais, essa tradição contemplativa, em que não há “oposição entre corpo e mente, nem a ideia do corpo como organismo biológico, um ente discreto separado do ambiente cultural e natural” (Bizerril, 2011, p.85). Com o aparecimento de trabalhos acadêmicos, com referência ao Tai Chi Chuan, é um bom indicativo, que sinaliza para um crescimento de adeptos à modalidade.

Destacamos uma dissertação que foi um pouco mais além da abordagem do Tai Chi Chuan como exercício físico para a saúde do corpo: “ A Experiência do Tai Chi: Possibilidades para pensar um corpo sem órgãos e a preparação do ator”, de Ana Carolina Strapação Guedes Viana, defendida em 2011. Já faz uma abordagem com mais sutileza da prática, qualificando o Tai Chi como possibilidade de uma consciência corporal, como via para experimentar um “corpo sem órgãos e não hierarquizado, dividido em partes, uma máquina” (Artaud apud Viana, 2011, p.10). Revelando um corpo na sua plena integridade, presente no mundo como meio de enriquecimento pleno na arte cênica. Há de fato uma relação entre a prática do Tai Chi Chuan e a arte cênica, como técnicas de movimentos que possibilitam uma consciência corporal e uma presença de si, muito necessária para a preparação do ator.

Há uma nítida transformação da consciência, mas para isso é preciso uma séria disciplina com a prática, só então, o praticante terá possibilidade de discernimento, para além do estudo, sobre essa profunda sabedoria milenar. “Isso é que lhe permite oferecer-nos a possibilidade de encontrar uma dimensão superior na prática de uma disciplina física” (Tokitsu, 2012, p.104). Essa conquista é gradativa mediante ao empenho do praticante. “A casa está dentro, aonde se chega apenas depois de passar pelo portão” (Munenori, 2013, p.69). A execução dos movimentos não serão os mesmos a partir da descoberta da potencialidade de um “corpo taoísta” (Bizerril, 2011, p.84).

E o Taoísmo nos dá essa possibilidade do cultivo de si permanente. “Ser taoísta é fundamentalmente praticar técnicas que reconfiguram o *habitus* não apenas

na situação específica do treinamento. Esses padrões, a longo prazo, estendem-se a outros domínios da vida” (Bizerril, 2007, p.153).

Referências Bibliográficas

BIZERRIL, José. *Estética da Existência em Fluxo: Coporeidade Taoísta e o Mundo contemporâneo*. Centro Universitário de Brasília-UniCEUB, 2011.

BIZERRIL, José. *O retorno à raiz*. São Paulo. Ed. Attar, 2007.

FONTELES, André Igor. Dissertação de Mestrado- *Desempenho Aeróbico e Controle Autônomo Cardíaco em Idosos Praticantes de Tai Chi Chuan e sedentárias*. UFRN. Natal, RN, 2013.

MUNENORI, Yagyu. *A Espada Que Dá Vida – Ensinos secretos da casa do Shogun* (Tradução Eder Carlos Pereira Neves). São Paulo. Ed. Cultrix, 2013.

MURRAY, Daniel & MILLER, James. Sociedade Taoísta do Brasil e a globalização do Daoísmo da Ortodoxia Unitária. *Revista Religare*, v.12, n.2. Dezembro de 2015, p. 323-321

RAHAL, Miguel Antonio. Dissertação de Mestrado- *Comparação do Equilíbrio entre Idosos Saudáveis Praticantes e não praticantes*. Faculdade de Medicina de São Paulo. São Paulo, 2009.

USARSKI, Frank. As “Religiões Orientais” Segundo o Censo Nacional de 2010. In: TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (Orgs). *Religiões em Movimento – Censo de 2010*, Petrópolis, RJ : Vozes, 2013.

TOKITSU, Kenji. *Ki e o Caminho das Artes Marciais* (Tradução Luiz Carlos Cintra). São Paulo. Ed. Cultrix, 2013.

VIANA, Ana C. Strapção Guedes. Dissertação de Mestrado- *A Experiência no Tai Chi: Possibilidades para Pensar o Corpo sem Órgãos e a preparação do ator*. UFRN. Natal, 2011.

XAVIER, Joab Jefferson da Silva. Dissertação de Mestrado- *Equilíbrio em Idosos e Prática de Tai Chi Chuan*. Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, 2008.

ZICA, Matheus da Cruz. Religião, Educação e marcialidade na Formação Histórica do Kung Fu ; Alguns Apontamentos Sobre Um Campo de Pesquisas Recentes no Brasil. *Revista Religare*. v. 9, n.2. Dezembro de 2012.

PLAN DE INVESTIGACIÓN: REVOLUCIÓN TECNOLÓGICA DEL SIGLO XXI Y EL APRENDIZAJE SECUNDARIA EN MACAPÁ POR LA MIRADA DEL INTERACIONISMO SIMBÓLICO.

Luiz Gustavo da Silva Costa ³

Palavras-Claves: Revolución Tecnológica; Enseñanza Secundaria Superior, Interacionismo Simbólico; Ciudad de Macapá.

1. INTRODUCCIÓN

La educación, y más específico la enseñanza en el Brasil, ha sido tema de discusión hacia muchos maestros, investigadores y académicos de redes de la educación superior. Muchas de estas discusiones se realizaron en clases que se fueron usados textos académicos que buscaban reflexionar sobre la práctica docente y es en el aula donde encontramos grupos significativos de estudiantes a los que podemos llamar de alumnos que no están interesados⁴ en las asignaturas enseñadas en las escuelas y hoy, compitiendo como el exceso de entretenimiento proporcionado por el mundo digital de la Internet, esta situación empeora aún más. Desde el principio de nuestra experiencia profesional como docente de escuelas públicas y privadas en la ciudad de Macapá-AP/Brasil en finales del siglo XX y las dos primeras décadas del XXI, tuvimos la oportunidad del intercambio de experiencias con otros docentes donde siempre, en conversaciones, detectamos la existencia de grupos de estudiantes desinteresados en los temas desarrollados en clase.

Así, en la asignatura llamada “Paradigmas” del curso de Doctorado en Humanidades y Artes con mención en Ciencia de la Educación, se fueron hechas importantes reflexiones a respecto del actual contexto de las discusiones sobre situaciones que representan problemas actuales en la enseñanza y en la Educación

³ Profesor adjunto efectivo de la Universidad Federal del Amapá - UNIFAP – *Campus* Binacional. Alumno del curso de Doctorado en Humanidades y Artes con mención en Ciencia de la Educación de la Universidad Nacional de Rosario – UNR/ARG. Magíster en Desarrollo Regional por la UNIFAP. Posgrado lato sensu en Historia del Brasil FII/Rio de Janeiro. Grado en Licenciatura e carrera en Historia por la UNIFAP.

⁴ En Argentina, hay un grupo de investigadores de la Universidad Nacional de Rosario interesados en comprender el momento de "crisis" en el que se encuentra actualmente la escuela. Este grupo se llama NME - Nuevo Mundo Educativo. Este grupo identifica que en la sociedad contemporánea hay jóvenes que enfrentan problemas con respecto a la adecuación de su lugar dentro de la sociedad y no encuentran motivación para estudiar o trabajar siendo llamados NI-NI (ni, ni, ni trabajo ni estudio).

desarrollados al largo de la Revolución Tecnológica. Además, el grupo de investigadores titulado Nuevo Mundo Educativo - NME, que tiene en su raíz una propuesta para un salto re-evolutivo para pensar en la educación en su momento actual, lanzaran importantes cuestionamientos que fomentaron el problema a ser investigado.

Para Romero, Romero, Altisen y Noro (2017) la NME viene a proponer un complejo argumentativo, reflexiones sobre el sistema educativo que como ya lo dijimos, nos llevan a un salto re-evolutivo que se guía una nueva perspectiva para la educación actual. También debemos tener en cuenta los avances traídos por los despliegues de la Revolución Tecnológica de la información derivada de la expansión de Internet (la red mundial), la popularización de computadoras y teléfonos móviles, la invención y diseminación de los smartphones y los juegos electrónicos virtuales como el Free Fire así como aparatos de smart TVs y la utilización creciente de el You Tube y Tic Toc como sustituto de la televisión convencional, etc. No podemos olvidar la viralización del uso de las redes sociales, especialmente Facebook (Messenger) y Whatsapp entre muchos otros.

Podemos decir que el entretenimiento ofrecido por las pantallas se ha convertido en un hábito cotidiano que pone la disciplina de las actividades escolares en una situación poco interesante hacia los estudiantes. Romero (2017) sostenga que muchos jóvenes no desarrollan interés en las asignaturas escolares, ni miran a la escuela como una forma necesaria para su futuro desarrollo personal y social. Este escenario como marco general, nos invita a reflexionar sobre la enseñanza del siglo XXI con la presencia y impactos de las tecnologías digitales como un factor que puede generar aumento de desinterese por la enseñanza escolar.

Romero (2017) afirmó que la concepción misma de adquirir conocimiento a través del esfuerzo o sacrificio se vuelve obsoleta que ni siquiera que lo puede pensar. La escuela ya no representa el lugar sagrado y el único poseedor del conocimiento formal. El conocimiento está disponible en muchos lugares y mucho más accesible en cualquier momento que el estudiante quiera. Por lo tanto, la escuela y las clases se vuelven obsoletas, enfrentando una realidad en la que la escuela vive dentro de su propio laberinto creado por sí misma como ha planteado Romero.

2- PROBLEMA DE INVESTIGACIÓN

Definimos como un problema de la investigación propuesta la siguiente cuestión: ¿Cómo la Revolución Tecnológica del siglo XXI impacta la aprendizaje en la enseñanza secundaria superior en escuelas de la ciudad de Macapá?

3- OBJETIVOS DE LA INVESTIGACIÓN

Para lograr una contestación al problema planteado, buscamos establecer los siguientes objetivos:

Objetivo general - Comprender cómo la Revolución Tecnológica del siglo XXI impacta en la educación bachillerada en las escuelas de Macapá.

Objetivos específicos:

1- 1- Describir el avance epistemológico de la Ciencia Moderna bien cómo desdoblamiento de los paradigmas actuales (Neoliberal, pos-estructuralista, Complejidad e Interaccionista y la propuesta del NME).

2- Aclarar el proceso histórico de implementación, desarrollo y coyuntura de la Revolución Tecnológica, haciendo hincapié en la enseñanza secundaria superior;

3 – Reflexionar sobre lo que los avances desarrollados la Revolución Tecnológica del siglo XXI simbolizan para los aprendizajes en la mirada de los estudiantes de la de Macapá;

4 - Identificar desde la visión de los estudiantes de secundaria de Macapá cómo su aprendizaje es impactada por la Revolución Tecnológica, entendiendo sus significados a partir de la mirada del Interaccionismo Simbólico.

5 – Teorizar a partir de la fundamentación en los datos colectados en las opiniones de alumnos sobre cómo perciben los impactos de la revolución tecnológica en su visión sobre la enseñanza para desarrollar conceptos que puedan ayudar a entender el fenómeno elegido a partir del visón de los alumnos.

4- CORTO MARCO TEORICO

Empezado por las cuestiones epistemológicas sobre la discusión de los paradigmas debatidos por Romero (2017) en la NME y la coyuntura de la educación, se

buscó entonces elegir una perspectiva teórica que pudiera brindarnos un riesgo interpretativo que nos lleve a una mayor margen de comprensión del conocimiento de manera satisfactoria.

Así, partiendo de una perspectiva que buscará interpretar los datos recolectados en entrevistas con estudiantes de secundaria de la ciudad de Macapá, entendemos que la aplicación de los supuestos teóricos del Interaccionismo Simbólico propuesto por Herbert Blumer sustentado en las técnicas originadas desde la Teoría Fundamentada (*Grounded Theory*). Esta teoría es capaz de orientarnos no solo en el proceso de recolección, tratamiento e interpretación, así como buscar producir conceptos dentro de las interpretaciones epistemológicas y ontológicas de la información recolectada en el campo.

5- ACTIVIDADES Y METODOLOGÍAS.

A priori, presentamos los aspectos centrales de la práctica del método *Grounded Theory*, que, a grandes rasgos, servirán como elementos rectores para la interpretación y desarrollo teórico de los datos recolectados en campo: (a) el proceso simultáneo de recolección y análisis de datos; (b) el desarrollo de códigos de análisis y categorías a partir de los datos; (c) el uso del método de comparaciones constantes, que consiste en comparar datos y códigos a lo largo del proceso de análisis; (d) el desarrollo gradual de la teoría en los flujos de recolección y análisis de datos; (e) escribir memorandos para crear categorías, registrar pensamientos analíticos sobre sus propiedades y comparar relaciones entre categorías; (f) muestreo teórico - basado no en la representatividad de la población, sino en el desarrollo de la teoría y (g) el desarrollo de la revisión bibliográfica después del desarrollo de la teoría (GLASER; STRAUSS, 1967).

El método de la teoría fundamentada no se restringe a ninguna disciplina o tipo de datos, la teoría puede basarse en varias dimensiones teóricas. Es una metodología epistemológicamente neutra (GLASER, 2009), que aquí nos proponemos partir del Interaccionismo Simbólico para buscar la simbología existente en la comprensión de estos jóvenes y sus impactos en la Educación.

Comprender el contexto a analizar y conceptualizarlo lo más cerca posible de la realidad práctica (concepto pragmático) y el estudio intensivo de un fenómeno

(impactos de la Revolución Tecnológica en la educación de Macapá) en lugar de la búsqueda de legislación (concepto idiográfico), se trata de revisiones y complementos sucesivos de los conceptos descubiertos durante la investigación de campo y su interpretación (investigación de exploración cualitativa), así como la creación de conceptos que estimulen la empatía hacia las nuevas perspectivas (concepto sintetizador), parte del intersubjetivismo (acción social), procesos de creación y recreación personal en la interacción con otros (simbolismo cognitivo) e inducciones sucesivas desde el contenido empírico (Gonçalves, 2016).

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLUMER, H. (1982). *El interaccionismo simbólico: perspectiva y método*. Barcelona: Hora, 1969.

CARVALHO, V. D. de. Carvalho; Borges, Livia de O.; Rêgo, Denise P. do. *Interaccionismo Simbólico: Orígenes, Supuestos y Contribuciones a los Estudios en Psicología Social*. Brasília, Revista psicologia, ciência e profissão, 2010.

CAMPOS, Simone Ballmann de. *O impacto das tecnologias no cotidiano escolar: um saber necessário na educação contemporânea*. Revista PerCursos, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 77-86, jan. / jun. 2007.

CHARMAZ, K. *Grounded Theory in Global*. Perspective: Reviews by International Researchers. Qualitative Inquiry, v. 20, n. 9, p. 1074-1084, 2014.

DIOS. Arilda Schimidt. Tipos fundamentales de investigación cualitativa. Diario de Administración de Empresas, v. 35: San Pablo, n. 3. 1995.

GLASER, B. G. *The novice GT researcher*. *The Grounded Theory Review*, v. 8, n. 2, p. 1-21, 2009.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research*. New Brunswick: Aldine Transaction, 1967.

GONÇALVES, Wesley Antonio. *O método grounded theory: um norte teórico segundo o estado-da-arte do último biênio*. Maringá: Revista Cobrad, 2016 .

NICOLACI-DA-COSTA , Ana Maria . *Revoluções Tecnológicas e Transformações Subjetivas*. Brasília: Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa, Mai-Ago 2002, Vol. 18 n. 2, pp. 193-202. Acessado em 30/09/2020 às 11h47.

ROMERO, Pedro. et al. *La educación en su laberinto: análisis y propuestas para una salida*. Rosario: Homo Sapiens, 2017.

SANTOS, Ademar Alves dos. *Cyberbullying, Mídia e Educação à Luz do Pensamento Complexo*. São Paulo, 2017. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação – PPGÉ. Universidade “Nove de Julho” – Uninove. São Paulo, 2017.

STRAUSS, A. L.; CORBIN, J. *Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing Grounded Theory*. California: SAGE, 1998.

DINÂMICA SOCIOAMBIENTAL DA ATIVIDADE DE GARIMPO DE OURO NO MUNICÍPIO DE OIAPOQUE-AP

Carlos Alberto Farias Borges ¹
Eduardo Margarit ²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo fazer uma descrição da dinâmica socioambiental da atividade de garimpo de ouro no município de Oiapoque, Estado do Amapá. Os dados básicos foram obtidos através de entrevistas e questionário enviado via *e-mail* para servidores das instituições que se dispuseram a disponibilizar os dados – IBAMA, ICMBio, Polícia Federal e Exército Brasileiro. Como resultado, concluiu-se que a atividade garimpo de ouro em Oiapoque é uma atividade extremamente degradadora da natureza, concentradora de renda e de riquezas e não contribui para a qualificação dos trabalhadores.

Palavras-Chave: Amazônia; Fronteira; Mineração.

INTRODUÇÃO

A atividade de garimpo de ouro tem uma relevância histórica para a formação socioeconômica do Estado do Amapá. Data do século XVII as primeiras ocorrências de atividades garimpeiras na Região (AMAPÁ, 2010). Desde o século XIX a região de Oiapoque é marcada pela exploração dos recursos naturais, com destaque para o garimpo de ouro e a essência do pau-rosa, que tornou-se um renomado perfume francês reconhecido internacionalmente, o Chanel nº 5, criado em 1921. O século XX foi marcado pela ascensão do ciclo do ouro e o esgotamento da extração do pau-rosa (ALMEIDA; RAUBER, 2017, p. 478).

A “economia do garimpo” reúne diversas atividades como hospedagem de trabalhadores, bares e restaurantes, comércio de gêneros alimentícios e de instrumentos de trabalho, transporte de pessoas e mercadorias até as zonas de garimpo, ocorrência da prostituição e compra, venda e transformação do ouro. O fato

¹ Discente do Mestrado em Estudos de Fronteira da Universidade Federal do Amapá

² Professor da Universidade Federal do Amapá

é que, de um modo geral, a região³ de Oiapoque não se apresenta como uma economia de base rural e muito menos de base industrial. O início do milênio aponta para uma economia mais voltada para a atividade comercial na região (ALMEIDA; RAUBER, 2017, p. 483).

Apesar das transformações ocorridas e do claro declínio observado desde o início do milênio, a atividade de garimpo de ouro ainda persiste como geradora de emprego, de renda e de impactos ambientais na região de Oiapoque. Nesse contexto é que foram postas as seguintes questões de pesquisa: Em que condições naturais e sociais ocorre a atividade de garimpo de ouro no município de Oiapoque? Quais os impactos ambientais que esta atividade causa? Existem potencialidades para o desenvolvimento dessa atividade no município de Oiapoque? Quais são as limitações legais e naturais para o desenvolvimento dessa atividade?

Diante da problemática apresentada, constituiu objetivo geral deste trabalho realizar uma análise da dinâmica socioambiental da atividade de garimpo de ouro no município de Oiapoque. Os objetivos específicos deste trabalho foram: a) caracterizar/contextualizar a dinâmica socioambiental da atividade de garimpo de ouro no município de Oiapoque; b) identificar e analisar os impactos que a atividade de garimpo de ouro causa na água, nos solos, na vegetação e na paisagem; c) apontar as potencialidades e as limitações legais da atividade de garimpo de ouro no município de Oiapoque.

METODOLOGIA

De acordo com a metodologia científica este trabalho classifica-se como pesquisa aplicada, exploratória e descritiva do tipo documental. A pesquisa documental tem como principal característica o fato de que a fonte dos dados, o campo onde se procederá a coleta dos dados, é um documento (histórico, institucional, associativo, oficial etc). O presente trabalho consistiu em uma pesquisa documental que se realizou por meio da análise de documentos, provenientes de órgãos públicos, documentos oficiais, relatórios e fontes estatísticas (censos).

³ Ressalta-se que num primeiro momento deste artigo, Oiapoque é compreendida como região, categoria de análise que considera o contexto histórico de sua formação, ressaltando os vínculos transfronteiriço [sic] que delegam ao Oiapoque particularidades, inclusive ao desenvolvimento regional (ALMEIDA; RAUBER, 2017, p. 476)

Os órgãos públicos onde foi feita a coleta de dados foram o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), o Exército Brasileiro e a Polícia Federal. Como técnica de coleta de dados, foram enviados, via *e-mail*, questionários aos responsáveis por estes órgãos em Oiapoque e realizadas entrevistas semi estruturadas.

A análise espacial do garimpo – condições naturais e impactos ambientais – foi realizada através de levantamento de campo que consistiu de registro fotográfico, observação de campo, interpretação de imagens de satélite e utilização de mapas temáticos da área de mineração e entorno.

O diagnóstico do garimpo – impactos ambientais, potencialidades, limitações – levou em consideração a identificação e análise de impactos na água, nos solos e na vegetação, o potencial de uso dos sedimentos e do minério de ouro e as limitações legais, com base nos dados coletados nas instituições visitadas

A categoria central de análise deste trabalho é o espaço geográfico a partir de uma visão dialética. O espaço como produto das relações sociais, isto é, a defesa da noção de espaço como algo socialmente construído. Todos os problemas sociais e ambientais apontados neste trabalho são fruto de uma dinâmica particular de organização do espaço sob a lógica do garimpo, que se desenvolve através de uma rede de ilegalidades, que envolve trabalho ilegal, informal, não atendimento à legislação trabalhista e ambiental, entre outras vulnerabilidades.

O recorte espacial deste trabalho de pesquisa foi o município de Oiapoque, mais especificamente os sítios de garimpo de ouro localizados às margens dos rios Cricou, Anotaie e Marupi, todos afluentes da margem direita do rio Oiapoque e também no rio Cassiporé. O recorte temporal considerou os últimos dez anos de atividade de garimpo de ouro em Oiapoque, isto é, de 2010 a 2019. O ano de 2010 marcou o início da Operação Harpia de luta contra o garimpo ilegal por autoridades da Guiana Francesa, que significou a migração de garimpeiros para intensificar a atividade de garimpo de ouro em solo brasileiro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para alcançar os objetivos propostos foi feita uma descrição de como se desenvolve a atividade de garimpo de ouro em Oiapoque, com destaque para a dinâmica socioambiental desta atividade. De fato, a atividade de garimpo de ouro, nos moldes em que está se desenvolvendo em Oiapoque, apesar de contribuir para a economia do município, traz consigo impactos sociais e ambientais de difícil ou de impossível reparação. Os principais resultados alcançados na pesquisa referem-se aos aspectos econômicos, sociais e ambientais da atividade de garimpo de ouro em Oiapoque.

O levantamento de dados primários e secundários apontou que a atividade garimpeira é concentradora de renda e traz poucos benefícios para os trabalhadores em termos de capacitação para o trabalho e distribuição de riquezas. De acordo com o que foi observado, trata-se de uma atividade que traz diversos riscos aos trabalhadores, devido à falta de segurança, riscos de acidentes de trabalho, além de claramente descumprir a legislação trabalhista.

Algumas referências também foram analisadas no processo de diagnóstico dos impactos ambientais da atividade garimpeira (BRASIL, 2017, 2018; LIMA, 2013; MINISTÉRIO DA DEFESA, 2019). Os danos ambientais ficam por conta da degradação da cobertura florestal, do desencadeamento de processos erosivos, contaminação das águas superficiais e do lençol freático por óleo e metais pesados, assoreamento e turbidez dos cursos d'água. A saúde das populações ribeirinhas que dependem das águas dos rios para suas tarefas diárias e para sua alimentação à base de peixes fica comprometida devido à contaminação pelo mercúrio, oriundo da atividade garimpeira.

CONCLUSÕES

De todo o exposto, o potencial de desenvolvimento da atividade de garimpo de ouro deve levar em consideração a participação das comunidades atingidas no planejamento e execução da atividade, para que fiquem claros para as populações atingidas os benefícios e os prejuízos que a atividade pode trazer. Além disso, é preciso tomar providências para mitigar os danos sociais e ambientais e seguir rigorosamente a legislação ambiental e trabalhista. E, por fim, dado que a atividade de garimpo é transitória, devido ao exaurimento dos recursos, é necessário que se deixe um legado

ao término da atividade, com o objetivo de mitigar os danos sociais e ambientais possivelmente causados.

A maior dificuldade encontrada na coleta de dados para a pesquisa foi o levantamento de campo, tendo em vista que os sítios de garimpo estão em locais de difícil acesso dentro da floresta, e é necessário um grande esforço de logística para chegar até eles. Apesar das dificuldades, este objetivo da pesquisa foi atingido e o levantamento de campo, fartamente ilustrado com fotos, foi realizado. O que mais causou surpresa na fase de coleta de dados foi a grande quantidade de processos de pedidos de pesquisa e lavra garimpeira em áreas nitidamente demarcadas como Unidades de Conservação, federais e estaduais, e na proximidade das terras indígenas. Caso esses processos sejam deferidos, haverá grande impacto ambiental e social nas Unidades de Conservação e nas populações indígenas.

Para solucionar ou mitigar ou impactos negativos da atividade garimpeira as sugestões são estimular a participação da comunidade local nas decisões que envolvem a atividade, seguir rigorosamente a legislação ambiental e trabalhista e pensar no legado que será deixado após o término da atividade. Os órgãos fiscalizadores devem se fazer mais presentes no controle da atividade e o uso de mercúrio deve ser definitivamente banido. Este trabalho pode servir de base aos órgãos responsáveis pelo planejamento e execução de políticas públicas referentes ao meio ambiente, geração de emprego e renda e desenvolvimento regional no Estado do Amapá.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. S; RAUBER, A. L. Oiapoque, aqui começa o Brasil: a fronteira em construção e os desafios do desenvolvimento regional. **Redes**, Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 22, n. 1, janeiro-abril, 2017.

AMAPÁ. Governo do Estado do Amapá. Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA). **Diagnóstico do Setor Mineral do Estado do Amapá**. Macapá: IEPA, 2010.

BRASIL. SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA POLÍCIA FEDERAL NO AMAPÁ. **Lauda Pericial Criminal nº 443/2018**. Macapá: Setor Técnico-Científico da Polícia Federal, 2018.

BRASIL. SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA POLÍCIA FEDERAL NO AMAPÁ. **Relatório Final do Inquérito Policial nº 33/2015**. Macapá: Diretoria Regional Executiva da Polícia Federal, 2017.

LIMA, D. P. **Avaliação da contaminação por metais pesados na água e nos peixes da bacia do rio Cassiporé, Estado do Amapá, Amazônia, Brasil**. (Dissertação de Mestrado). Macapá: Universidade Federal do Amapá, 2013.

MINISTÉRIO DA DEFESA. Exército Brasileiro. **Nota de Coordenação Doutrinária 001/2019**. Extração Mineral Irregular. Macapá: 34º BIS, 2019.

LONGEVIDADE E APROPRIAÇÃO ICONOGRÁFICA: Aspectos Históricos da Mentalidade e Demonização em torno da Estética de Baphomet

Rafael Trindade Heneine⁴
Matheus da Cruz e Zica⁵

RESUMO

A análise iconográfica de um símbolo pode revelar, nos elementos que o compõe, detalhes de sua possível origem histórica. Foram identificadas características icônicas que aparentemente se assemelham com a imagem de Baphomet, em obras de arte e desenhos que retratam o diabo antes mesmo de sua existência. Baphomet, segundo a representação feita pelo ocultista francês Éliphas Levi, influenciou a simbólica esotérica na França do século XIX, como pudemos verificar especificamente também em Portugal, e também no Brasil. Propomos apresentar uma introdução das evidências históricas e das informações iconográficas obtidas para, de forma plausível propor uma análise, e assim sugerir um *leitmotiv* para que impregnasse na imagem de Baphomet uma mentalidade medieval, ocorrendo sua demonização. Será através da iconografia que apresentaremos nosso desenvolvimento e resultados, assim como as descrições de Éliphas Levi sobre Baphomet.

Palavras-chave: Baphomet; Demonização; Iconografia; Mentalidade.

⁴ Mestre e Bacharel em Ciências das Religiões, UFPB. Licenciado em História, UNESA. Membro do Grupo de Pesquisas Raízes, PPGCR – UFPB.

⁵ Pós-doutor pela FPCE – Universidade de Coimbra. Mestre e Doutor em Educação, UFMG. Licenciado em História, UFMG.

INTRODUÇÃO

Não é de se esperar que longos períodos históricos sejam analisados atualmente, devido ao afinamento e aos recortes que delimitam uma análise, para com segurança e rigor suficientes, hipóteses surgirem. Também não é intenção deste artigo adentrar tanto assim no passado, pois perderíamos no tempo e suas evidências não seriam nada interessantes. Existe, entretanto, uma questão relevante que não pode ser ignorada, que é a longevidade iconográfica que se evidenciou por um conjunto de imagens. Assim, permear estes horizontes de investigação pode sugerir uma hipótese para tal longevidade, a princípio estética, pois parece residir na estética e na forma que conceituam o “diabo”, que pairam o *medo* e *horror* impregnados pelo imaginário dos crédulos.

Nosso objetivo é apresentar evidências históricas sobre os elementos pictóricos e simbólicos que configuram a imagem de *Baphomet* e sua posterior demonização na França do século XIX (MCINTOSH, 2011; MICHELET, 1860). É interessante frisar que inclusive em Portugal e até no /Brasil essa influência migrou, mas antes mesmo desta pretensão, consideramos prudente buscarmos compreender pelo ponto de vista estético, a mentalidade por trás dessa longevidade iconográfica, pois a ojeriza e preconceito com o *outro* cultural se apresentam vivaz na mentalidade ocidental.



Figura 1 - BAPHOMET⁶

A linearidade histórica está nas evidências materiais ligadas às estéticas semelhantes, em questão com a de Baphomet, que não traz em si próprio a origem do *horror* e do *medo* pelo diabo, mas embarcou nesta concepção, de forma tardia e bem posterior ao imaginário já impregnado, do qual Baphomet foi incorporado na França oitocentista. A temporalidade histórica está na evidência dos elementos iconográficos, pois representam uma mentalidade longeva expressa na arte, nos símbolos. Pretendemos demonstrar essa linha do tempo de nosso objeto, nas amostras encontradas.

Se os motivos clássicos usados em grande variedade nas imagens cristãs tiveram uma sobrevivência contínua (PANOSFSKY, 1986, p. 30), espera-se que este *leitmotiv* faça parte de uma mentalidade de época, ou épocas, *zeitgeist*, visões de mundo, em tempos curtos ou longos dependendo de como foram preservados e posteriormente se evidenciarem.

Uma mentalidade que desde o medievo europeu ocupou a mente dos homens com seres e lugares fantásticos ou maravilhosos, aonde regiões como os desertos e os mares eram habitados por animais híbridos, seres semi-humanos e inclusive bestas

⁶Eliphas Levi. Dogma e ritual de Alta Magia. p. 220; p. 336 – 352. Pensamento, 1997.

gigantes (LE GOFF, 1994, p. 55-65), relacionando certas situações ao diabo, deve ser visto então como uma produção de um ou mais artistas, com algo singular em comum e que em alguns casos consideráveis, um padrão é seguido por estes artistas.

Vejamos alguns exemplos, como que matizes, do que pode ser identificado na produção material, de artistas, poetas, escritores, arquitetos e desenhistas, que possam ter relação estética com a imagética do diabo, dentro do imaginário longo europeu em relação a tal criatura. Neste caso, buscamos semelhanças plásticas com a representação de Baphomet feita pelo ocultista francês Eliphas Levi⁷ (1997, p. 220; p. 336 - 352), no que diz respeito aos elementos que o compõem, como chifres, asas, aspecto de bode, seios, entre outros. Um híbrido conjunto de elementos simbólicos, de uma aparência, o que veio a causar repulsa em seus observadores mais incautos, aterrorizados pelos próprios pecados e o medo do diabo, seu algoz, uma mentalidade de época comum na França Oitocentista (HUTIN, 1960; MCINTOSH, 2011). Acreditamos que com alguns exemplos poderemos apresentar como rastros de um possível fio desta mentalidade expressa na iconografia, o que se identificou foram contextos e conceitos de um tipo iconográfico em particular.

O aspecto monstruoso, com cauda, orelhas de animais, barba de cabra, pés deformados ou patas, chifres, e asas de animais, segundo Eco, surgiu “somente a partir do século XI” (ECO, 2007, p. 92). Para Le Goff “o diabo está quase totalmente ausente das imagens cristãs até o século IX” e somente no ano 1.000 que ele assume “uma representação específica enfatizando sua monstruosidade e animalidade” (LE GOFF & SCHMITT 2002, p. 319). O que nos explica Nogueira é que segundo as escrituras sagradas, tanto para hebreus, judeus e cristãos, o diabo, desde o velho testamento até o novo testamento, tem sua presença marcada (NOGUEIRA, 2002, p. 13-19) e que é através do advento do cristianismo que se consolida a crença do diabo na tradição ocidental (NOGUEIRA, 2002, p. 25-27). Por outro lado, é somente a partir do século XII que as várias formas figurativas na qual o diabo era apresentado começam a surgir, as quais Nogueira chama de “*esparsa e muitas vezes contraditórias*”.

Começaram a se organizar “reunidas em uma coerente e uniforme sistematização dogmática” (NOGUEIRA, 2002, p. 50-51), pois juntamente com a

⁷Eliphas Levi era Alphonse Louis Constant (1810-1875) um escritor e ocultista francês, sendo seu pseudônimo Eliphas Levi Zahed, utilizado para assinar suas obras, um mote mágico.

imagem vem seus significados, dogmas, etc. Pelo que nos parece é justamente nestes períodos citados por estes pesquisadores, entre os séculos X e XII, que começam a aparecer evidências de uma estética consideravelmente padronizada da aparência do diabo, “pinturas representando o diabo não são comuns até o século XII, quando as representações do Juízo Final e do inferno povoaram a imaginação dos fiéis e as paredes das igrejas” (NOGUEIRA, 2002, p. 63).

LONGEVIDADE HISTÓRICO-ICONOGRÁFICA: séculos X ao XVII

Não convém retrocedermos demasiadamente, todavia, tratando-se de uma iconografia longeva, não podemos ignorar seus rastros mais antigos. Minimamente vejamos alguns exemplos, levando em conta os autores e o diálogo figurativo/cronológico que propomos sobre o diabo na introdução. Começemos como está evidenciado em uma das várias pinturas sacras do Mosteiro de Rila⁸, Bulgária, fundado na primeira metade do século X, pelo reverendo John Rilski⁹.



Figura 2 - Demônios – Mosteiro de Rila, Bulgária.

A imagem (figura 2) mostra pessoas hipoteticamente sendo atormentadas por demônios, que são representados com asas, chifres, rabo e seios, este último, semelhante ao que veremos também na imagem “El diablo” no Tarô de Marselha.

Temos também o exemplo de Vicente de Beauvais¹⁰ (1190-1264), um frade dominicano, que escreveu o *Speculum Majus (Speculum Historiale)*, que era usada como uma das principais enciclopédias durante a Idade Média. Nesta obra se encontra uma

⁸<http://www.rilskimanastir.org/bg/about/virtual-tour/> - visitado em 03 de agosto de 2017 às 06:06 am.

⁹<http://www.rilskimanastir.org/bg/about/> - visitado em 03 de agosto de 2017 às 06:22 am.

¹⁰https://www.arlima.net/uz/vincent_de_bauvais.html - visitado em 17 de novembro de 2017 às 01:11 am.

figura do diabo (figura 3), com asas, chifres, pelos no corpo, em outra representação deste tipo iconográfico, com asas nos pés.



Figura 3 - Diabo - SpeculumHistoriale – Vicente de Beauvais.

No caderno de um arquiteto francês do século XIII, Villard de Honnecourt (1200-1250), uma imagem (figura 4) de um ser híbrido, metade bode, de chifres, orelhas, patas, pelos, rabo, porém com características humanoides, se encontra ali desenhado, provavelmente um sátiro e nenhuma referência ao diabo, exceto sua aparência sugestiva (CARREIRA, 1997, p. 19).



Figura 4 – Sátiro - Villard de Honnecourt.

No Bestiário de Aberdeen¹¹, do ano 1.200 aproximadamente, temos um sátiro, com rabo e chifres, o corpo coberto com o que aparentam ser penas, orelhas de bode e aspecto humanoide (figura 5)¹².



Figura 5 – Sátiro - Bestiário de Aberdeen.

Na obra dos Irmãos de Limbourg¹³ (1385–1416), temos o inferno representado com a figura do diabo ao centro (figura 6), coroado, como que preso a uma grelha e enquanto sofre, ele mesmo gera dor. Nele há asas, chifres, garras, que também fazem parte dos demônios que torturam as almas¹⁴:



Figura 6 – O Diabo - Irmãos de Limbourg.

¹¹<https://www.abdn.ac.uk/bestiary/> - visitado em 15 de janeiro de 2017 às 15:01 pm.

¹²<https://www.abdn.ac.uk/bestiary/ms24/f13r> - visitado 15 de janeiro de 2017 às 15:25 pm.

¹³<https://gebroedersvanlimburg.nl/> - visitado em 10 de abril de 2018 às 08:30 am.

¹⁴<https://artrianon.com/2017/01/24/obra-de-arte-da-semana-o-manuscrito-les-tres-riches-heures-du-duc-de-berry/> - visitado em 20 de fevereiro de 2016 às 02:33 am.

No Tarô de Marselha, século XV, de autoria anônima, a carta *Le Diable* (figura 7) contém aspectos estéticos que lembram Baphomet, aonde a forma andrógina é então percebida de forma sugestiva. Chifres, seios, asas e a face de um homem formam os elementos icônicos, ou seja, como dito o expressional tende a evocar forte lembrança da imagem de Baphomet.



Figura 7 – Carta *leDiable* – Tarô de Marselha.

Ainda no século XV, que inclusive é o período em que este tipo iconográfico se evidencia consideravelmente, temos a pintura “*São Wolfgang e o diabo*”, de Michael Pacher (figura 8), um pintor e escultor austríaco de estilo gótico, que atuou durante o último quarto do século XV, representando o diabo de chifres, asas, patas de bode e de semblante um tanto desagradável.



Figura 8 – Diabo – “São Wolfgang e Diabo” de Michael Pacher.

Na Inglaterra, Willian Shakespeare (1564 -1616), poeta, dramaturgo e ator inglês, em sua obra *Sonho de uma noite de verão*, descreve na narrativa um ser chamado *Puck*, que é uma entidade mitológica da Bretanha. Esse mesmo *Puck* foi depois representado na obra “*Robin Good-Fellow*” (figura 9), que apresenta no frontispício da cópia impressa de 1628, em Londres. Uma imagem de um ser com seios, chifres, um falo exposto, segurando em uma das mãos uma vela acesa, pertinente aos rituais de magia, e noutra uma vassoura, típica do imaginário pertinente às bruxas, que dançam ao seu redor, assim como está descrito sobre o imaginário e as crenças populares sobre a magia na Inglaterra, durante os séculos XVI e XVII (THOMAS, 1991):

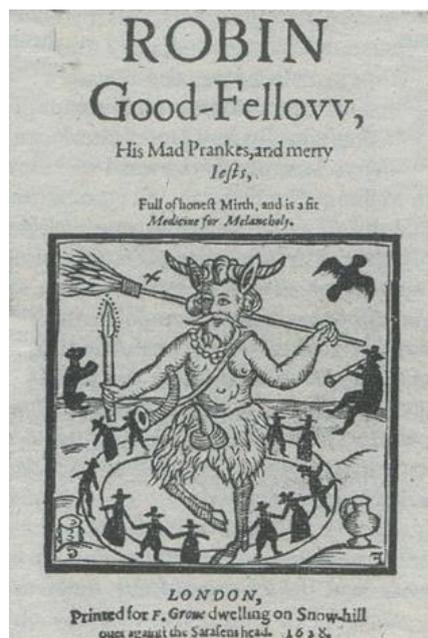


Figura 9 – Robin Good-Fellow.

Meados do século XVIII e início do XIX temos, na Espanha o pintor Francisco de Goya (1746 - 1828), que em sua obra “*El Gran Cabrón*” (figura 10), pintado entre 1819-1823, também conhecida como *O Sabbath das bruxas (feiticeiras)* há uma representação de um grande bode, rodeado por bruxas em uma espécie de ritual, tipo sugestivo ao Baphomet no aspecto expressional pré-icônico (PANOFSKY, 1986, p. 21), de um bode com características humanoides:



Figura 10 – “El Cabron” de Franciso de Goya.

Essas imagens até aqui mostradas constituem parte de uma imagética e de um imaginário que contemplam numa larga escala temporal, elementos de permanência plausíveis de serem observados e analisados, o que não será feito aqui, pois estas imagens não têm nenhuma relação com Baphomet, ao menos não diretamente, senão com os próprios motivos empregados que cada indivíduo tinha quando fizeram as produções acima apresentadas.

A única relação que elas nos trazem é de fazerem parte de um tipo iconográfico, associado muitas vezes ao diabo. Ora, é neste ponto em questão que nos detemos: atributos imagéticos que configuram a ideia do diabo. Tenhamos em mente que um conjunto de imagens foi tomado como “retratos do diabo”, pois se em determinados momentos retrataram aparentemente o diabo sem o ser de fato, como por exemplos faunos e sátiros demonizados, sem serem demônios, mas entidades da natureza - sabe-se que são entidades da natureza pertencentes ao folclore europeu – em outros retrataram o diabo explicitamente. Contudo, todas elas podem nos demonstrar como o imaginário imagético que se associava ao diabo era representado: asas, chifres, seios, pés e pernas de bode, com a genitália exposta, etc. As pessoas não se importavam com o folclore, eram tidos todos eles como representação do diabo, na longa duração da luta do cristianismo contra as espiritualidades locais consideradas dentro do escopo maior do paganismo.

Dessa forma, as possíveis influências que este imaginário teve sobre Baphomet ficam mais fáceis de explicitar verificando estes elementos iconográficos de permanência como parte de uma mentalidade, o que será analisado adiante. E aqui devemos esclarecer que essas artes apareceram em partes distintas da Europa, mesmo com inúmeras mudanças políticas e geográficas do território europeu, desde a Idade Média, passando pela transição para a Idade Moderna, até o início da Idade Contemporânea. É justamente por isto que nos atemos à imagem como uma evidência material da continuidade histórica, como que resistindo às mudanças. Agora, o impacto que este tipo de mentalidade exercia nas pessoas, ao ponto de permanecer, independente de contextos políticos, bélicos, etc., certamente pode ser atribuído ao papel da religião pois não são poucas as narrativas de torturas e assassinatos nos registros do Santo Ofício, logo que os tribunais inquisitoriais estavam

aonde o cetro clérigo do cristianismo Romano alcançasse, Portugal, Espanha, inclusive no Brasil colônia (WOLFF & WOLFF, 1991/1992).

Juntamente com um imaginário imagético do diabo, já estava impregnado o *medo*. Delumeau nos apresenta a história do *medo*, num período entre 1300 e 1800 d. C., a qual compreende desde o *medo* de malefícios (DELUMEAU, 2009, p. 93) e fantasmas (DELUMEAU, 2009, p. 120), passando pelo medo da noite (DELUMEAU, 2009, p. 139), da morte por fome (DELUMEAU, 2009, p. 252), até medos escatológicos, que adentraram a Idade Moderna, por exemplo, por meio da pregação de monges nômades e do teatro religioso. O *medo* de que um *Juízo Final* teológico acometesse o pecador ou o herege e a busca pela aceitação divina, abandonando o paganismo e aderindo ao cristianismo como única verdade, era algo comum, sendo a alma da pessoa protegida por Deus e seus anjos de ser tragada para o inferno pelo anti-Cristo (DELUMEAU, 2009, p. 302 - 348).

Ainda, o *medo* de estrangeiros judeus e mulçumanos (cristãos novos), (DELUMEAU, 2009, p. 386 - 451), da mulher como bruxa, feiticeira (DELUMEAU, 2009, p. 476), como visto na figura, dos cultos agrários (DELUMEAU, 2009, p. 548), e dentre estes, está o *medo* de satã (DELUMEAU, 2009, p.354), e é importante frisar, que dos medos citados acima, a figura de satã, além dele próprio, costumeiramente se mostra presente, na noite, na mulher, etc.

Podemos verificar em algumas pinturas, por exemplo, que a figura de satã¹⁵ está atrelada aos medos escatológicos, roubando, levando a alma para si, com relevância na predominância dos elementos iconográficos atribuídos à figura do diabo até aqui. Um destes exemplos é a figura contida em um manuscrito iluminado¹⁶, feito por Jean Miélot, nascido em Gueschard, Picardia, falecido em 1472 (figura 11). Miélot foi autor, tradutor, iluminador manuscrito, escriba e sacerdote. Serviu como secretário de Felipe, o Bom, um príncipe francês da terceira ramificação borgonhesa da Dinastia Capetiana, e então duque de Borgonha entre 1449 e 1467¹⁷. Na imagem vemos uma disputa entre anjos e demônios por uma alma. Asas, chifres, rabo, e semblante de

¹⁵ Satã, Lúcifer, Diabo, Demônio, Inferno, são diferentes etimologicamente mas na mentalidade ocidental, relacionado ao medo, ocupam papéis próximos, senão os mesmos (DELUMEAU, 2009, P. 355-360).

¹⁶<https://www.wdl.org/pt/sets/illuminated-manuscripts/map/>

¹⁷https://books.google.com.br/books?id=H7VFJAK8LSUC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

animais, seguem em evidência, agora valorizando o medo escatológico, de fim e julgamentos próximos. Na arte, o “medo de satã, estreitamente associado no senso comum, à espera do Fim dos Tempos”(NOGUEIRA, 2002, p. 95)



Figura 11 – Demônios e Anjos Lutando pela alma – Jean Miélot

No século XV estamos permeando a passagem para a Idade Moderna, de modo que a mentalidade medieval acerca do diabo estava ainda impregnada na sociedade (CHAIN, 2003, p. 42-43). E como visto nos exemplos já apresentados neste capítulo, segue junto deste padrão iconográfico, o *medo* do diabo, que é como um dos atributos essenciais para a perpetuação desse tipo de mentalidade até o século XIX, além do *horror*, repugnância à sua imagem, *feioso*.

E não é somente o *medo* que estava impregnado na mentalidade ocidental, mas o *horror* daquilo que era tido como não belo, que não se adequava ao senso comum, estético, simétrico, e a privação deste estilo, deste padrão de beleza, era o *feio* que causava *horror*. Então é na *feiura* explorada por Eco (2007) que vamos encontrar um *feio* técnico, mas não somente, pois aqueles que desdenham a *feiura*, se a tem com alguma definição muito precisa, simétrica, geométrica e, até anatômica, adquiriram também por parte de costumes herdados, empiricamente, de uma tradição.

Da abordagem sobre o *medo* em Delumeau (2009), e da *feiura* em Eco (2007), está a concordância de se tratar de aspectos emocionais da mentalidade ocidental, de modo que apresentam variações tanto sobre os tipos de *medo*, como sobre os tipos de

feiura identificados. Eco nos traz a *feiura* associada ao diabo (ECO, 2007, p. 90), à satanás (ECO, 2007, p. 179-216), ao inferno (ECO, 2007, p. 82), às bruxas (ECO, 2007, p. 203), etc. Como que em um *tour*, Eco nos traz exemplos iconográficos durante a leitura do livro, bem ao estilo do qual propomos na introdução sob esta influência, que fazem parte de uma mentalidade, e os tipos de arte produzidas que evocam estes motivos, como a obra de Jacques Le Grant *Le livre dès bonnes moeurs*, do século XV (2007, p. 94). Nesta obra temos o diabo representado com chifres, rabo, orelhas pontudas e patas de bode, outro exemplo típico. Nesta intenção Eco tenta nos trazer o horrendo desta figuração (figura 12).



Figura 12 – *Le Livre des Bonnes Mœurs* – Jacques le Grant.

Levemos em conta que emoções como repugnância, asco e ojeriza fazem parte do *horror* estimulado pela *feiura* representada na figura do diabo, aspecto este que também está como um possível fator *motriz* para esta longevidade icônica, que inspira motivos iconográficos.

O que propomos é que os elementos iconográficos, acompanhados de um apelo emocional também originado no *medo* e no *horror*, migraram, na marginalidade que a cultura ocidental lhes impunha. E entre os sincretismos em geral estava a tradição europeia de magia, curandeirismo e bruxaria, sempre na marginalidade da sociedade (ANDRADE, 2002b, p. 105).

BAPHOMET: apropriação iconográfica e demonização nos séculos XVIII e XIX

Até aqui apresentamos esses exemplos para entendermos com que tipo de mentalidade estamos lidando, pois esta é estruturada através da imagem, que possui aspectos impregnados dos quais apontamos o *medo* e o *horror*, que supomos impulsionar o homem a produzir ou enxergar nas artes a imagem do diabo, repetitivamente durante períodos históricos, dos exemplos que apresentamos, do século X ao XVII.

As imagens citadas neste artigo lembremos vindas com todo um arcabouço imaginário demonológico e/ou inquisitorial, têm uma possível relação no que tange as emoções do *medo* e do *horror*, impregnadas nas artes de uma sociedade muitas vezes considerada como patológica no que diz respeito aos assuntos cristãos. Então vejamos, falamos de uma mentalidade impregnada na estética.

E na França do século XVIII e XIX, quando surge a figura aterradora de Baphomet (FERNANDES; DE SÁ & GANSOHR, 2013), não foi diferente, pois além desse imaginário demonológico para com figuras que tem chifres, asas, partes do corpo de animais e aparência horrenda, Baphomet é atribuído a tradições mágico-religiosas que de alguma forma tenham tido algum vínculo com os Templários, como a maçonaria por exemplo (MICHELET, 1860), e isto foi uma junção de fatores e exemplos por aproximação.

Os Templários, conhecidos como *Pauperes com militones Christi Templique Salomonici*, então, a *Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão*, tiveram sua fundação no século XI:

[...]fundada por Hugues de Peyens durante as cruzadas do século XI, fornecia serviços ao rei Baldwin I de Jerusalém: a sua função era policiar as rotas dos peregrinos, protegendo-os dos sarracenos. Os serviços foram bem vistos pelo regente, que ofereceu aos cavaleiros a mesquita de Al-Aqsa, onde estavam supostamente as ruínas do Sagrado Templo de Salomão. (BAÇAN, 2007, *apud* FERNANDES; DE SÁ & GANSOHR, 2013)

E existiram como Ordem então, até o século XII, quando foram perseguidos,

[...] em 13 de outubro de 1307, quando os Templários tinham amealhado fortunas maiores do que as da Igreja Católica, o então rei da França, Filipe IV, planejou uma investida contra os Templários. Com a benção do Papa Clemente V, o rei capturou o Grão-Mestre Jacques de Molay e demais representantes da Ordem, além de

causar-lhes consideráveis baixas. (BAÇAN, 2007 *apud* FERNANDES; DE SÁ & GANSOHR, 2013).

Seu Grande Mestre Jacques de Molay foi morto, queimado como herege em 18 de março de 1314 (SILVA, 2001a, p.54). Uma das acusações era a adoração ao diabo, que na sua provável personificação, atribuíram com a imagem de Baphomet, sendo desde então, considerado como um demônio (SILVA, 2001a) ou a própria personificação de satã. Há, entretanto, que ser mencionado que não afirmamos que os Templários tinham relação alguma com Baphomet e nem iremos investigar aqui as informações sobre a etimologia do nome Baphomet, como suas origens históricas e míticas, ordens ou religiões em geral. O nosso foco aqui é nos direcionarmos a partir das descrições de Eliphas Levi, donde estamos seguros de sua evidência como um símbolo de Luz (LEVI, 1997, p. 343), e a estética e mentalidade que resultaram na demonização do mesmo.

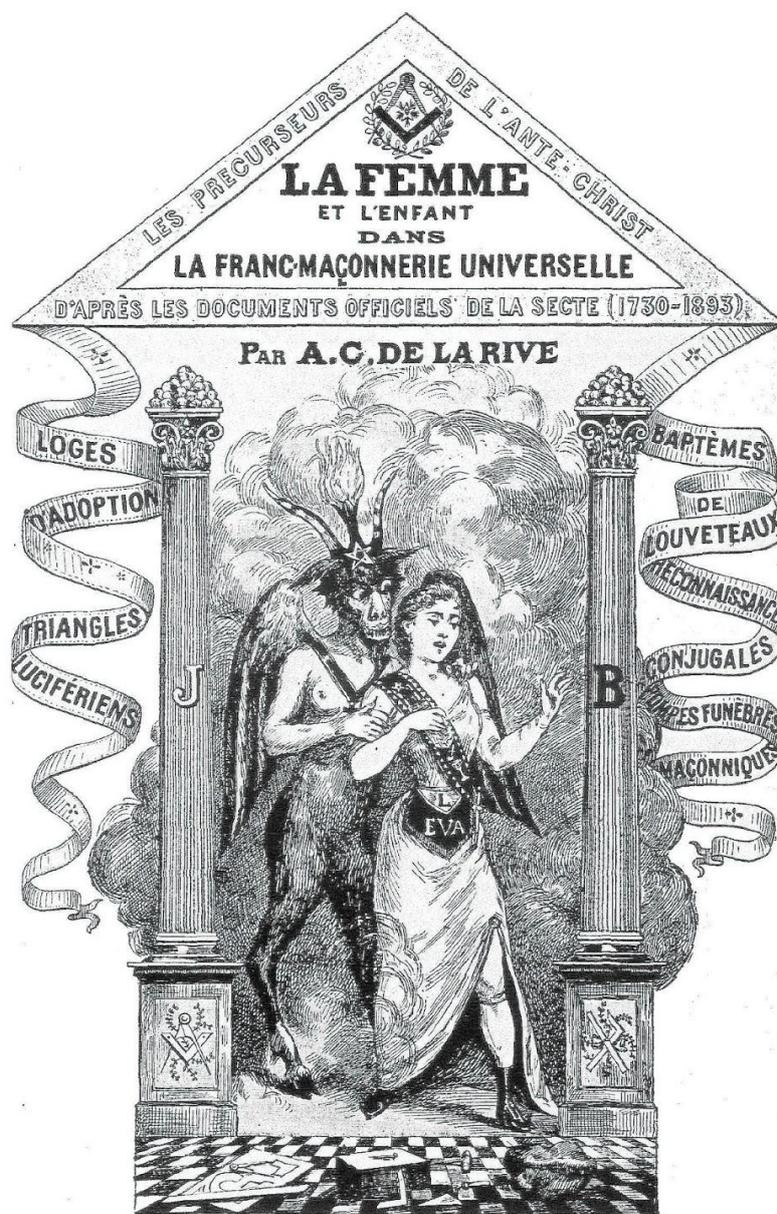
No século XIX, precisamente em 1848 escreveu uma obra intitulada de “*Dogma e Ritual de Alta Magia*”, da qual explicações sobre Baphomet fazem parte de seu corpo, sendo esta imagem por nós utilizada para fazer uma conexão iconográfica. Sobre a Maçonaria, ainda no século XIX e meados do século XX, movimentos anti-maçônicos liderados por Marie Joseph Gabriel Antoine Jogand Pagès (1854-1907), conhecido como Leo Taxil, escritor e jornalista francês, atribuíam à maçonaria, origens e pretensões ligadas à adoração de Satã, que Leo Taxil comparava principalmente com a imagem de Baphomet. Em seu jornal *Os mistérios da Franco Maçonaria* (Figura 13), sua imagem sempre esteve presente de forma maligna (HUTIN, 1960; MCINTOSH, 2011).



Figura 13 – Jornal Os mistérios da Franco Maçonaria, publicado por Leo Taxil.

Seu amigo público, Abel Clarin de laRive (1855-1914), anti-maçom declarado, também utilizava-se desse jornal e de seus próprios desenhos, na tentativa de difamar a Maçonaria. Em um desses desenhos, demonstra Baphomet seduzindo Eva, que se veste como uma meretriz da época, vislumbrando de forma indecente sua perna, que aparece para fora da saia numa tentativa de sugerir uma promiscuidade latente, quando a imagem de Baphomet era utilizada de forma a associar os franco-maçom com a ideia de adoradores de Satã (HUTIN, 1960; MCINTOSH, 2011). Vale observar o

que está escrito em francês, que pode ser traduzido como “Os precursores do anti-Cristo, de acordo com os documentos oficiais da seita” (figura14), eram panfletos anti-maçônicos.



DELHOMME & BRIGUET, ÉDITEURS

Figura 14 – Arte por Abel Clarin de La Rive.

Na França, das evidências que dizem ter os maçons relação hereditária ou não com os Templários, isso não nos interessa agora, ou que Baphomet seja adorado, cultuado ou não por estas ordens, também não é nosso foco neste momento. O que de fato nos interessa aqui é compreender que existem evidências históricas de uma mentalidade de que a Maçonaria estava ligada aos Templários e que estes eram pactuados com o diabo. Para a sociedade francesa, lembrando que estes eventos

aconteceram nas ruas de Paris, era algo aceitável e explicitamente verdadeiro (MICHELET, 1860, p. 375), o que apesar das evidências levantarem hipóteses bem contundentes, não afirmamos isso, devido ao caráter de perseguição e intolerância no discurso de um aparente proselitismo apologético.

Próximo ao território Francês, em Portugal, entre os séculos XVI e XVII, no imaginário mágico português, os chamados “*homo magus*”¹⁸ de Bethencourt (2004), eram perseguidos por seus envolvimento com magia (BETHENCOURT, 2004, p. 131-200), assim como há evidências das execuções feitas pelo tribunal do Santo Ofício, por motivo da santidade negada às mulheres visionárias de Portugal (PIERONI, PALLAZO & SABEH, 2007), consideradas então bruxas. No século XIX o Grande Oriente Lusitano foi fundado pelos Maçons, exatamente em 1802, sendo essa uma evidência Maçônica em Portugal. A presença do imaginário mágico e dos processos inquisitórios que ali estiveram presentes para conter o paganismo são exemplos de possíveis circularidades.

Esse hibridismo ocorreu nos ritos mágicos europeus, sendo um exemplo os Sabás. Os Sabás eram de cultura europeia, com uma riqueza cultural contida nas religiões mágicas se configuravam através de manifestações do sobrenatural, que as religiões de tradição oral e material, na tentativa de preservar a cultura de seus ancestrais. Essa demonização um tanto deturpada se dá pelos constantes conflitos criados pela Igreja Cristã, a perseguição, a tal ponto que nunca se chegava a um acordo entre as imposições do Vaticano.

Porém, este mesmo tipo de mentalidade, que se diz inquisitorial, é percebida ao longo dos anos, no século XIX como no caso do Maçom Hipólito da Costa, cidadão brasileiro que indo a Portugal foi detido a longas horas de interrogatório e a privação de direitos básicos (CAVALCANTI, 2015, p. 113 -137), não sendo um caso, temos estimado que dos processos inquisitoriais realizados em Lisboa referentes a pessoas nascidas ou residentes no Brasil, a cifra é superior aos 17.000 (WOLFF & WOLFF, 1991/1992, pp. 92 - 94)

Essa perseguição devemos enfatizar aqui, estava impregnada também em notícias, das quais nas vendas de jornais do século XIX, a exemplo, no Brasil, eram identificados um imaginário inquisitorial em relação a rituais e práticas mágicas, uma

¹⁸ “*homo magus*”, designada assim por Bethencourt, para se referir aos magos em Portugal, ou aos pagãos que se dedicavam as práticas mágicas, e por isso perseguidos (BETHENCOURT, 2004, p. 163)

mentalidade preconceituosa, intolerante que migrou, aonde nem escravos eram isentos de rigor quanto as suas práticas mágico religiosas, sendo identificados quando fosse o caso (FREYRE, 2012, p. 161-162).

Na segunda metade do século XIX em diante, mais precisamente a partir de 1875, surgem ordens esotéricas, sociedades secretas, círculos iniciáticos, fraternidades e centros de pesquisa, dentre estes. Na França, entre 1885 e 1888, são fundadas as ordens:

[...] “Martinista, por Gerard Encausse, conhecido como Papus; a ordem cabalística da Rosa-Cruz, por Stanislas de Guaita; Sociedade Alquímica da França, por Jovillet-Castellot, juntamente com o grande ocultista Saint-Yves D’Alveydre, autor do controverso livro *Missão da Índia*”, (RAMACHANDRA, 2010, p. 24.).

Também na Inglaterra e,

[...] “... em vários outros lugares do mundo surgem entidades parecidas, como a famosa Ordem Hermética da Aurora Dourada, fundada em 1888 na Inglaterra e fortemente inspirada em rituais de origem maçônica. Suas principais figuras são Samuel Mac-Grigor Mathers e W. Wyn Westcott, mas várias personalidades da época integraram a Ordem, como o famoso “mago” Edward Alexander Crowley – sim, ele mesmo, Aleister Crowley, o fundador da Igreja de Thelema e um dos líderes da Ordo Templi Orientis (OTO), fundada por Karl Kellmer em 1896”, (RAMACHANDRA, 2010, p. 24.).

E ainda outras surgem. Temos Léon Hyppolite Dénizart Rivail, com pseudônimo de Allan Kardec, que configura a doutrina espírita. Outro exemplo é de Helena Petrovna Blavatsky também fundando a Sociedade Teosófica. Sobre Aleister Crowley há um outro fato a ser mencionado. O mesmo acreditava ser Το Μεγα Θηριον¹⁹, e reconhecia em si mesmo a significação para Baphomet. Na foto abaixo pode-se ver algo possivelmente relacionado a isso (figura 15), e a escrita Baphomet abaixo de “Θ in ⋈” (Sol em Capricórnio).

No fim do século XIX e início do XX teremos a migração de tradições como a Maçonaria, Rosa-Cruzes, Teosofistas, Thelemitas, Kardecistas, entre outras instituições mágico religiosas como participantes desse êxodo. Em meio a essa movimentação cultural estava também o português Antônio Olívio Rodrigues, fundador do Círculo

¹⁹ A Grande Besta.

Esotérico da Comunhão do Pensamento, em solo brasileiro. Em solo brasileiro também circulavam os livros como o de Eliphas Levi, *Dogma e Ritual de alta Magia*, e outros, como *As clavículas de Salomão*, de Lemegeton Clavicula Salomonis; *A Ciência Cabalística* de Lenain, e ainda os escritos de Aleister Crowley, como sua “Goetia” editada da versão original de McGragor Mathers.



Figura 15 – Foto de Aleister Crowley – Baphomet.

Curiosamente algumas evidências históricas atribuem à Ordem da Maçonaria como uma das principais participantes na formação da nação brasileira, dois exemplos são o da Inconfidência Mineira e da Conjuração Baiana como possíveis articulações maçônicas. Nesse cenário Baphomet era tido como o “bode preto da Maçonaria”. Tanto o triângulo, símbolo da Inconfidência, como os pentagramas, símbolos da Conjuração, foram atribuídos ao “bode preto da Maçonaria” (BARROSO, 1990 [1958], p. 168-180), e isso se deu pelos movimentos anti-maçônicos que existiram no Brasil (COSTA, 2009), assim como foi na França, ao que parece, a perseguição se estendeu além-mar, o que evidentemente não pode ser afirmado de modo categórico.

Lembremos de Ginzburg quando diz que a “transmissão das *Pathosformeln* depende de contingências históricas, as reações humanas a essas fórmulas” (2014, p. 11), contingências que façam a coisa visível perdurar, se manter viva na história em evidências de imagens, símbolos, emblemas, etc, fatos que possibilitaram a migração simbólica (D’ALVIELLA, 1995) de Baphomet. Ora, se migram tradições, migram seus livros, conhecimentos e símbolos, tudo migra com eles, assim como a mentalidade, as emoções (*Pathosformeln*), um hibridismo também dependente das variadas reações em relação a objetos, terminologias e situações, para se compor os resultados de alguma relação híbrida (BURKE, 2010), oriunda de concepções anteriores a sua existência. Por isso mesmo, podemos afirmar, inadequadas para se concluir o que é a coisa em si, informação originária de uma histeria coletiva.

O que Baphomet significa de fato, de acordo com as descrições de Eliphas Levi, é que ele é o “o bode de Sabbat ou de Mendes” e representa a matéria corruptível, no que diz respeito ao bode expiatório, significa a condição de sacrifício dos desejos carnis. O Bode representa o fogo, o fogo que expia, que consome o pecado do homem vil, um fogo simbolicamente sacrificial (LEVI, 1997, p. 336 e 337). Na concepção de Eliphas Levi Baphomet é um emblema que trata de mostrar caminhos para que o homem busque sua espiritualidade, a reintegração com as virtudes humanas.

Baphomet contém em todo seu complexo simbólico “enigmas da ciência antiga”, e ainda, que não se trata senão de “um hieróglifo inocente e até piedoso”, e com isto podemos perceber que a imagem ter aparência horrenda significa que devemos lidar com o horror de certas verdades, nesse caso concernentes ao homem enquanto um ser consciente e racional, e ainda assim falível, limitado, que necessita de luz e equilíbrio espiritual. Para Eliphas Levi, toda a ciência que ele apresenta em seu livro é nessa busca de iluminação, conhecimento das forças ocultas e utopia de manipulá-las a seu favor ou de um grupo de pessoas, inclusive a humanidade. A imagem de Baphomet faria mesmo parte desse complexo (figura 16)²⁰:

[...] “O bode, que é representado no nosso frontispício, traz na frente o signo do pentagrama, com a ponta para cima, o que é suficiente para fazer dele um símbolo da luz; faz com as mãos o sinal do

²⁰HENEINE, Rafael Trindade. *Saravá Exu-Maioral: mentalidade, iconografia e etnografia de uma imagem itinerante*. João Pessoa: UFPB, 2018.

ocultismo, e mostra em cima a lua branca de Chesed, e embaixo a lua preta de Geburah. Este sinal exprime o perfeito acordo da misericórdia com a justiça. Um dos seus braços é feminino, o outro é masculino, como no andrógino de Khunrath, cujos atributos tivemos de reunir aos do nosso bode, pois é um único e mesmo símbolo. O facho da inteligência que brilha entre os seus chifres é a luz mágica do equilíbrio universal; é também a figura da alma elevada acima da matéria, embora esteja presa à própria matéria, como a chama está presa ao facho. A cabeça horrenda do animal exprime o horror do pecado, de que só o agente material, único responsável, deve para sempre sofrer a pena: porque a alma é impassível por sua própria natureza, e só chega a sofrer, materializando-se. O caduceu, que está em lugar do órgão gerador, representa a vida eterna; o ventre coberto de escamas é a água; o círculo que está em cima é a atmosfera; as penas que vêm depois são o emblema volátil; depois, a humanidade é representada pelos dois seios e os braços andróginos desta esfinge das ciências ocultas”, (LEVI, 1997, p. 337 e 338).

O pentagrama voltado para cima como símbolo do microcosmos, significa a consciência mágica no controle dessa matéria, e por isso está disposta na frente, na testa da cabeça de bode, de onde a vontade e a iluminação têm sua origem, sendo um símbolo de luz; o facho da inteligência divina, em chamas na sua cabeça é a luz das influências eternas, é um símbolo da luz e do equilíbrio espiritual, exprimindo o perfeito acordo da misericórdia com a justiça, já que nas associações as *sephiroths* da Árvore da Vida são mencionadas (LEVI, 1997, p. 338); e ainda, o *solve* escrito no braço direito, com a mão para cima de Baphomet, e o *coagula* escrito no braço esquerdo de Baphomet, com a mão voltada para baixo, tem uma significação ligada a alquimia, mas não é nossa intenção aprofundar nestas questões.

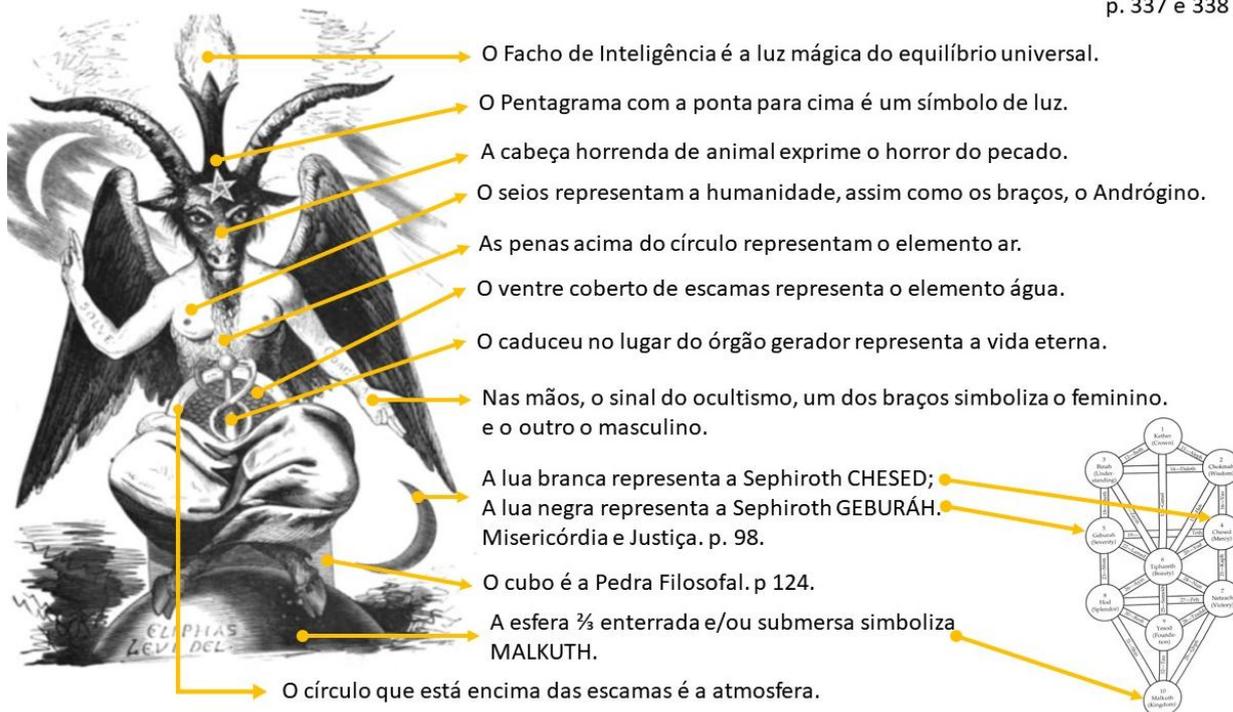


Figura 16 – Iconografia e Simbologia – Baphomet.

As asas segundo Eliphaz são o símbolo de Ísis, que neste caso retiram o ser para o lugar espiritual, de purificação, expiação, ermo, deserto, afastamento do mundo material:

[...] “A mulher revestida do sol e coroada de doze estrelas é a Ísis celeste; é a gnosis, cujo filho a serpente da vida material quer devorar; porém, ela toma as asas de uma águia e foge para o deserto, protestação do espírito profético contra o materialismo da religião oficial”, (LEVI, 1997, p. 306 e 307).

Em *Baphomet*, o caduceu está no lugar do órgão gerador e representa a vida eterna e o fogo purificador da vida, seu ventre coberto de escamas é a água, e o círculo que está em cima é a atmosfera e assim como suas asas são o emblema volátil, e a humanidade que está ligada ao mundo material, e por isso à terra, é representada pelos dois seios, fazendo uma relação aos quatro elementos (LEVI, 1997, p. 338).

Nem todas as relações serão possíveis de fazer, levamos em conta aqui que a demonização latente e a falta de ciência da época diante do desconhecido, fez com que superstições sem argumento plausível impregnassem em uma emblema do ocultismo francês do século XIX, toda uma ojeriza oriunda de uma mentalidade com mais de 800 anos de permanência histórica. O que foi minimamente suficiente para

que rastros iconográficos nos dessem nas fontes de análise a concordância que procurávamos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que a proposta da mentalidade sobre a estética que retratou o diabo, de forma longeva, era pertinente pois como vimos era uma questão de pontuar as fontes e demonstrar como é possível que tão longeva mentalidade de demonização persista num estilo artístico, pois nem sempre eram pintados demônios, mas sátiros e faunos, que não eram demônios.

Percebemos que uma mentalidade estava impregnada de emoções, *medo* e *horror*, na estética que se relaciona ao diabo e que a mesma encontrou na imagem de Baphomet, séculos XVIII - XIX, um novo receptáculo. Em contraste com as significações passadas por Eliphas Levi, que nos dão alguma noção de como a tradição ocultista da França nos séculos XVIII e XIX considerava Baphomet, um emblema de transmissão de conhecimento e aprofundamento simbólico, peculiar aos ensinamentos esotéricos da época, “um hieróglifo inocente e até piedoso”. Lembremos que a iconografia nos acompanhou em todo momento, sem as evidências materiais apresentadas nas figuras expostas, este trabalho estaria fadado à incompreensão dos leitores, por isso o corpo de imagens denso neste trabalho, pois a fala para nós deve estar ligada ao ícone do qual se fala, ser, ou serem visualizados com nitidez, se possível.

Para os estudos acadêmicos a relevância está em demonstrar este *status* dinâmico que existe nos empréstimos culturais, porque a imagem concreta, enquanto algo que surge e define em breve, é diferente de um imaginário e uma imagética que estão impregnados de antecedentes, de longevidade tal que lhe foram fundamentais para sua atual configuração. Os estudos iconográficos aplicados por Panofsky (1986) já tendem a ficar entre o histórico e o etnográfico, porque para os estudos iconográficos as fontes bibliográficas, fundamentam em conjunto a *cosmo visão, a Weltanschauung*, como vimos aplicada em Panofsky (1986). E ainda não nos esqueçamos que nossas análises fundamentaram-se na investigação da constante elucidação das emoções geradas nas pessoas, de *medo* e *horror*, emoções estas que estão como que em “fórmulas de emoções”, *Pathosformel* (GINZBURG, 2014) que fazem da repercussão e

utilização destas imagens como um *leitmotiv*, onde também residem alguns dos motivos iconográficos, motivos estes aonde repousam seus reais significados, e sem uma investigação na tradição que origina estes motivos, conceitos deturpados sobre o mesmo podem ocorrer.

REFERÊNCIAS

- ASSUMPÇÃO, Maurício Torres. **A História do Brasil nas ruas de Paris**. São Paulo: Casa da Palavra / Leya, 2014.
- BARROSO, Gustavo. **A história Secreta do Brasil**. Volume1. Porto Alegre: Revisão Editora LTDA, 1990(1958).
- BETHENCOURT, Francisco. **O imaginário da magia: Feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: UNISINOS, 2010.
- CARREIRA, Eduardo. **Estudos de Iconografia Medieval**. Caderno de Villard de Honnercourt, arquiteto do século XIII. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.
- CAVALCANTI, Carlos André. **No imaginário da Intolerância**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHAIN, Iza, **O Diabo nos porões das caravelas**. Juiz de Fora: Editora UFJF & Pontes editora, 2003.
- COSTA, Luiz Mário Ferreira. **Maçonaria e Anti-maçonaria: Uma análise da “História secreta do Brasil” de Gustavo Barroso**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora em História como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História. 2009
- D’ALVIELLA, Conde Goblet. **A Migração dos Símbolos**. São Paulo: Pensamento, 1995.
- DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente, 1300 – 1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ECO, Umberto. **História da Feiúra**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- FERNANDES, Ganem Ermelinda; DE SÁ, José Felipe Rodriguez & GANSOHR, Matheus. **Aterradora transcendência? Uma análise simbólica do Bafomé de Eliphaz Levi**. Horizonte, Belo Horizonte, v. 11, n. 31, p. 1129-1149, jul./set. 2013.
- FIGUEIREDO, Joaquim Gervásio de. **Dicionário de Maçonaria**. Baphomet, p. 72. São Paulo: Pensamento, 1990 (1974).
- FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. ISBN 978-85-260-1717-7 (recurso eletrônico). São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2012.
- GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. DIFEL: Lisboa, 1989; & BERTRAND: Rio de Janeiro: 1991.
- _____. **Medo, Reverência, Terror; Quatro ensaios de iconografia política**. São Paulo: Companhia das Letras. 2014.
- _____. **Mitos, emblemas e sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

- _____. **O Fio e os Rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GOMBRICH, E. H. **Imágenes simbólicas: estudo sobre el arte del Renacimiento**. Madrid: Alianza Editorial, 1986.
- HENDERSON, Joseph L. **O homem e seus símbolos**; Cap. 2, Os mitos antigos e o homem moderno. Org.: Carl Gustav Jung. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- HUTIN, Serge. **Les Francs-Maçons**. Collections Microcosme "Le temps qui court". France: Éditions du Seuil, 1960.
- LE GOFF, Jacques. **O imaginário Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- _____. & SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Livro 2. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- LEVI, Eliphas. **Dogma e ritual da alta magia**. São Paulo: Pensamento, 1997.
- MCINTOSH, Christopher. **Eliphas Levi and French Occult Revival**. London: SUNY Press, 2011.
- MICHELET, M. Jules. **History of France**. New York: D. Appleton And Company, 1860.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O diabo no imaginário cristão**. São Paulo: Ática, 1896.
- PANOFSKY, Erwin. **Estudos de iconologia: temas humanísticos na arte do Renascimento**. Lisboa: Estampa, 1986.
- PIERONI, Geraldo - PALLAZO, Carmen Lícia & SABEH, Luiz Antônio. **Entre Deus e o Diabo: Santidade reconhecida e santidade negada na Idade Média e inquisição portuguesa**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- Janeiro, v. 23, nº 1, p. 169-174, jan/jun 2010.
<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/48/48>
- RAMACHANDRA, Adilson silva. **"O Pensamento" em evolução: Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, 100 anos – 1909 – 2009**. São Paulo: Pensamento, 2010.
- SAMPAIO [FRANÇA], Dilaine Soares. Vol. 2, **"Àròyé": Um estudo histórico antropológico do debate entre discursos católicos e do candomblé no Pós-Vaticano II**. São Paulo: Fortune Editora / João Pessoa: Ed. Univesitária UFPB, 2012.
- SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na idade média**. Bauru, SP: EDUSC, 2007.
- SILVA, Pedro. **História e mistérios dos templários**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001a.
- SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa cruz. Feitiçaria e Religiosidade Popular no Brasil Colônia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a.
- THOMAS, Keith. **Religião e o declínio da magia: crenças populares na Inglaterra nos séculos XVI e XVII**. São Paulo: companhia das Letras, 1991.
- WOLFF, Egon & WOLFF, Frieda. **Dicionário Biográfico VII. Processos de inquisição de Lisboa referentes a pessoas nascidas ou residentes no Brasil e outros estudos**. Rio de Janeiro: Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, 1991/1992.